



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

ANDRÉ MARCÍLIO CARVALHO DE AZEVEDO

**ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES INFINITIVAS EM
*OS DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO***

Salvador
2006

ANDRÉ MARCÍLIO CARVALHO DE AZEVEDO

**ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES INFINITIVAS EM
*OS DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Salvador
2006

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

A994 Azevedo, André Marcílio Carvalho de.
Estudo das construções infinitivas em "Os diálogos de São Gregório"
/ André Marcílio Carvalho de Azevedo. - 2006.
161 f. : il.

Orientadora : Profª, Drª. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.

1, Gramática gerativa. 2. Língua portuguesa - Infinitivo. 3. Língua portuguesa - Caso. 4. Língua portuguesa - Sujeito e predicado. I. Ribeiro, Ilza Maria de Oliveira. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III Título.

CDU - 81'364
CDD - 415

A

Maria José de Carvalho e Azevedo – avó paterna, já na Pátria Espiritual –
poetisa e professora das primeiras letras.

“Cada língua é um sistema rigorosamente organizado, em que tudo se liga”.

Paul-Jules-Antoine Meillet, 1921

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil, pelo investimento financeiro;

A Ana, companheira e incentivadora, pelo sustentáculo afetivo;

À Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, que me incentivou a adentrar a vida acadêmica;

A Cristiana, Laís e Carla, funcionárias do PPGLL, pela solicitude constante;

Aos estudantes de graduação da disciplina *Linguística V* (2005.1), cujas perquirições propeliram-me a uma reflexão mais detida sobre os postulados teóricos basilares da teoria gerativa;

Aos colegas da disciplina da pós-graduação *Tópicos em Diacronia* (2004.2), pela partilha de algumas de suas intuições de falantes nativos, utilizadas nesta dissertação;

À Professora Ilza Ribeiro, não só por me ter apresentado a gramática gerativa, mas também:

– pelas orientações elucidativas na descrição dos dados e pela indicação de textos sobremodo inspiradores que, em seu conjunto, facultaram-me a macrovisão necessária dos fatos da língua aqui abordados, permitindo-me esboçar uma hipótese sobre os mesmos;

– pela sensibilidade e escrúpulo pedagógico, ao alinhar intuições e indutivamente conduzir-me ao aprendizado, de tal modo que o fruto das reflexões pudesse ser creditado de fato a mim; e

– pela paciência no tocante às minhas limitações de vária ordem, exortando-me à auto-superação inadiável, através do estímulo fraternal e das diretrizes disciplinadoras, que, ao final, me têm proporcionado a aquisição de valores inalienáveis, sobretudo pessoais.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1. INTRODUÇÃO	10
2. PRINCÍPIOS E PARÂMETROS: NOÇÕES PERTINENTES	13
2.1. OS PRINCÍPIOS A E B NA DERIVAÇÃO DE UMA TIPOLOGIA DAS CATEGORIAS VAZIAS	13
2.2. A TEORIA DO CASO	16
2.3. INFINITIVAS DE CONTROLE	17
2.3.1. Evidências de PRO e demais categorias vazias: Princípio de Projeção e Critério Temático	19
2.3.2. Distribuição de PRO: a condição da não-regência	20
2.3.3. Padrões de Controle: uma tipologia	23
2.3.4. Construções de co-referência com infinitivo flexionado	27
2.3.5. Propriedades referenciais de PRO segundo o estatuto sintático da oração infinitiva	29
2.4. ALÇAMENTO	31
2.5. A MARCAÇÃO EXCEPCIONAL DE CASO	32
3. O PROGRAMA MINIMALISTA	34
3.1. INFINITIVAS DE CONTROLE: O CASO NULO DE PRO	34
3.2. INFINITIVAS DE MARCAÇÃO EXCEPCIONAL DE CASO	36
3.3. INFINITIVAS DE ALÇAMENTO	38
3.4. OUTRAS ABORDAGENS MINIMALISTAS AO CONTROLE	39
3.4.1. PRO como vestígio: Controle por movimento	39
3.4.2. A hipótese do verbo leve em uma visão unificadora do Controle	43
4. A ANÁLISE DOS DADOS	50
4.1. INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO: COMPLETIVAS E RELATIVAS ..	50
4.1.1. Completivas verbais: Controle sujeito	50
4.1.2. Completivas nominais	69
4.1.3. Relativas sem antecedente: Controle sujeito	73
4.2. CONTROLE E CO-REFERÊNCIA EM ADVERBIAIS	73
4.2.1. Co-referência e Controle sujeito	74

4.2.2. Controle arbitrário	79
4.2.3. Controle objeto: opções restritas	80
4.3. CONSTRUÇÕES DE MARCAÇÃO EXCEPCIONAL DE CASO	85
4.3.1. Verbos perceptivos	85
4.3.2. Verbos causativos	91
4.3.3. Verbos <i>enviar</i> e <i>achar</i> como de marcação excepcional de Caso ..	100
4.4. INFINITIVAS DE ALÇAMENTO	103
4.4.1. Verbo <i>poder</i>	103
4.4.2. Verbo <i>dever</i>	112
4.4.3. Verbo <i>haver (de)</i>	116
4.4.4. Verbo <i>começar (a)</i>	118
4.4.5. Verbo <i>soer</i>	121
4.4.6. Verbo <i>vĩr</i>	124
4.4.7. Outros verbos menos frequentes	125
4.5. CONSTRUÇÕES SUBJUNTIVAS: CONTRAPARTES DO CONTROLE OBJETO NO PORTUGUÊS ARCAICO.....	127
4.5.1. Co-referência ao objeto direto: alternativas às completivas de Con- trole	128
4.5.2. Co-referência ao objeto indireto	134
5. O PROBLEMA DA INCOMPATIBILIDADE	144
5.1. INCOMPATIBILIDADE PARCIAL DE PRO NO PORTUGUÊS	144
5.2. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA AS INFINITIVAS LATINAS	147
5.3. O PAPEL DA REANÁLISE NA MUDANÇA DO PADRÃO DE COMPLE- MENTAÇÃO DO CONTROLE OBJETO	150
5.4. O INFINITIVO FLEXIONADO E A SUPERAÇÃO DO PI	155
6. CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS	161

RESUMO

A presente dissertação resulta de um estudo das construções infinitivas canônicas dos livros Primeiro, Segundo e Terceiro do *corpus A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos Diálogos de São Gregório”*, à luz do modelo Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, com alguns comentários de adequação ao Programa Minimalista. As análises compreenderam os três grupos de construções infinitivas canônicas: infinitivas de Marcação Excepcional de Caso, infinitivas de Alçamento e infinitivas de Controle. Quanto a estas últimas, não foram registradas construções completivas de Controle objeto com verbos prototípicos de Controle objeto do português dos nossos dias, como *pedir* (ou qualquer verbo arcaico equivalente) e *dizer*. Ocorrem nestes casos, no lugar das completivas infinitivas, completivas **subjuntivas** cujo sujeito nulo é co-referencial ao objeto (direto ou indireto) da sentença-matriz. Levantou-se a hipótese de que este padrão de complementação em construções equivalentes às construções de Controle de objeto atuais constitui resíduo tardio de uma estratégia disponibilizada pelo latim para lidar com o chamado *Problema da Incompatibilidade* entre PRO e o infinitivo daquela língua, que apresentava especificações de Tempo. Em determinado momento histórico da língua, a transformação daquele padrão de complementação subjuntiva em direção às atuais infinitivas de Controle objeto pode ter tido como elemento predisponente a ambigüidade gerada pela proximidade semântica entre completivas de Controle e adverbiais finais, para alguns casos; mais recentemente, o surgimento tardio do infinitivo flexionado reintroduziu o *Problema de Incompatibilidade* em uma versão simétrica à que ocorrera no latim: por ter o infinitivo português especificações de pessoa, assoma a hipótese de que o português teve de constituir nova estratégia para “driblar” este novo *Problema da Incompatibilidade*, estratégia essa que consiste na proliferação do infinitivo flexionado em direção a ambientes em que, antes, só a forma não flexionada era permitida.

Palavras-chave: Alçamento, Caso, Controle, co-referência, infinitivo, sujeito nulo.

ABSTRACT

This work aims at describing the infinitival structures in the books One, Two, and Three of the corpus *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos Diálogos de São Gregório”*, within the Principles and Parameters approach, though comments concerning the Minimalist Program have been added. The analyses have included the main three groups of infinitival constructions, viz., Raising Infinitives, Exceptional Case-marking Infinitives and Control infinitives. In the latter group, Object-Control complement clauses were not found with the prototypical present-day object-Control verbs, like *pedir* (or another archaic equivalent verb) and *dizer*, occurring instead **subjunctive** subordinate clauses whose null subject is co-referential to the object (direct or indirect) of the main clause. As an approach to this absence of Control complement clauses, there arises the hypothesis that this constitutes a late echo of a strategy which was made available in latin, in order to deal with the so-called *Incompatibility Problem* between PRO and infinitivals in that language, which showed Tense specifications. The change of that subjunctival pattern of complementation towards the present-day Object-Control infinitives might have been triggered by ambiguity between semantically-close Control complementation and purpose infinitive adverbials, at least for some cases; having in mind that the appearance of the inflected portuguese infinitive has reintroduced the *Incompatibility Problem* in a symmetrical fashion, regarding the latin one (for portuguese infinitive allows Person specifications), there arises the hypothesis according to which the progressive proliferation of the inflected portuguese infinitive towards new environments, in which only the non-inflected forms were allowed, constitutes a strategy to overcome the *Incompatibility Problem* in portuguese.

Keywords: Case, Control, co-reference, infinitive, null subject, raising.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de um estudo, de modo geral, das construções infinitivas dos Livros *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro* do corpus *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos Diálogos de São Gregório”*¹, com ênfase nas chamadas *construções de Controle*, do ponto de vista da teoria gerativa, mais precisamente o modelo *Princípios e Parâmetros* (CHOMSKY, 1981), com alguns comentários de adequação ao quadro teórico minimalista (CHOMSKY, 1995).

Os *Diálogos de São Gregório*, atribuídos ao Papa Gregório I (540-604) – escritos provavelmente depois de 593, quando o monge Gregório já se tornara papa –, constituem um conjunto de narrativas maravilhosas organizadas em quatro livros e representam uma literatura “religiosa pragmática”, que tinha por objetivo a “formação do homem cristão” (Mattos e Silva, 1993)².

A tríplice distinção tipológica estrutural das orações infinitivas, estabelecida pela Gramática Gerativa, inspirou a separação dos dados inicialmente em três grupos principais: construções de Controle (com infinitivo não flexionado), de Marcação Excepcional de Caso e de Alçamento. As construções com infinitivo flexionado foram catalogadas separadamente.

Cada um destes grupos foi classificado internamente de acordo com o estatuto funcional da oração infinitiva, a saber, discriminaram-se completivas, subjetivas, adjetivas e adverbiais.

¹ Constitui parte da Tese de Doutoramento de Mattos e Silva (1971).

² As cópias utilizadas por Mattos e Silva (1971) para a edição crítica dos *Diálogos* consistem em três versões em português (manuscrito Serafim da Silva Neto, provavelmente anterior a 1380; os códices alcobacenses XXXVI/181 e XXXVII/182, respectivamente, de 1416 (a versão mais recente) e provavelmente das 1^{as} décadas do século XV); e dois códices em latim, a saber, códice alcobacense XXXXV/176 e códice 73 da Biblioteca do Porto. Os três documentos em português estão incompletos, mas integram-se, permitindo a reconstrução de um texto completo em português arcaico dos *Diálogos de São Gregório*.

Na descrição dos exemplos, buscou-se mapear a posição dos argumentos de ambos os predicados, bem como o estatuto nulo ou realizado dos argumentos, clítico ou não, entre outras características sintáticas das construções.

Uma construção de Controle pressupõe uma estrutura de subordinação e pode ser definida como uma co-referência entre o sujeito nulo do verbo de uma oração infinitiva subordinada e um argumento qualquer do verbo principal. O símbolo PRO representa o sujeito nulo da predicação encaixada³:

(1) João₁ pediu a Maria₂ a PRO₂ fazer as pazes com Pedro

(2) João₁ disse a Maria₂ para PRO₂ fazer as pazes com Pedro

A co-indexação nas sentenças em (1) e (2) acima indica que PRO co-refere, respectivamente, com o objeto direto e com o objeto indireto do verbo principal. Esse tipo específico de Controle é denominado de Controle objeto, ou Controle de objeto, sendo as construções chamadas de construções de Controle de objeto direto, ou indireto⁴.

Notou-se, no *corpus*, a ausência absoluta de construções de Controle com os verbos que hoje tipicamente selecionam completivas de Controle de objeto, como os verbos de petição e declarativos dos exemplos em (1) e (2). Em lugar de infinitivas que caracterizariam o Controle, ocorrem invariavelmente completivas subjuntivas de sujeito nulo. Observem-se as duas ocorrências com os verbos *rogar* (cujo argumento interno não-sentencial ocorre sempre não regido por preposição no *corpus*, diferentemente do padrão atual); e *dizer*, típico verbo de controle de objeto **indireto** no português contemporâneo:

(4) (a) dsg.3.17.40 E porque a corda per que tiravan quebrava muito ameudi, rogaron [o seu meestre]₁ **que** pro₁ **lhes emprestasse a cadea** (...)

(b) dsg.1.31.5 E o sacerdote andava podando sa vinha e disse a [os mandadeiros]₁ **que** pro₁ **se veessen** e que logo se el verria depós eles.

Este padrão de co-referência, em lugar das modernas construções de Controle de Objeto, levou a que se estabelecesse um novo grupo de dados, a saber, construções **subjuntivas** cujo

³ O capítulo 2 (seção 2.1) apresenta uma discussão mais detalhada das características de PRO.

⁴ Veja-se uma tipologia completa no capítulo 2, sessão 2.3.

sujeito nulo é co-referente ao objeto (direto ou indireto) do verbo a que a subjuntiva está subordinada.

Ao final do exame dos dados buscou-se levantar hipóteses sobre a constância do padrão de complementação no *corpus*, referido no exemplo em (4), bem como relacioná-lo com aspectos hoje vigentes na gramática do infinitivo português.

No capítulo 2, definem-se os conceitos da teoria de *Princípios e Parâmetros* que são fundamentais para as discussões levadas a efeito neste trabalho; no capítulo 3, é introduzido o estado atual das questões, isto é, o desenvolvimento daqueles conceitos, após o advento do Minimalismo. No capítulo 4, é realizada a análise de dados e, no capítulo 5, estabelecem-se algumas hipóteses sobre o padrão geral de Controle de objeto do português trecentista, com as quais, à guisa de conclusão e com base em uma visão de língua como um sistema altamente interconectado, tenta-se fazer associações teórico-empíricas entre alguns aspectos históricos da sintaxe do infinitivo e seu comportamento atual no PB.

Apesar de a exposição teórica do capítulo três apresentar, de maneira resumida, diferentes abordagens para os fenômenos atinentes a sentenças infinitivas, e em particular ao problema do Controle, este trabalho não chega a assumir uma análise formal para os fatos lingüísticos aqui enfocados. Priorizou-se, em vez disto, realizar uma descrição bastante detalhada dos dados⁵, com apoio na visão tradicional dos fenômenos aqui enfocados, deixando para trabalhos posteriores um aprofundamento nas questões teóricas.

Espera-se que os dados descritos nesta pesquisa possam contribuir para a elucidação de fatos alusivos à problemática do infinitivo e fenômenos correlatos, vindo a revelar-se de alguma forma úteis a estudos e análises posteriores, por parte dos teóricos.

⁵ A sintaxe das preposições e suas implicações estruturais não serão abordadas nesta dissertação. Para uma descrição pormenorizada de orações subordinadas infinitivas introduzidas por preposição no português do séculos XIII e XIV, veja-se Martins (1994, cap. 1); para um discussão teórica, veja-se Rizzi (1982, cap. 3) e Silva (1996, cap. 5).

2 PRINCÍPIOS E PARÂMETROS: NOÇÕES PERTINENTES

No modelo *Princípios e Parâmetros* (doravante, PP), a boa formação sintática de uma oração baseia-se na satisfação de um número limitado de princípios (Ligação, X'⁶, Teoria do Caso e dos Papéis Temáticos, Princípio de Projeção, etc.) aplicados em três níveis de representação, Estrutura Profunda, Estrutura Superficial e Forma Lógica, e um nível de representação fonética, Forma Fonética⁷. Para uma introdução mais exaustiva a este modelo, veja-se Chomsky (1981, 1982, 1986a e 1986b). A seguir serão apresentados alguns conceitos da abordagem PP que são relevantes para as questões priorizadas na análise e na apresentação dos dados.

2.1 OS PRINCÍPIOS A E B NA DERIVAÇÃO DE UMA TIPOLOGIA DAS CATEGORIAS VAZIAS

O modelo *Princípios e Parâmetros* propõe uma formalização da distribuição e interpretação dos elementos anafóricos e pronominais, vazios ou foneticamente realizados, assim como das chamadas expressões referenciais e das variáveis.

As anáforas, tanto foneticamente nulas quanto evidentes, representam uma classe de elementos nominais que necessita de um antecedente para definir sua referência; a relação entre uma anáfora e seu antecedente é obrigatória e limitada a um domínio de localidade

⁶ Lê-se “xis barra”.

⁷ Daqui por diante, estes níveis serão representados, respectivamente, por DS, SS, LF e PF. Seguindo Raposo (1992), para não fazer proliferar desnecessariamente o rol de acrônimos da teoria, serão adotadas neste trabalho as siglas em inglês, exceto TRL (Teoria da Regência e ligação), para a qual será mantida a forma portuguesa, ao invés de GBT (do inglês, “Government and Binding Theory”).

específico. Uma anáfora como *se* requer um antecedente (ou *ligador*) dentro de um domínio de localidade, chamado de *Categoria de Regência* ou GC (do inglês *Governing Category*):⁸

(1) Ana₁ **se**_{1/*2} adora

em que a anáfora *se* só pode ser ligada por *Ana* e nunca por um elemento qualquer (representado pelo índice 2) fora do domínio oracional. O princípio de ligação para as anáforas é formulado como segue:

(2) Princípio A: uma anáfora deve estar ligada na sua categoria de regência

A relação de co-referência entre um pronome e seu antecedente não é obrigatória, sendo bloqueada se ambos, pronome e antecedente, pertencerem ao mesmo domínio proposicional, podendo no entanto o pronome vincular-se fora deste domínio, como mostra a sentença em (3), em que o domínio mínimo em que o pronome deve estar livre é a oração-*que* encaixada:

(3) Maria₂ disse que Ana₁ adora **ela**_{*1/2}

É, portanto, a não-correferência que define o princípio de ligação para pronomes:

(4) Princípio B: um pronome deve estar livre na sua categoria de regência

As expressões referenciais (ou *Expressões-R*) devem ser livres em relação a todo antecedente realizado em posição-A (isto é, *posição argumental*). Esta condição é formalizada como:

(5) Princípio C: uma expressão-R é livre

O princípio C explica a agramaticalidade de (6):

(6) Ele₁ disse que Pedro_{*1/*2} vai ao teatro

⁸ Para uma visão precisa de Categoria de Regência, isto é, o domínio de localidade no qual uma anáfora deve encontrar seu antecedente, veja-se Haegeman (1994, p. 221, 223, 241).

Em (6), a indexação precedida de asteriscos indica que a expressão referencial *Pedro* não pode ter antecedente, dentro ou fora da Categoria de Regência⁹.

Chomsky (1982) observa que devem existir quatro tipos de categorias nominais que se distinguem pelos traços [+/-anafórico], [+/-pronominal]. A combinação desses traços define o inventário das expressões nominais plenas e das categorias vazias (daqui por diante, CVs):

Traços	DPs evidentes	Categorias vazias
+ anafórico, – pronominal	anáfora lexical	vestígio de DP
- anafórico, + pronominal	pronomes lexicais	Pro
+ anafórico, + pronominal	não há	PRO
– anafórico, – pronominal	expressão-R	vestígio de movimento-QU

No caso das expressões nominais com matriz fonológica (DPs evidentes), a classe das anáforas lexicais inclui os reflexivos e os recíprocos, como *cada um...*, *um ao outro*, etc. A classe dos pronomes lexicais refere-se *ele*, *eu*, etc.. São exemplos de Expressões-R os DPs com núcleo nominal lexical (*João*, *casa*, etc.).

As CVs são simplesmente contrapartes vazias das categorias plenas. Os exemplos em (7) ilustram cada tipo de categoria vazia:

- (7) (a) A bailarina₁ parece t-DP₁ flutuar
 (b) Maria₁ disse que pro_{1/2} vai viajar
 (c) Quem₁ Maria disse que Pedro beijou t-wh₁ na festa?
 (d) Ana₁ gosta de PRO₁ escrever

O vestígio de DP ou *t-DP* (do inglês *trace* – vestígio) em (7a) é o resíduo de movimento de DP para posições argumentais, que ocorre em estruturas de alçamento¹⁰ e passivas. Como as anáforas lexicalmente realizadas, possui antecedente obrigatório. A categoria *pro* é o sujeito nulo de orações finitas de línguas de sujeito nulo. Assim como os

⁹ É importante frisar que os princípios A, B e C da Teoria da Ligação definem as possibilidades ou impossibilidades de relações entre elementos em posição argumental (i.e., *posição A*). Deve-se interpretar *estar ligado / livre* como *estar A-ligado / A-livre*. A noção de A-ligado define-se como:

Estar A-ligado:

β está A-ligado a α se, e somente se, β está ligado a α e α é uma posição-A (RIBEIRO, 1988, p. 31).

¹⁰ Veja-se a seção 2.4, neste capítulo, para uma discussão um pouco mais detalhada sobre verbos de alçamento, e os desenvolvimentos mais atuais das análises, no capítulo 3, em 3.3.

pronomes lexicais, não possui antecedente obrigatório na oração, como indica a coindexação em (7b)¹¹. A construção em (7c) ilustra o vestígio-*qu* ou *t-wh* (também chamado de *variável sintática*): trata-se do produto de movimento-*qu*, isto é, movimento de palavras interrogativas. Esta categoria nula não obedece aos princípios A nem B; não é propriamente anáfora nem pronome, pois liga-se a uma posição \bar{A} (isto é, *não-argumental*), o especificador do CP. A categoria PRO exemplificada em (7d) é o sujeito de infinitivo não-flexionado. Não é produto de movimento, visto que é gerado em DS.

Os traços de PRO, referido na literatura como “anáfora pronominal”, indicam que ele tem propriedades de anáfora e de pronome. Estes traços são conflitantes do ponto de vista da Teoria da Ligação, e será discutido na seção 2.3.2 como a teoria dispõe sobre este conflito.

2.2 A TEORIA DO CASO

A Teoria do Caso é o módulo da gramática que regula o funcionamento da atribuição de Caso aos DPs. O *Filtro de Caso* garante que todo DP pronunciado tenha Caso:

- (8) *[DP] se DP é pronunciado e não pertence a uma cadeia marcada com Caso.

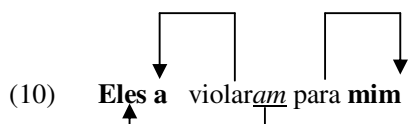
O *Filtro de Caso* livra DPs nulos como PRO da obrigatoriedade de receber Caso. São três os casos pertinentes para a discussão neste trabalho, nomeadamente, o nominativo, o acusativo e o oblíquo. Observe-se o enunciado em (9):

- (9) Os capangas violaram a urna para o prefeito

Em (9), a expressão referencial *os capangas* recebe Caso Nominativo de I, a flexão finita que aparece amalgamada ao verbo *violaram*; *as urnas* recebe Acusativo do verbo *violaram*; e o DP *o prefeito* recebe Caso oblíquo da preposição *para*. A representação informal em (10), em que

¹¹ Chomsky (1982) limita a ocorrência de *pro* à posição-sujeito das línguas *pro-drop* e sugere que a distribuição de *pro* se submete ao princípio de determinação local, a saber: *pro* só pode ocorrer em posição-sujeito regida por I [+Agr]. Assim, a legitimidade de construções com sujeito nulo está correlacionada com a existência de um sistema flexional suficientemente “rico” para determinar os traços gramaticais do sujeito ausente (*apud* RIBEIRO 1988, p. 27).

os DPs aparecem com marcas explícitas de Caso, ilustra estas relações de atribuição Casual, como indicam adicionalmente as setas¹²:



As situações de marcação casual representadas pelas setas que partem da forma verbal apresentadas em (10) são descritas como canônicas em virtude de o núcleo (no caso, o verbo *violar*) marcar o seu próprio complemento e especificador. Nas seções 2.5 e 3.2, será analisado um outro processo de marcação casual, conhecido como *Marcação Excepcional de Caso* (ou ECM, do inglês *Exceptional Case-marking*), o qual se distingue da marcação canônica por envolver um núcleo que atribui Caso a argumentos *de outro núcleo*, por exemplo, como representado pela seta que parte da preposição em (10), envolvendo marcação de Caso pela preposição.

Como se pôde ver em (7) acima, a teoria detecta diferenças básicas entre as três estruturas em (11a) e (11b), e, por extensão, (11c), linearmente similares:

- (11) (a) Ela quer falar inglês
 (b) Ela parece falar inglês
 (c) Ela manda falar inglês

No modelo em apreço, tais diferenças radicam-se em módulos diversos da teoria. Em (11a), (11b) e (11c) tem-se, respectivamente, uma construção de Controle, de Alçamento e de Marcação Excepcional de Caso¹³. As seções seguintes serão dedicadas ao exame de cada um deste tipos.

2.3 INFINITIVAS DE CONTROLE

O problema do Controle diz respeito à interpretação do sujeito nulo de orações subordinadas infinitivas em que o predicado matriz e o da subordinada selecionam argumento

¹² Para uma discussão mais exaustiva da Teoria do Caso, veja-se Haegeman (1994, p. 153-194); em português, veja-se, por exemplo, Miotto, Silva e Lopes (2001, p. 174-211). Radford (1997) oferece uma introdução à questão do Caso no modelo minimalista.

¹³ Tais diferenças serão parcialmente anuladas no Minimalismo (cf. capítulo 3).

externo, como ilustrado na sentença em (12):

(12) Ana quer votar

na qual o sujeito de *votar* é interpretado como sendo co-referente ao DP *Ana*, sujeito da oração matriz. Linguístas trabalhando com a abordagem dos Princípios e Parâmetros assumem que tais infinitivos apresentam uma fenda estrutural para sujeitos, ocupada pela CV rotulada de PRO, como mostra a representação simplificada em (13):

(13) Ana₁ quer [PRO₁ votar]

A representação em (13) indica que a CV PRO tem obrigatoriamente como antecedente o DP sujeito da oração principal¹⁴. Construções como a em (13) são assim chamadas de construções de *Controle obrigatório*. Numa construção de Controle obrigatório, PRO é *controlado*, isto é, tem sua referência fixada por um argumento da oração principal, ao qual se chama o *controlador* de PRO.

Os verbos-matriz que figuram em construções de Controle obrigatório são chamados de verbos de Controle. A relação de Controle, finalmente, é representada formalmente através da co-indexação de PRO com o seu controlador.

A subteoria de PP que se ocupa da interpretação de PRO relativamente à presença/ausência de controlador e à função gramatical deste na oração denomina-se *Teoria do Controle*¹⁵.

Quando PRO ocorre numa oração subjetiva, não é controlado e o seu valor é indefinido, denominado comumente de *arbitrário*:

(14) [PRO_{arb} Desviar verbas] tornou-se lugar-comum

Construções como a em (14) são assim denominadas de *Controle arbitrário*. Confira-se a seção 2.3.3.4 para uma apresentação mais ampla do Controle arbitrário.

¹⁴ De fato, PRO não pode ter aí outro valor referencial, contrariamente ao pronome *ele* em (i), o qual pode ser obviativo: (i) [O João]₁ disse que ele_{1/2} tinha comprado um carro (RAPOSO 1992, p. 332).

¹⁵ Para Raposo (1992, p. 332-333), a Teoria do Controle é “seguramente a teoria menos discutida e mais mal entendida da TRL.” No capítulo 3, seções 3.1 e 3.4 serão discutidas propostas de análise mais recentes, que põem em cheque a Teoria do Controle como módulo independente da Gramática.

2.3.1 Evidências de PRO e demais categorias vazias: Princípio de Projeção e Critério Temático

A motivação da existência das CVs provém de dois conceitos, o *Princípio de Projeção* e o *Critério Temático* (CHOMSKY (1981)).

De acordo com o *Princípio de Projeção* (CHOMSKY, 1981, p. 29), as representações em cada nível sintático (p.e., LF, DS e SS) são projetadas do léxico, no sentido de que respeitam as propriedades de seleção argumental das entradas lexicais. A estrutura temática de um verbo como *fazer*, por exemplo, seleciona dois argumentos, um externo e um interno, aos quais atribui os papéis- θ ¹⁶ AGENTE e TEMA, respectivamente. Representando a estrutura temática de *fazer* como¹⁷:

(15) [DP] fazer [DP]
 θ θ

e considerando que esses papéis- θ constituem uma propriedade inerente da unidade lexical *fazer*, o *Princípio de Projeção* determina que a estrutura em (15) deve subjazer a todas as configurações que contiverem esta unidade lexical, como nos seguintes enunciados¹⁸:

- (16) (a) [[Maria] **fez** [o exercício]]
 (b) Maria quer [[cv] **fazer** [o exercício]]
 (c) [[cv] **fazer** [o exercício]] aborrece Maria
 (d) quem [[cv] **fez** [o exercício]] ?
 (e) o exercício que Maria prometeu [[cv] **fazer** [cv]]

Tendo em vista que o *Princípio de Projeção* determina que o *Critério- θ* ¹⁹ deve ser satisfeito (i.e., as propriedades de seleção do predicado devem ser respeitadas em todos os níveis de representação sintática), a existência de categorias vazias, nos exemplos em (16), é

¹⁶ Lê-se “papéis temáticos”.

¹⁷ Na linha de argumentação, na esquematização em (15) e nos exemplos em (16), sigo Ribeiro (1988, p. 23).

¹⁸ Para garantir representações mais sóbrias, que facilitem captar o ponto essencial das discussões dos exemplos, a sigla para *categoria vazia* (CV) será utilizada, nestes, em minúsculas (i.e., cv).

¹⁹ Segundo Ribeiro (1988, p. 22), o *Critério- θ* está incorporado à definição do *Princípio de Projeção* em Chomsky (1981, p. 38). Miotto, Silva e Lopes (2001, p. 140) resumem a definição de *Critério- θ* como segue: (i) Cada argumento tem que receber um e só um papel- θ ; (ii) Cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento.

diretamente determinada por esse princípio, o que significa que a representação das relações de dependências temáticas do predicado *fazer* deve satisfazer à configuração esquematizada em (15), em DS, SS e LF, quer as posições selecionadas se apresentem lexicalmente preenchidas ou foneticamente nulas.

O *Princípio de Projeção Estendido* ou EPP (do inglês *Extended Projection Principle*) é um princípio puramente sintático, que requer que a Flexão projete um especificador, ou, dizendo-se informalmente, que todos os domínios proposicionais tenham uma posição-sujeito. Uma posição sintática obrigatória, como a posição-sujeito, nem sempre corresponde a uma posição sintática θ -marcada. Na construção a seguir:

(17) [cv] chove muito em Salvador

a posição-sujeito está obrigatoriamente presente, embora nenhum papel- θ lhe seja atribuído. A realização dos expletivos (i.e., pronomes que não recebem papel- θ) *il* do francês e *it* do inglês, nos enunciados a seguir, atestam a presença desta posição-sujeito a cumprir este requerimento:

(18) (a) **il** pleut beaucoup à Salvador
(b) **it** rains a lot in Salvador

Dado que estes pronomes não recebem papel- θ algum, sua presença nos dados não pode dever-se ao Critério temático – radicam-se pois em um princípio diferente, o EPP.

Sumarizando, os princípios acima abordados oferecem base teórico-empírica para a existência de categorias vazias; em particular, que existe uma CV na posição de sujeito de infinitivas de Controle, como a apresentada em (12), CV esta identificada como PRO.

2.3.2 Distribuição de PRO: a condição da não-regência

Retomando o que tem sido exposto ao longo do presente capítulo, pode-se afirmar que nem toda infinitiva se caracteriza como contexto favorável à ocorrência de PRO²⁰: a primeira evidência deste fato está em que PRO é possível nas construções com verbos do tipo *querer*,

²⁰ Nesta argumentação sigo Raposo (1992, p. 384).

desejar e tentar, mas não quando o predicado principal pertence à classe dos verbos de *Marcação Excepcional de Caso*²¹.

(19) Os ribeirinhos₁ querem/desejam/tentam [PRO₁ votar]

(20) *O coronel₁ mandou [CV₁ votar na filha]

A expressão em (20) não permite a leitura “o coronel mandou ele mesmo votar na filha”; ou seja, não pode ter a interpretação típica de PRO controlado que encontramos em contextos como o da sentença em (19). Do mesmo modo, PRO não pode ocorrer como sujeito de mini-oração:

(21) * O juiz₁ julgou [PRO₁ culpado pela invasão]

A sentença em (21) não permite leitura co-referencial de PRO com um argumento da predicação principal: não é possível interpretá-la como “o juiz julgou ele mesmo culpado pela invasão”, o que leva a descartar de tal posição aquela categoria vazia.

PRO não ocorre tampouco na posição de complemento em orações simples, onde poderia ter a interpretação arbitrária típica dos casos em que não é controlado (cf. seção 2.3.3.4):

(22) * Eu encontrei PRO

A expressão em (22) é agramatical porque não pode significar “eu encontrei qualquer pessoa”.

As posições de sujeito subordinado em (20-21) e de objeto em (22) têm uma propriedade em comum: são posições regidas²². Em (20), o verbo *mandar* rege a posição sujeito da oração que ele subcategoriza; o mesmo se dá em (21), em que a posição de sujeito da mini-oração é regida pelo verbo *julgar*; em (22), o verbo principal rege a posição de objeto.

²¹ Veja-se, neste capítulo, a seção 2.5 e, no capítulo 3, a seção 3.2, para uma discussão mais detalhada deste tipo de construções.

²² *Regência* é uma relação estrutural entre elementos sintáticos que envolve os núcleos lexicais e o núcleo funcional I (os regentes), em relação a uma determinada posição na estrutura arbórea (a posição regida). Para uma definição detalhada de *regência*, veja-se Miotto, Silva e Lopes (2001, p. 264) e Haegeman (1994, p. 134-138).

A generalização que emerge destes fatos é que PRO apenas pode ocorrer em *posições não regidas*. Esta generalização pode ser enunciada através da Condição em (23):

(23) PRO não pode ser regido

A condição enunciada em (23), no entanto, é meramente descritiva. Procurando deduzi-la de princípios primitivos da teoria, Chomsky (1981) faz notar que PRO tem ao mesmo tempo propriedades de anáfora e propriedades de pronome. Assim, tal como uma anáfora, PRO não tem potencial de referência autônomo: sua referência deve ser fixada por um antecedente (caso das construções em que é controlado). Por outro lado, tal como um pronome, PRO nunca tem o seu antecedente na oração simples que o contém imediatamente, mas sempre na oração imediatamente superior, ou tem uma interpretação indefinida, não específica (caso das construções em que recebe uma interpretação “arbitrária”).

Chomsky conclui que PRO é de fato uma categoria vazia de natureza mista, com um estatuto ao mesmo tempo anafórico e pronominal, uma “anáfora pronominal”. Enquanto anáfora, PRO está sujeito ao princípio A da Teoria da Ligação; enquanto pronome, no entanto, PRO está sujeito ao princípio B.

Por apresentar este comportamento híbrido de anáfora e de pronome, PRO coloca um problema para a TRL, porque um elemento [+ anafórico] deve ser vinculado na sua categoria de regência; mas, sendo (também) [+pronominal], deveria estar livre neste mesmo domínio.

A Categoria de Regência, como exposto nos comentários sobre (1) acima, designa o domínio de localidade α no qual uma anáfora deve estar ligada a um antecedente que a c-comanda²³, e o domínio de localidade β no qual o pronome deve estar livre. Considerando-se que os domínios α e β sejam idênticos, como representado pelo colchete no esquema em (24):

(24) Maria₂ disse que $\left\{ \begin{array}{l} \text{Ana}_1 \text{ se}_{1/*2} \text{ adora} \\ \text{Ana}_1 \text{ adora } \text{ela}_{*1/2} \end{array} \right.$

PRO, sendo pronominal e anafórico, deve satisfazer aos princípios A e B. Um elemento não pode, contudo, ser ao mesmo tempo ligado e livre, ou, em outras palavras, satisfazer a dois princípios antagônicos. Para resolver o impasse, conclui-se que PRO não pode ter *Categoria de Regência*:

²³ Grosso modo, a relação de c-comando reza que um elemento X qualquer c-comanda um elemento Y somente se X não domina Y e todos os nós ramificados do diagrama-árvore que dominam X também dominam Y.

(25) Teorema de PRO: PRO não tem Categoria de Regência

Sempre que um DP recebe Caso, ele deve ser regido pelo seu atribuidor de Caso, e sempre que há um atribuidor regendo um DP, está configurada uma Categoria de Regência. Com a estipulação em (25), mesmo estando PRO sujeito aos princípios A e B, tais princípios se aplicam “no vácuo” em relação a PRO, pois, como este só ocorre como sujeito de infinitivas de verbos de Controle (posição não regida, devido à ausência de flexão no núcleo do IP e de um atribuidor externo de Caso), não tem Caso – portanto, não é regido e, não sendo regido, não possui Categoria de Regência.

A posição sintática preenchida por PRO apresenta, deste modo, nas análises tradicionais, as seguintes propriedades:

- (i) posição não-regida – definida pela Teoria da Ligação;
- (ii) posição- θ – estipulada pelo Princípio de Projeção;
- (iii) posição com referência controlada ou arbitrária / genérica – determinada pela Teoria do Controle.

2.3.3 Padrões de Controle: uma tipologia

Quando a infinitiva de Controle ocorre como complemento de um verbo, o seu sujeito sem realização lexical tem usualmente a sua referência fixada por um dos argumentos deste verbo.

A função gramatical deste argumento, no entanto, é variável segundo o verbo de Controle particular, o que determinará uma tipologia do Controle segundo a ausência ou presença de um controlador e, nos casos em que há controlador, de acordo com a função sintática deste, conforme exposto nas seções seguintes.

2.3.3.1 Controle sujeito

Segundo Raposo (1992, p. 333), verbos de Controle como *querer*, *desejar*, *tentar*, *prometer*, *ameaçar*, *perguntar*, determinam Controle pelo sujeito:

- (26) (a) [Ana]₁ quer [PRO₁ comprar uma bicicleta]
 (b) [Ana]₁ tentou [PRO₁ enganar o fiscal].
 (c) [Ana]₁ prometeu a Maria [PRO₁ sair mais cedo].
 (d) [Ana]₁ ameaçou Maria de [PRO₁ ir à polícia].
 (e) [Ana]₁ perguntou a Pedro [quem [PRO₁ convidar para a festa]].

O controlador *Ana* nas sentenças em (26) é uma expressão referencial foneticamente realizada, mas controladores podem constituir-se por categorias nulas (Duarte 2003, p. 632), como atestam os exemplos em (27):

- (27) (a) pro₁ Ousaram [PRO₁ negar entrada ao bispo]
 (b) pro₁ Desejei [PRO₁ sair da seção]

2.3.3.2 Controle pelo objeto direto

Quando é o objeto direto da frase superior que fixa a referência do sujeito sem realização lexical da completiva de infinitivo não flexionado, a construção denomina-se de *Controle de objeto direto*. Segundo Duarte (2003, p. 632), verbos trivalentes do paradigma de *autorizar* e verbos do paradigma de *impedir* entram em construções de *Controle de objeto direto*²⁴:

- (28) (a) [os professores]₁ autorizaram [os alunos]₂ a [PRO₂ realizar o teste durante as férias de semestre].
 (b) [Os alunos]₁ impediram [os professores]₂ de [PRO₂ dar aulas ao sábado].

2.3.3.3 Controle pelo objeto indireto

Verbos como *propor* e *permitir* determinam Controle pelo objeto indireto (exemplos de Raposo (1992, p. 333):

²⁴ Nos exemplos tomados da obra citada na presente seção (cf. (28), (35), (36) e (37c-d)), a CV na posição de sujeito da infinitiva está originalmente representada como [-].

- (29) (a) O patrão propôs a [a secretária]₁ [PRO₁ trabalhar horas extraordinárias].
 (b) O professor permitiu a [os alunos]₁ [PRO₁ sair mais cedo].

2.3.3.4 Controle arbitrário

Quando PRO ocorre em uma oração subjetiva, em uma configuração específica em que não existe um controlador possível na estrutura, não necessita ser controlado, como mostra o exemplo em (30)²⁵:

- (30) [PRO viajar à velocidade de luz] será a maior conquista científica jamais vista.

Nestes casos, PRO toma um valor indefinido, geralmente referido na literatura gerativista como *arbitrário*: uma paráfrase de (30) é algo como “será a maior conquista científica jamais vista um indivíduo ou objeto arbitrário X viajar à velocidade da luz”. O contexto pragmático restringe de certo modo a interpretação de PRO arbitrário. Assim, a interpretação mais natural de (30) é aquela em que PRO escolhe a sua referência entre os indivíduos e objetos que se prestarem a experiências com velocidade da luz, em uma ocasião hipotética no futuro.

Raposo (1992, 334) refere que, quando o predicador da oração principal pertence à classe de adjetivos que inclui *difícil*, *impossível*, *prejudicial*, PRO é controlado pelo objeto da preposição *para* (ou por um pronome dativo), caso de (31a); se tal objeto não existir (como em (31b)), PRO é arbitrário, mas é em geral interpretado como sendo co-referente com um argumento implícito (isto é, não representado sintaticamente) do predicador principal, denotando um conjunto de pessoas arbitrárias, incluindo o falante, para quem é difícil, impossível, prejudicial, etc., a situação ou ação referida pela oração subordinada²⁶:

²⁵ Na seção (2.3.5), serão apresentadas construções em que o PRO da subjetiva dispõe de um controlador.

²⁶ Duarte (2003, p. 825) refere que Chomsky (1995, p. 36) coloca a hipótese do controlador oculto como em (31b) a partir do paralelo entre (i) e (ii):

- (i) It is convenient for us [for others to do the hard work]
 É conveniente para nós para outros fazerem o trabalho duro
- (ii) It is common [cv to hurt oneself]
 É comum se ferir

O sintagma *for us*, sublinhado em (i), pode ocorrer elíptico, como na sentença em (ii), em que se subentende que “ferir-se” é comum “para qualquer pessoa”. A cv em (ii), na verdade um PRO, teria um controlador oculto.

- (31) (a) É prejudicial a [à pessoa]_i [PRO_i malhar logo após a refeição].
 (b) É prejudicial [PRO malhar logo após a refeição].

Para Raposo (1992, p. 335), de cuja obra extraiu-se o exemplo em (32), existem, contudo, casos sintaticamente semelhantes a (31b) em que PRO não é necessariamente co-referente com nenhum argumento implícito da oração superior:

- (32) Não é claro [como [PRO assaltar esse banco]] .

Esta frase é ambígua entre as interpretações (i) “não é claro para um conjunto arbitrário de pessoas, entre as quais se inclui o falante, de que modo esse conjunto de pessoas pode assaltar o banco” (i.e., em que há co-referência entre o controlador elíptico e PRO) e (ii) “Não é claro para esse mesmo conjunto de pessoas de que modo alguém (não contido nesse conjunto) pode assaltar o banco” (i.e., referência disjunta entre o controlador elíptico e PRO). Dada esta ambigüidade, o controlador implícito não pode ser postulado neste caso.

2.3.3.5 *Controle opcional*

Haegeman (1994, p. 277) refere-se ainda a um tipo de Controle denominado na literatura de *Controle opcional*, a saber, construções em que PRO pode referir-se a um antecedente na sentença ou ter uma interpretação arbitrária, como ilustrado nos exemplos em (33)²⁷:

- (33) (a) John thought that it was important [[PRO to behave oneself/himself]]
João achou que era importante se comportar
- (b) John asked how /wonders [how [PRO to behave oneself/himself]]
João perguntou / quer saber como se comportar
- (c) John and Bill discussed [[PRO behaving oneself/themselves in public]]
João e Bill discutiram comportar-se em público

²⁷ Os exemplos são da própria Haegeman, exceto (33c), por ela adaptado de Huang (1989).

Nos exemplos em (33), PRO pode ser controlado por *John* mas pode também ter uma interpretação arbitrária, como mostra o fato de que PRO pode ligar tanto *himself / themselves* quanto *oneself*. A autora opõe este *Controle opcional* à noção de *Controle obrigatório*, contrapondo os exemplos em (33) aos em (34) abaixo:

- (34) (a) John tried [PRO to behave himself/*oneself]
*João tentou comportar-se(masc)/*se(indeterminado)*
- (b) John was reluctant [PRO to behave himself / *oneself]
*João estava relutante em comportar-se(masc)/*se(indeterminado)*
- (c) John promised Mary [PRO to behave himself/*herself/*oneself]
*João prometeu a Maria comportar -se(masc)/*se(fem)/*se(indeterminado)*
- (d) John told Mary [PRO to behave herself/*himself/*oneself]
*João disse a Maria para comportar-se(fem)/*se(masc)/*se(indeterminado)*
- (e) John abandoned the investigation [PRO to keep himself/*oneself sane]
*João abandonou a investigação para manter-se(masc)/*se(indeterminado) são*
- (f) John arrived [PRO pleased with himself/*oneself]
*João chegou satisfeito com ele-mesmo/*se(indeterminado)*

Nos exemplos em (34), PRO tem que ser controlado e não pode ser arbitrário, como evidencia a agramaticalidade das construções com *oneself*.

2.3.4 Construções de co-referência com infinitivo flexionado

Alguns verbos que selecionam completivas com infinitivo flexionado têm também a referência do sujeito nulo da completiva fixada por um argumento da oração principal, quando as especificações de pessoa e número do verbo superior e da flexão infinitiva são idênticas. Tais construções não são tradicionalmente denominadas de Controle, mas podem apresentar propriedades de co-referência obrigatória entre o sujeito nulo da infinitiva e argumentos da oração superior. Estas estruturas serão chamadas neste trabalho de *Construções de co-referência*. Os exemplos de Duarte (2003, p. 633) ilustram co-referência ao sujeito em construções com verbos epistêmicos, declarativos e factivos, em (35):

- (35) (a) [Os professores]₁ pensam [poderem [pro]₁ concluir a avaliação na próxima semana].
 (b) [pro]₁ Declaramos desde já [assumirmos [pro]₁ a responsabilidade pelo acidente].
 (c) [pro]₁ Lamentamos imenso [[pro]₁ não termos assistido à conferência].

As CVs *pro* nos exemplos em (35a-b), ocorrem em posição pós-verbal porquanto, neste tipo de predicados, ocorre o alçamento do verbo para C²⁸.

Embora se represente aqui a categoria vazia sujeito de infinitivas flexionadas como *pro*, talvez esta CV não se identifique totalmente com *pro*, por permitir leituras típicas de Controle obrigatório; tampouco se identifica com PRO, haja vista tratar-se de posição regida pela flexão do infinitivo. Ribeiro (1988, p. 138) refere que, quando a posição-sujeito de uma completiva de predicados epistêmico/declarativo e factivo com infinitivo flexionado apresenta-se vazia, esta CV pronominal é “preferencialmente” interpretada como co-referente ao DP sujeito matriz, embora uma leitura de co-referência livre não seja bloqueada. Por isso, em Ribeiro (1989), identifica-a como um *pro degenerado*, assumindo, no entanto, a mesma representação *pro*, procedimento que será seguido neste trabalho.

Assim como os epistêmicos, declarativos e factivos dos exemplos em (35), verbos de Controle objeto também selecionam infinitivo flexionado, como demonstram os exemplos em (36), também de Duarte (2003, p. 633).

- (36) (a) [Os professores]₁ autorizaram [os alunos]₂ a [[pro]₂ realizarem o teste durante as férias de semestre].
 (b) [Os alunos]₁ impediram [os professores]₂ de [[pro]₂ darem aulas ao sábado].

Os verbos *propor* e *permitir*, e alguns declarativos de ordem como *dizer* e *recomendar*, que apresentam Controle pelo objeto indireto, também ocorrem com infinitivo flexionado, com o sujeito da infinitiva co-referente ao sujeito da matriz (os exemplos em (37c-d) são de Duarte (2003, p. 633)):

- (37) (a) [Ana]₁ propôs a [Jô]₂ [[pro]_{1/2} irem juntos ao cinema]

²⁸ A ordem VS nas infinitivas em (35a-b) explica-se, segundo Raposo (1987, *apud* MATEUS, 2003, p. 629), por os verbos epistêmicos e declarativos selecionarem completivas com Tempo Independente. Nestas circunstâncias, o seu núcleo Comp alberga um operador semântico de tempo, i.e., é Comp/T. A presença de T no núcleo Comp atrai o complexo formado pelo verbo e pela Flexão da frase infinitiva, que aí acedem ao Caso atribuído pelo verbo superior. Sendo por este processo legitimada casualmente, a Flexão infinitiva pode marcar com Caso o DP na posição de Especificador da completiva, sob c-comando (DUARTE, 2003, p. 629). Esta proposta explica a agramaticalidade de construções como (i) **Eles pensam as meninas terem partido o jarro*, em contraposição a (ii) “*Eles pensam terem as meninas partido o jarro*”, visto que, na configuração em (i), a flexão do infinitivo não pode ser marcada com Caso pelo verbo superior, e, por sua vez, não legitima o DP sujeito da infinitiva.

- (b) [A mãe de Ana]₁ permitiu a [os primos]₂ [[pro]₂ irem juntos ao cinema]
- (c) [Os alunos]₁ pediram [aos professores]₂ para [[pro]₂ adiaem o teste].
- (d) [Os pais]₁ disseram [ao Pedro e à Maria]₂ [para [pro]₂ chegarem cedo a casa].

Podemos constatar que, quanto ao controle sujeito, os verbos podem ser agrupados em geral como segue:

- (i) Verbos que selecionam exclusivamente infinitivas de Controle como complemento, como *ousar* e *atrever-se*;
- (ii) Verbos que selecionam tanto estruturas de Controle quanto completivas subjuntivas, quais sejam *querer* e *desejar*;
- (iii) Verbos que selecionam completiva de infinitivo flexionado e não-flexionado, como os do paradigma de *prometer*²⁹.

Quanto aos verbos de Controle de objeto direto e indireto:

- (iv) Podem selecionar tanto completivas de Controle, quanto de infinitivo flexionado.

2.3.5 Propriedades referenciais de PRO segundo o estatuto sintático da oração infinitiva

Raposo (1992, p. 335) considera que PRO, em determinado tipo de configuração de construções subjetivas, não necessita ter o seu controlador na oração imediatamente superior àquela em que ocorre. Assim, em (38a) abaixo, o controlador de PRO tanto pode ser *o marido*, na oração imediatamente superior, quanto *a prefeita*, na oração principal. Esta situação é impossível se PRO estiver contido numa oração complemento, como em (38b):

- (38) (a) [A prefeita]₁ acha [que prejudicaria [o marido]₂ [PRO_{1/2} aproximar-se do outro partido]]
- (b) [A prefeita]₁ sabe [que [o marido]₂ deseja [PRO_{*1/2} aproximar-se do outro partido]]

²⁹ Nos dados do *corpus*, verbos como “prometer” selecionam também orações subjuntivas com sujeito foneticamente nulo.

Em (38b), apenas o DP *o marido*, na oração imediatamente superior àquela que contém PRO, é o seu controlador legítimo, enquanto que, em (38a), não há este tipo de restrição.

Além de ocorrer em orações complemento e em orações sujeito, PRO pode ocorrer igualmente em orações de natureza adverbial:

- (39) (a) [Sem PRO₁ notar a câmera escondida], [[o prefeito]₁ embolsou a propina]
 (b) O vereador₁ chora [por [PRO₁ não enriquecer como os outros]]

Neste contexto, PRO é controlado pelo sujeito da oração principal³⁰.

Considere-se, no entanto, o exemplo de Raposo (1992, p. 335), reproduzido em (40):

- (40) Eu encontrei [a Maria] [antes de [[PRO] sair de casa].

Para aquele lingüista, a única interpretação possível para (40) é aquela em que o controlador de PRO é o sujeito pronominal da oração principal: esta expressão não pode significar que *eu encontrei a Maria antes que ela, Maria, tivesse saído de casa*. A impossibilidade de o objeto direto *a Maria* controlar PRO sugere que o antecedente de PRO na oração principal tem de c-comandar este pronominal. Em (40) *eu* c-comanda PRO, contrariamente ao DP *a Maria*.

Segundo foi verificado, porém, muitos falantes brasileiros aceitam a interpretação de co-referencialidade entre PRO e o objeto da oração superior. A oração adverbial causal em (41) abaixo é o contra-exemplo direto a este requerimento:

- (41) O capataz₁ puniu o escravo₂ [por [PRO₂ fugir da fazenda]]

Na sentença em (41), o DP *o escravo* é o controlador de PRO e, no entanto, não o c-comanda³¹.

³⁰ Nestas construções, é possível a realização do infinitivo flexionado, o que configuraria um caso de *pro degenerado* (RIBEIRO, 1989).

³¹ Evidentemente, as diferenças entre os dois dialetos podem ser explicadas considerando que (40) e (41) são contextos de infinitivo flexionado no PB, não havendo, portanto, Controle no sentido estrito do termo.

2.4 ALÇAMENTO

Uma seqüência linear com o predicado *parecer* seguido de uma infinitiva não se diferencia superficialmente de uma construção com um predicado de Controle seguido de uma infinitiva, conforme respectivamente (42a) e (42b):

- (42) (a) Os coronéis parecem dominar a região
 (b) Os coronéis tentam dominar a região

Mas os verbos de Controle, como em (42b), diferentemente dos de Alçamento, marcam tematicamente o seu sujeito. O verbo *tentar*, p.e., atribui o papel temático de AGENTE a esta posição, enquanto *parecer* não marca tematicamente a sua posição-sujeito. Considere-se a divergência no padrão de gramaticalidade entre as sentenças em (43) e em (44)³²:

- (43) (a) João *tentou* entender o problema
 (b) ?Meu peixe dourado *tentou* escapar
 (c) ??Minha ameba de estimacão está *tentando* se reproduzir
 (d) ?! Sua chaleira está *tentando* ferver
 (e) ! Sua teoria está *tentando* ser à prova de falhas
- (44) (a) João *parecia* entender o problema
 (b) Meu peixe dourado *parece* ter escapado
 (c) Minha ameba de estimacão *parece* estar se reproduzindo
 (d) Sua chaleira *parece* estar fervendo
 (e) Sua teoria *parece* ser à prova de falha

O verbo *parecer*, nos exemplos em (44), em virtude da deficiência em marcar tematicamente o seu sujeito, não impõe restrições sobre a escolha deste; nos exemplos em (43), ao contrário, *tentar*, que requer um sujeito AGENTE, só pode eleger como tal uma expressão denotadora de entidade capaz de pensamento racional³³.

³² Neste ponto sigo a argumentação de Radford (2003, p. 338), de onde foram extraídos os exemplos em (43) e (44).

³³ Os sinais “?” e “!” antepostos às construções em (43) são indicativos de que tais construções só são aceitáveis em determinados contextos como fábulas e narrativas fantásticas, etc..

Assim, para as construções de alçamento, tem-se assumido que o sujeito é gerado como argumento do verbo encaixado, posição em que não pode ter seu Caso recebido/verificado (note-se a ausência de flexão atribuidora de nominativo, no verbo encaixado). Este sujeito, na derivação da sentença, é pois alçado para uma posição em que possa receber/verificar o seu Caso, como esquematizado em (45):

(45) Os coronéis₁ parecem t₁ dominar a região

Nas análises-padrão de PP, portanto, as diferenças entre Alçamento e Controle se baseiam em questões temáticas. Na seção 3.4.1, porém, será apresentada uma abordagem que propõe unificar as análises dos dois fenômenos.

2.5 A MARCAÇÃO EXCEPCIONAL DE CASO

Como exposto na seção 2.2, as situações de marcação Casual apresentadas no esquema em (10) são descritas como canônicas em virtude de os núcleos marcarem seu próprio complemento ou especificador. Há porém um outro processo de marcação Casual, conhecido como *Marcação Excepcional de Caso* (ou ECM, do inglês *Exceptional Case marking*), ou ainda *Infinitivo com Sujeito Acusativo*³⁴, a qual se distingue da marcação canônica, por envolver um núcleo que atribui Caso a argumentos *de outro núcleo*.

Verbos de *Marcação Excepcional de Caso* constituem uma classe de predicados que possuem a capacidade de atribuir Caso a um argumento selecionado por outro predicador. Os causativos e perceptivos, respectivamente em (45a) e (45b), possuem esta capacidade:

³⁴ Apesar de Duarte (2003:642) se referir às construções de *Marcação Excepcional de Caso* como construções de *Infinitivo com Sujeito Acusativo*, Raposo (1992:388) adverte para o fato de que as construções de *Accusativus cum Infinitivo* diferem das construções de ECM por ocorrerem em configurações em que não há atribuidor de Caso possível, como em (i) e (ii) (irlandês e latim, respectivamente), em que Ac significa Caso Acusativo:

(i) Tá mé iontach sásta [é a beith ar an fhoreann]
Estou muito feliz ele-Ac ser [-fin] em a equipe
“Eu estou muito feliz por ele estar na equipe”

(ii) [Gaalbam, Africanum, Laelium doctos esse] traditum est
“É dito (diz-se) que Galba-Ac, Africano-Ac e Laelio-Ac eram homens doutos”

Nem o predicador da oração principal em (i) (*sásta*, um adjetivo), nem a forma de participio passivo em (ii) se habilitam a atribuidores de Caso. McCloskey (1986) (*apud* RAPOSO, 1992, p. 388) sugere que este Caso é atribuído por uma “regra *default*” (do inglês, *default rule*), que se aplica para salvar o DP do *Filtro do Caso*.

- (46) (a) Vi-**o** sair
(b) A melodia **me** fez chorar

Em (45a) e (45b), os pronomes grifados, embora sejam argumentos (sujeitos) dos verbos infinitivos encaixados (do ponto de vista da grade temática dos predicados principal e subordinado), recebem Caso acusativo do verbo principal. Para uma breve exposição do desenvolvimento minimalista destes conceitos, veja-se o capítulo 3.

3 O PROGRAMA MINIMALISTA

O Minimalismo, desenvolvido a partir de Chomsky (1995), pode ser entendido como um desenvolvimento do modelo *Princípios e Parâmetros*, mas tratando de eliminar toda redundância e tudo o que é suscetível de ser simplificado, além de incluir diferentes princípios de Economia. Neste capítulo resume-se como os linguistas minimalistas redefinem o *Princípio de Projeção Estendido*, a distribuição de PRO e as infinitivas de Marcação Excepcional de Caso e de Alçamento. Para uma visão geral deste programa, consulte-se Chomsky (1995) e trabalhos relacionados.

3.1 INFINITIVAS DE CONTROLE: O CASO NULO DE PRO

Quanto às abordagens de PRO e do Controle, o advento do Minimalismo trouxe-lhes conseqüências radicais, que podem ser sintetizadas nas duas constatações seguintes: (i) uma categoria complexa como PRO, com características tão idiossincráticas que traz em seu rastro um módulo exclusivo da gramática, deixa de ter peso explanatório dentro de perspectivas minimalistas³⁵; (ii) com o abandono de níveis “internos-à-teoria”, as diferenças entre Controle e Alçamento (ou entre PRO e vestígio de DP – cf. o item 3.4.1 para discussão) perdem a base, abrindo campo a análises que assimilam ambos os fenômenos.

Estabelecido que o Minimalismo dispensa o conceito de *regência*³⁶, que determina a distribuição de PRO em PP, faz-se necessário reconsiderar a abordagem a esta categoria

³⁵ Hornstein (2001, p. 10) adverte para o fato de que PRO (um item lexical) e o vestígio (um formativo) são essencialmente idênticos em forma lógica, fato que qualifica de “inesperado”, pois ambos deveriam ter a mesma natureza (ou item lexical ou formativo).

³⁶ A argumentação Minimalista questiona a validade da regência como uma relação gramatical primitiva, visto que ela não pode ser explorada como predicado descritivo (HORNSTEIN, 2001, nota 12).

vazia. Dentro do Minimalismo, a distribuição diferente de PRO e *pro* tem sido sistematizada do seguinte modo:

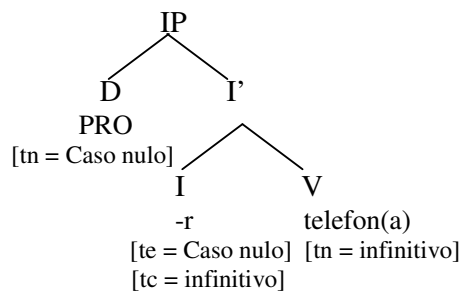
(i) *pro* recebe Caso nominativo, assim como um NP lexical. Tal Caso só pode ser atribuído por Flexão que tenha Tempo e Concordância.

(ii) PRO recebe Caso nulo, atribuído pela Flexão carente de traços de Tempo e de Concordância (CHOMSKY e LASNIK (1993)).

Chomsky e Lasnik (1993, p. 119-120) sugerem que, assim como PRO tem forma fonológica nula, também deve ter um Caso nulo. Tal Caso é checado pelo núcleo I infinitivo, o que implica que tal partícula contém um “traço de especificador” de Caso nulo que é checado contra o traço de núcleo de Caso nulo de PRO³⁷, como mostra a representação da parte relevante de (47) em (48) (em que tn = traço de núcleo, te = traço de especificador e tc = traço de complemento):

(47) Ela tentou [PRO telefonar]

(48)



³⁷ Na teoria da verificação, postula-se que os itens lexicais carregam três tipos de traços gramaticais: (i) traços de núcleo (que determinam os traços gramaticais intrínsecos de cada item); (ii) traços de especificador (determinam que tipo de especificador um item permite) e (iii) traços de complemento (que determinam que tipo de complemento o item seleciona). Um item lexical checa os seus próprios traços de especificador com o traço de núcleo do especificador; o mesmo se opera em relação aos seus traços de complemento. Se há compatibilidade entre *verificador* e *verificado* em relação a um determinado traço, o traço de especificador ou de complemento é apagado (por serem ambos não interpretáveis, isto é, não importantes para a interpretação semântica). Se o traço de núcleo for puramente formal, ele também é apagado. No caso de haver incompatibilidade, o traço (ou de especificador ou de núcleo) não é apagado, levando a derivação ao *crash* (i.e., a fracassar) (RADFORD, 2003, p. 170-202).

A representação em (48) mostra que PRO contém Caso nulo intrínseco, como traço de núcleo, contra o qual o traço de especificador de *-r* pode ser verificado. Após a verificação, visto que são compatíveis, são apagados.

O Caso nulo só pode ser checado pelo núcleo I de orações com infinitivo não-flexionado. PRO, e apenas PRO, pode e deve checar o Caso nulo. Hornstein (2001, p. 12) observa que estas premissas são suficientes para explicar exemplos como os em (51), adaptados da obra em questão (página 12):

- (49) (a) João tentou [PRO voltar cedo]
 (b) João acha que [PRO voltar cedo] seria melhor
 (c) João viu Maria antes de [PRO voltar cedo]
 (d) João disse a Maria onde [PRO pegar o transporte]
 (e) *João esperou que [PRO voltasse cedo]
 (f) *João detestou encontrar PRO

Em (49a-d), estando PRO no Spec de um I capaz de checar Caso nulo, fica assegurada a aceitabilidade das sentenças. Em contraste, PRO está em uma posição de Caso nominativo em (49e) e de acusativo em (49f). Estas não são posições em que o Caso nulo pode ser checado, resultando em estruturas agramaticais.

3.2 INFINITIVAS DE MARCAÇÃO EXCEPCIONAL DE CASO

Radford (1997, p. 193-198) assinala, porém, que alguns verbos que tomam infinitivas como complemento não permitem que elas tenham PRO como sujeito. Antes, estes verbos, como *fazer*, em (50), requerem que a infinitiva apresente um sujeito objetivo:

- (50) (a) A melodia fez-[me chorar]
 (b) *A melodia fez [PRO chorar]

Radford (1997, p. 194) diz que uma das maneiras de explicar este contraste é dizer que a seleção de um IP infinitivo “nucleado” por um *-r* de Caso nulo é uma propriedade lexical de verbos de Controle como *tentar* (*try*). Verbos de Controle selecionam um IP com Caso nulo,

diferentemente de verbos como *fazer*, o que revela a premissa de que há diferentes usos do núcleo I das infinitivas. No exemplo em (50b), o I da encaixada não pode verificar o Caso nulo de PRO, resultando na agramaticalidade da sentença.

IPs com sujeitos objetivos ocorrem somente como complemento de verbo transitivo ou do complementador *for*, como mostram os exemplos de Radford (1997, p. 193), em (51):

- (51) (a) They had expected [*us* to counterattack] “*Eles tinham esperado que contra-atacássemos*”
Eles tinham esperado-nos contra-atacar
- (b) We don't consider [*him* to be suitable] “*Não o consideramos adequado*”
Nós não consideramo-lo ser adequado
- (c) He would have liked [*me* to reconsider] “*Ele gostaria que eu tivesse reconsiderado*”
Ele teria apreciado-me considerar
- (d) We are keen for [*them* to take part] “*Estamos ‘loucos’ para que eles façam parte*”
Estamos loucos para-os fazer parte

Desde que verbos transitivos e preposições-complementadores têm a propriedade de verificar Caso objetivo, pode-se supor que o Caso objetivo dos sujeitos encaixados é verificado pelos núcleos relevantes (sublinhados) em (51).

Quando a completiva infinitiva não é complemento de verbo transitivo ou complementador, o sujeito lexical não é licenciado, como no exemplo em (52) (RADFORD, 1997, p.194):

- (52) *He may be anxious [*them* to make amends]
Ele pode estar ansioso –os para fazer correções

Os fatos acima permitem concluir, para o autor, que o Caso de PRO é verificado de maneira diferente do Caso de um sujeito de infinitivas de ECM, isto é, internamente ao IP, pelo núcleo I infinitivo (-r) portador de Caso nulo, ao passo que o Caso de um sujeito objetivo em construções de Marcação Excepcional de Caso é checado externamente (de fora do IP) por um verbo matriz transitivo ou um complementador.

3.3 INFINITIVAS DE ALÇAMENTO

As completivas infinitivas de predicados como *parecer*, *começar*, *custar*, *demorar*, etc. denominam-se *Estruturas de Alçamento*, que, como já discutido na seção 2.4, têm como característica não selecionar um argumento externo e, por conseguinte, não identificar a posição sintática de sujeito que a eles corresponde como uma posição- θ . O contraste de gramaticalidade entre (53) e (54)³⁸:

- (53) (a) il semble que Jean aime de la glace
 (b) it seems that John likes ice-cream
 (c) pro parece que João gosta de sorvete
- (54) (a) * Maria parece que João gosta de sorvete
 (b) * Marie semble que Jean aime de la glace
 (c) * Mary seems that John likes ice-cream

deriva do Critério- θ . As construções em (53) satisfazem ao Critério- θ , visto que a posição-sujeito não-temática é ocupada por elementos que não são argumentos, isto é, os expletivos *il*, *it* e *pro*. Nas construções em (54), essa posição é ocupada por elementos referenciais, o que viola o Critério- θ , haja vista a incapacidade de o verbo *parecer* marcar tematicamente esta posição.

Numa sentença completiva infinitiva do predicado *parecer*, o constituinte na posição de sujeito é, na verdade, gerado como sujeito do predicado encaixado. O contraste em (55):

- (55) (a) * Parece *os pais* dormir
 (b) *Os pais* parecem dormir

mostra que a permanência do sujeito na posição de especificador da oração subordinada, onde é gerado, leva a um resultado agramatical por violar o *Filtro de Caso* (cf. seção 2.2). A regra *mova- α* (ou *cópia/merge*) desloca pois um elemento de uma posição 1θ para uma posição 2θ , deixando um vestígio.

³⁸ Os exemplos são de Ribeiro (1988, p. 47).

As abordagens minimalistas assumem que o sujeito encaixado tem de se alçar por razões de *greed*³⁹ (neste caso, para verificar o Caso nominativo), e que ele deve alçar-se em movimentos sucessivamente cíclicos, para satisfazer ao “Princípio do movimento mais curto”:

(56) [_{TP} He₁ does [_{VP} t₁ seem [_{TP} to [_{VP} t₁ enjoy syntax]]]]]

Em resumo, as análises sobre o alçamento no Minimalismo não divergem, fundamentalmente, das do PP, mantendo as premissas principais, capazes de explicar os fatos básicos.

3.4 OUTRAS ABORDAGENS MINIMALISTAS AO CONTROLE

Na seção 3.1 discutiu-se como a abordagem ao Controle, dispensando a noção de regência das abordagens-padrão, assume um Caso nulo para PRO. Nas seções seguintes serão analisadas mais duas propostas posteriores, a saber, a consideração do Controle como uma instanciação do Alçamento e a proposta do verbo agentivo nulo que busca unificar os fatos de Controle objeto e de sujeito.

3.4.1 PRO como vestígio: Controle por movimento

Hornstein (2001, p. 12) inicia sua proposta de Controle como Alçamento observando que ambos os processos gramaticais afetam sujeitos de orações não-finitas, e que a teoria do Caso nulo é bastante estipulativa e, portanto, “metodologicamente suspeita” segundo escrúpulos minimalistas. Uma tal noção, argumenta, distingue PRO com um tratamento especial por colocá-lo como o único item lexical capaz de checar ou apresentar Caso nulo. Nenhum outro DP, nem mesmo vestígios de DP, apresenta este tipo de Caso, como testificam os exemplos em (57) e (58)⁴⁰:

(57) John asked Bill [*Mary/PRO to eat a bagel]

³⁹ *Greedy* (que será traduzido aqui por *cobiça*) é um princípio da gramática que especifica que os constituintes se movem tão-somente com o objetivo de satisfazer seus próprios requerimentos morfológicos (RADFORD, 1997, p. 430). Vide também a nota 8.

⁴⁰ Todos os exemplos desta seção são de Hornstein (2001, p. 20-22).

João pediu a Bill / Maria para comer uma broa

- (58) *The man₁ (who) John asked Bill [t₁ to eat a bagel]
O homem que João pediu a Bill para comer uma broa

Em (58), *Mary* como sujeito encaixado é agramatical porque não pode verificar ou carregar Caso nulo. PRO pode ocorrer nesta posição porque pode verificar o Caso nulo. (58) é inaceitável, presumivelmente porque o vestígio t₁ não pode verificar/possuir Caso nulo.

Hornstein considera esta e outras características exclusivas de PRO como motivação para apresentar uma abordagem do Controle baseada no movimento. O fulcro de uma tal teoria é que PRO de Controle obrigatório é idêntico a um vestígio de NP, resíduo de movimento-A. Assim, a estrutura proposta para (59a) é (59b):

- (59) (a) John tried to win
João tentou vencer
 (b) [_{TP} John [past [_{VP} (John) [_{VP} try (John) to [(John) win]]]]]]
João -ou tent- vencer

Nesta abordagem, isto é inteiramente análogo ao que acontece em construções de Alçamento, com uma observação: em uma construção de Alçamento, o movimento se faz de uma posição temática da oração encaixada para uma posição matriz não-temática, enquanto em estruturas de Controle o movimento se dá via uma posição temática da sentença encaixada para uma posição matriz temática.

Esta proposta dá conta da distribuição de PRO como segue: assume-se que a posição-sujeito de uma oração infinitiva não é Caso-marcada (daí a inaceitabilidade de (60a), abaixo), então o movimento-A a partir desta posição é permitido. Além disso, como o movimento a partir de posições de Caso é proibido (cf. 60b) e se PRO de Controle obrigatório é o resíduo de movimento-A, então nunca há PRO em posições de Caso (cf. 61b).

- (60) (a) *John hopes [Frank to leave]
João espera Frank ir
 (b) *John seems [t is nice]
João parece é bom

(61) (a) John tried/hoped PRO to eat a bagel⁴¹
João tentou/esperou comer uma broa

(b) *John hoped that PRO eat a bagel
João esperou que comer uma broa

(61b) é inderivável porque envolve movimento (ou cópia/*merge*) a partir de posição de Caso. (61a) é gramatical porque envolve movimento do sujeito de uma oração infinitiva via uma posição temática matriz, terminando em uma posição de Caso (sujeito do predicado matriz). Sabendo-se que orações infinitivas não atribuem Caso a seus sujeitos, logo o movimento a partir do IP encaixado em direção ao IP matriz não será proibido pelo “último recurso”⁴² (*cobiça*) como em (61b).

O valor fonético nulo de PRO vem ao encontro do fato de que vestígios de movimento argumental são nulos foneticamente. Em outras palavras, “o que quer que seja que torne nulas cópias de movimento-A, servirá para explicar o *status* nulo de PRO” (HORNSTEIN, 2001, 21-22). Não se precisa invocar nenhuma propriedade de Caso nulo especial nem item lexical especial capaz de apresentar um tal Caso. Este agrupamento de PRO junto aos vestígios de DP também explica por que ambos se comportam similarmente em construções de “contração *wanna*”:

(62) (a) I seemta eat bagels every morning
Pareço comer broas toda manhã

(b) I seem **t-DP** to eat bagels every morning
Pareço comer broas toda manhã

(63) (a) I wanna eat bagels every morning
Quero comer broas toda manhã

(b) I want **PRO** to eat bagels every morning
Quero comer broas toda manhã

⁴¹ Apesar de, nesta abordagem, PRO ser considerado como produto de movimento, continuará a ser representado aqui como PRO.

⁴² No modelo teórico em apreço, movimento é considerado como um mecanismo de último recurso (do inglês, *last resource*) pelo qual os núcleos podem verificar traços que, de outro modo, permaneceriam não verificados.

Nas sentenças em (a), como explicitado nas representações em (b), nem o vestígio de DP nem PRO impedem a contração do verbo superior com a partícula *to*, entre as quais se posicionam.

Assim, o fato de que PRO de Controle obrigatório é tipicamente o sujeito de orações infinitivas segue da premissa básica de que ele é o resíduo de movimento-A visível. Em (64) listam-se as premissas requeridas para permitir o tipo de movimento proposto nesta análise:

- (64) (a) Papéis-temáticos são traços
 (b) Não há limite superior no número de papéis temáticos que um DP possa ter
 (c) Movimento se dá por *Cobiça*;
 (d) *Cobiça* é entendida como *interesse próprio altruísta*⁴³

Destas 4 premissas, as em (64a-b) são as menos pacíficas, pois representam a rejeição das duas idéias básicas que sustentam a Teoria do Controle *standard*, a saber: (i) que a DS regula as possibilidades de movimento; (ii) que há um requerimento limitando DPs a no máximo um papel- θ .

Para Hornstein, porém, ambas as assunções (64a-b) parecem naturais a um cenário minimalista, por várias razões.

Chomsky (1993) sustenta que níveis “internos à gramática” (i.e., níveis que não são de “interface”⁴⁴) não têm lugar em uma teoria ótima da gramática. A DS, ele observa, constitui um tal nível. Como tal, ela é metodologicamente suspeita e precisa ser eliminada. Chomsky (1993) fornece argumentos empíricos a esta mesma conclusão. Se se assume que estas considerações são decisivas, deve-se esperar que as restrições que a DS impõe sobre operações gramaticais desapareçam.

Eram justamente as restrições temáticas que a DS impunha que forçavam a distinção entre Alçamento e Controle na teoria antiga (cf. seção 2.4). Sem a DS, argumenta Hornstein, espera-se que os dois tipos de operações se agrupem, o que ele leva a efeito nesta proposta de

⁴³ Em contraponto à noção de *Cobiça*, o *Interesse próprio altruísta* (do inglês, *enlightened self-interest*) constitui um princípio da gramática sugerido por Lasnik (1995) para o fato de que os constituintes se movem com o objetivo de satisfazer os requerimentos morfológicos de outros constituintes (por exemplo, auxiliares sofrem inversão em interrogativas como “Can you help me?” porque C contém um afixo Q que precisa de um núcleo ao qual se unir, isto é, o auxiliar se move para satisfazer o traço de outro elemento. (RADFORD, 1997, p. 271). Vide também a nota 8.

⁴⁴ Níveis de interface são aqueles níveis da gramática que se conectam com sistemas que se situam fora do domínio da teoria da gramática. Tais são a forma fonética e a forma lógica, que se conectam, respectivamente, a sistemas articulatório-perceptuais e aos sistemas conceptuais-intencionais (RADFORD, 1997, p. 171).

movimento ao Controle. Em outras palavras, uma teoria do movimento para o Controle é uma consequência natural da eliminação minimalista da DS.

Tem-se resistido a esta conclusão. A eliminação da DS proposta por Chomsky, porém, não acarreta que as restrições temáticas em teorias anteriores baseadas em DS não tenham mais nenhum papel na gramática. Chomsky (1995) mantém o equivalente funcional da DS assumindo que papéis temáticos não são traços, objetivando ilegitimar o movimento em estruturas de Controle. A idéia de que papéis temáticos não são traços, associada à idéia de que todo movimento legítimo tem que verificar um traço (isto é, ser “cobiçoso”), resulta em um sistema em que o Controle não pode ser reduzido a movimento, tendo em vista que o movimento para posições temáticas é imotivado e portanto bloqueado pela *Cobiça*. (64a) é no entanto uma rejeição a esta reintrodução de condições da DS no Minimalismo, uma vez que este nível foi abandonado. A assunção de que papéis temáticos são traços objetiva permitir o movimento entre posições temáticas.

(64b) tem uma motivação similar. A restrição a que o DP apresente no máximo um papel temático não tem justificção conceptual. Tal restrição seria pertinente se o movimento para posições temáticas fosse proibido. Dado que o Controle sempre envolve a relação de um DP com pelo menos duas posições temáticas, “uma abordagem do Controle pelo movimento precisa aceitar que um DP tenha mais de um papel-temático” (HORNSTEIN, 2001, p. 23).

(64c-d) são assunções minimalistas-padrão. Nesta teoria, adota-se a interpretação de *Cobiça* como *Interesse próprio altruísta* porque se tomam papéis temáticos como traços de predicados que os DPs obtêm combinando-se com estes predicados. Papéis temáticos, então, são primariamente propriedades de **predicados** e apenas derivacionalmente propriedades de **argumentos**. Se assim é, verificar um traço deve ser suficiente para licenciar movimento. *Cobiça* como *interesse próprio altruísta* permite isso.

Dadas estas quatro premissas, sustenta Hornstein (2001), uma Teoria do Controle por movimento torna-se teoricamente viável.

3.4.2 A hipótese do verbo leve em uma visão unificadora do Controle

Radford (1997, p. 382) observa que há em inglês predicados de três lugares que tomam um complemento infinitivo:

- (65) (a) What **decided** you to take syntax?
O que decidiu você a pegar sintaxe?

- (b) She **persuaded** me to try phoneme-free phonology
Ela persuadiu-me a tentar fonologia sem fonema

Cada um dos verbos grifados em (65) toma um DP objeto e um complemento infinitivo com um sujeito PRO e apresenta a estrutura em (66):

- (66) What decided [you] [to PRO take syntax] ?
O que decidiu você a pegar sintaxe?

Evidência de que o verbo *decide* em sentenças como em (65a) é de fato um predicado de Controle objeto de três lugares, e que *you* é o objeto de *decide* (antes que sujeito de *to take syntax*) vem do fato de que (65a) pode ser parafraseada (embora “bastante desajeitadamente”, segundo o autor, para alguns falantes) como em (67) abaixo:

- (67) What decided *you* [that **you** should take syntax]?
O que decidiu você que você pegasse sintaxe?

Em que o primeiro *you* (em itálico, no exemplo) corresponde ao objeto *you* em (66) e o 2º **you** (em negrita, no exemplo) corresponderia a PRO, em (66). Além disso, o verbo *decide* impõe restrições ao argumento que o segue (que precisa ser uma entidade racional – veja-se a inaceitabilidade de (68)):

- (68) *What decided *the exam* to be difficult?
O que decidiu o exame ser difícil?

A expressão que segue *decide* não pode ser um expletivo como *there*:

- (69) *What decided *there* to be an election?
O que decidiu (expl)-haver uma eleição?

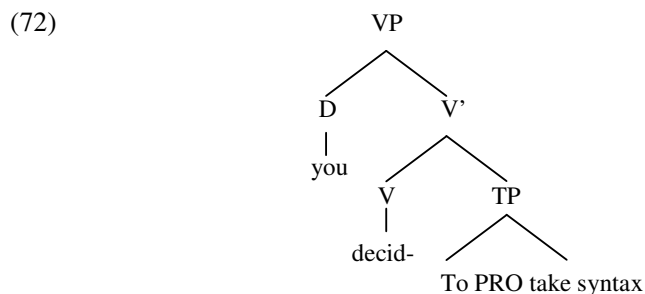
A conclusão apresentada por Radford (1997) para os fatos acima é que o nominal que segue *decide* é um argumento-objeto de *decide* em sentenças como em (65a), e serve como o controlador de um PRO sujeito da infinitiva seguinte.

Isto significa que *decide* tem dois complementos em estruturas como em (65a) – o pronome *you* e a infinitiva *to take syntax*. Supondo que (65a) tenha uma interpretação próxima à de (70):

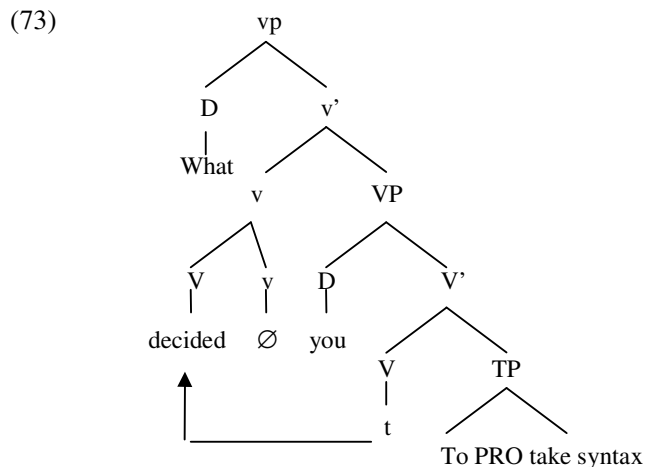
- (70) What made you decide to take syntax?
O que fez você decidir cursar sintaxe?

Propõe-se que a construção em (65a), repetida em (71), tem a estrutura em (72):

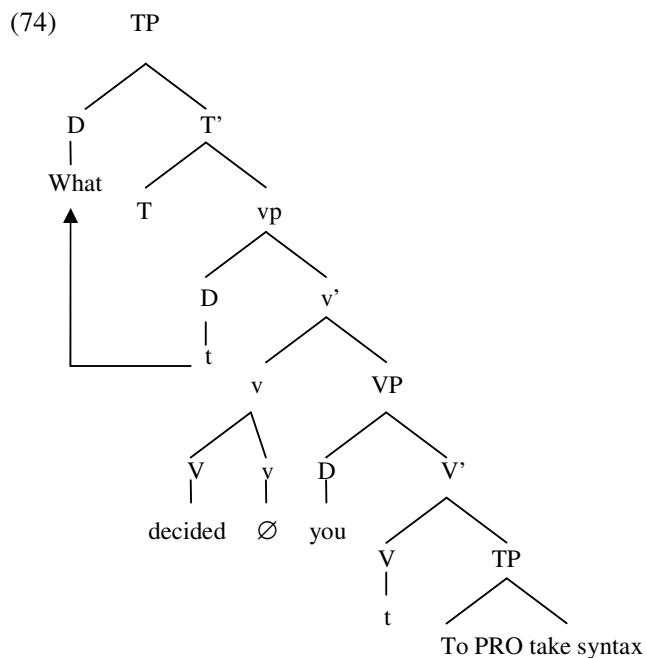
- (71) What decided you to take syntax?



em que o verbo *decide* combina-se com o TP infinitivo *to PRO take syntax*, formando a projeção V' que, a seu turno, combina-se com o pronome *you* para formar o VP. Em seguida, VP resultante, como mostra (73), combina-se com um verbo causativo abstrato \emptyset (uma contraparte nula de *made* em (70) acima) cujo sujeito é *what*, e o verbo *decide* se adjunge ao verbo leve (neste momento a estrutura é parafraseável por “What made + decide you to take syntax?”):



O Caso objetivo carregado pelo pronome *you* é checado pelo verbo transitivo leve \emptyset imediatamente precedente (ou pelo verbo *decided*, que é transitivo neste uso). O vp resultante é então combinado, como ilustrado em (74), com um constituinte T abstrato, e o pronome *what* se alça ao spec-TP para checar seu Caso nominativo:



Para Radford (2003, p. 384), a análise do verbo leve em (73-74) oferece a vantagem de possibilitar uma Teoria do Controle mais unitária, segundo a qual o controlador de PRO é sempre um sujeito, nunca um objeto (desde que PRO em (74) é controlado por *you* e *you* é o sujeito do VP nucleado pelo verbo *decided*), o que vem ao encontro do fato de que o verbo *decide* funciona também como um verbo de Controle de sujeito em estruturas como:

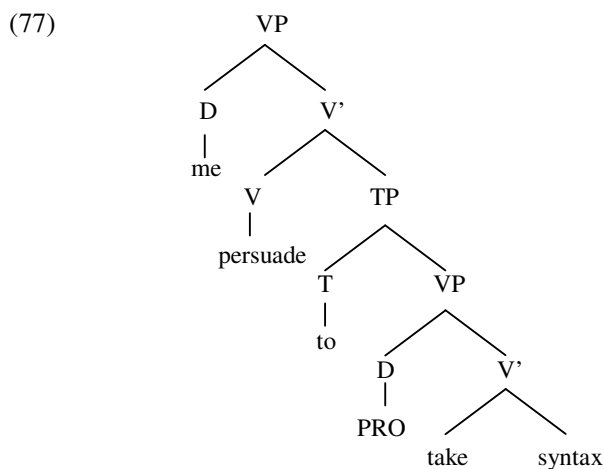
- (75) He₁ decided to PRO₁ take syntax
Ele decidiu cursar sintaxe

em que o PRO sujeito de *take syntax* é controlado pelo sujeito *he* de *decided*.

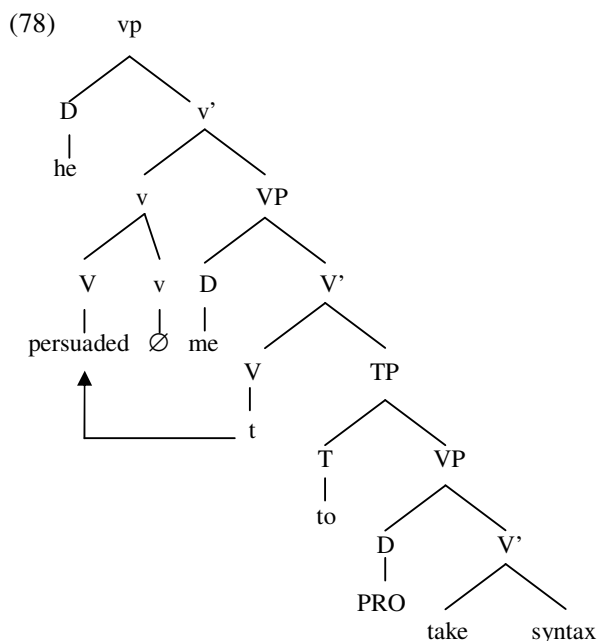
Dada a premissa de que *persuade* é um predicado de Controle objeto em sentenças como a em (76):

- (76) He persuaded *me* to take syntax
Ele persuadiu-me a cursar sintaxe

pode-se propor analisá-lo da mesma maneira que o verbo *decide* em (71) acima, com a expressão nominal que segue *persuade* tendo-se originado como o sujeito do VP, e o verbo *persuade* gerado como complemento de um verbo leve agentivo \emptyset com sentido causativo (de modo que o exemplo em (76) “Ele persuadiu-me a pegar sintaxe” seria analisado como sendo similar, em certos aspectos, a “Ele me fez decidir pegar sintaxe”). Sob este prisma, *persuade* se combinaria com seu complemento TP infinitivo para formar um V', que por sua vez se combina com seu sujeito experienciador *me* para formar a estrutura em (77) abaixo (em que *persuade* tem basicamente o mesmo sentido de *decide*):



O VP em (77) é, a seu turno, combinado com o verbo leve \emptyset agentivo; *persuade* adjunge-se a este verbo leve, formando então uma projeção v-barrá que, ela mesma, se combina com seu sujeito AGENTE *he*, como em (78), na folha seguinte:



O verbo leve agentivo atribui o papel- θ AGENTE a seu sujeito *he*; o *Caso objetivo* carregado por *me* é verificado pelo verbo transitivo *persuaded* imediatamente precedente (ou, talvez, pelo verbo leve que a ele se adjunge). Subseqüentemente, o vp em (78) se combina com um afixo de tempo abstrato, formando destarte um T-barra; o sujeito *he* então se alça ao Spec de TP para checar seu Caso nominativo. Para embasar a análise em (78), Radford recorda que um advérbio como *eventually* (*finalmente*) pode ser posicionado tanto antes de *persuaded* quanto depois de *me*:

- (79) (a) He *eventually* persuaded me to take syntax
Ele finalmente me persuadiu a pegar sintaxe
- (b) He persuaded me *eventually* to take syntax
Ele me persuadiu finalmente a pegar sintaxe

Assumindo que advérbios como *eventually* se adjungem a projeções verbais intermediárias, podemos então dizer (em termos da análise em (78) acima) que *eventually* é adjungido a v-barra em (79a), e a V-barra em (79b).

Em resumo, tendo sido o objetivo da presente seção tão-somente definir os termos que serão utilizados na descrição dos dados e expor o estado atual dos estudos inerentes aos fenômenos e noções que guardam íntima relação com este trabalho, não será tomada nenhuma

posição a respeito desta ou daquela abordagem em relação ao fenômeno do Controle, nem tampouco aos outros fenômenos relativos ao problema do infinitivo, aqui abordados. Será mantida, na análise de dados, a terminologia tradicional de PP, e portanto um investimento mais propriamente teórico fica adiado para estudos posteriores.

Espera-se, não obstante, que os dados aduzidos a esta pesquisa, apresentados nas seções subseqüentes, possam de alguma forma contribuir para lançar luzes sobre os fenômenos aqui apresentados, bem como a fenômenos correlatos.

4 A ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo de análise de dados divide-se em 5 partes principais, segundo a natureza dos dados. A seção 4.1 destina-se às ocorrências de Controle, isto é, construções completivas de Infinitivo não flexionado; as ocorrências de infinitivo flexionado em que o sujeito co-refere a algum argumento da sentença-matriz ou sentença anterior serão discutidas em 4.2, quando da descrição dos dados de adverbiais. As infinitivas de Marcação Excepcional de Caso encontram-se organizadas na seção 4.3, enquanto em 4.4 se descrevem as infinitivas de Alçamento. Por fim, a análise das construções subjuntivas de Co-referência ao objeto terão lugar na seção 4.5.

4.1 INFINITIVO NÃO-FLEXIONADO: COMPLETIVAS E RELATIVAS

Esta seção dedica-se ao exame das construções de Controle (infinitivo não-flexionado). A discussão envolve as construções completivas verbais, nominais e relativas, necessariamente nesta ordem. As construções que se pôde afirmar como de Controle foram aquelas em que o controlador é diferente de uma expressão de primeira ou terceira pessoa do singular, visto que nestes casos não há garantia de que o verbo infinitivo está em sua forma flexionada ou não-flexionada.

4.1.1 Completivas verbais: Controle sujeito

Ocorrências de completivas no *corpus* envolvem o Controle sujeito e o arbitrário. Na seção seguinte serão examinados os casos de Controle sujeito; a seção 4.1.1.2 é dedicada aos exemplos de Controle arbitrário⁴⁵.

⁴⁵ Questões relacionadas ao Controle de objeto direto e indireto serão discutidas na seção 4.5.

4.1.1.1 *Controle sujeito*

Há no *corpus* 286 ocorrências de construções completivas infinitivas em que PRO é controlado pelo sujeito da sentença-matriz, sendo este o tipo mais prolífico de controle. Os verbos que mais freqüentemente ocorrem nestas construções são os volitivos *querer* e *ousar*. Será examinado por primeiro o comportamento do verbo *querer* na seção (a).

a) Verbo *querer*

O verbo *querer*, em estruturas de controle, suplanta em freqüência todos os outros verbos em estruturas de controle do *corpus*, com 214 ocorrências, contra 60 dos demais verbos. Os exemplos em (1-3) ilustram ocorrências deste verbo com diferentes tipos de sujeito controlador:

- (1) (a) dsg.3.15.36 (...) cavaron todo aquel campo que jazia por cavar en que os monges₁
querian [PRO₁ **semear** sas verças (...)]
- (b) dsg.1.24.16 (...) o clerigo₁ **quis** [PRO₁ **fazer** o que non podia.]
- (c) dsg.3.6.5 E quando o sergente₁ **quis** [PRO₁ **dar** a beber ao bispo] (...)
- (2) (a) dsg.3.15.41 (...) o santo homen (...) mandou carregar os ladrões (...) daquelas cousas
que eles₁ **quiseron** [PRO₁ **furtar**.]
- (b) dsg.3.15.7 E este homen honrado Isaac defendeo-a daqueles que lhi queriam embargar
(...) a sa santa vida que ela₁ **queria** [PRO₁ **fazer**] (...)
- (c) dsg.3.22.3 — Eleuterio, baron mui santo e padre velho e antigo de que suso falamos,
he testemunha desta cousa que eu₁ **quero** [PRO₁ **contar**.]
- (3) (a) dsg.1.8.7 (...) quando algũs alousinhadores vëẽ a eles, moven nos ligeiramente pera
aquele que pro₁ **queren** [PRO₁ **obrar** con eles] (...)

- (b) dsg.1.8.39 — Roga-te nosso padre o papa de Roma que folgues en teu moesteiro e non pro₁ **queiras** [PRO₁ **tomar** trabalho en ir a Roma hu el he] (...)
- (c) dsg.3.15.51 — Quando pro₁ **quiseres** [PRO₁ **tomar** o cesto que na carreira ascondisti que a min teu senhor mandava] (...)

Nos exemplos em (1a-c), PRO é controlado por uma expressão referencial na sentença-matriz, como indica a coindexação⁴⁶. Em (2a-c), o controlador é um pronome lexicalmente realizado, e em (3a-c), o controlador de PRO é uma categoria vazia (*pro*).

Há cinco ocorrências em que o verbo *querer*, em estrutura de controle, ocorre em uma posição mais alta na sentença-matriz, sendo que o sujeito pronominal ou lexical do verbo *querer* pode ocorrer tanto à esquerda da encaixada infinitiva (cf. os constituintes sublinhados em (4a-c)), quanto em posição final da encaixada infinitiva (cf. 4d-e):

- (4) (a) dsg.1.2.6 (...) non **querendo** el₁ [PRO₁ **comer** as carnes que os outros comian pera atormentar seu corpo por amor de Deus] (...)
- (b) dsg.1.8.8 (...) lhi semelhava que era mui gram desonra da eigreja de Roma de **querer** nengũ₁ [PRO₁ **pregar** sen seu mandado.]
- (c) dsg.2.33.26 (...) **quis** este amigo de Deus San Beento₁ [PRO₁ **comprir** seu desejo] mais non pôde.
- (d) dsg.1.19.9 E, **querendo-o** [PRO₁ **confortar**] o santo bispo₁ per palavras mansas e homildosas, el respondia palavras d’homen sanhudo (...)
- (e) dsg.1.28.26 En outro dia, **querendo-se** [PRO₁ **ir**] aqueles godos₁ pera a cidade de Ravena (...) hũ daqueles que era maior al veo veer o bispo ante que se fosse.

Observa-se, assim, que o PA apresentava a possibilidade de que o verbo ocorresse mais alto do que o sujeito. Os exemplos em (4d-e) destacam-se por apresentar, além dos dois verbos em

⁴⁶ Será omitida, porém, a representação das relações de Controle e outras, sempre que assim exigir a simplicidade e a clareza das descrições, mormente quando estiverem em foco outros aspectos da estrutura, como ocorre nos exemplos em (5) adiante.

posição mais alta do que a do sujeito, a chamada *Subida de clítico*⁴⁷, isto é, construções em que o argumento interno clítico do predicador da sentença completiva se alça, selecionando como hospedeiro o verbo matriz, do qual não depende tematicamente⁴⁸. Ao todo foram computados 86 dados deste movimento de argumentos internos para posições mais altas em construções com o verbo de Controle *querer*, das quais 46 envolvem especificamente subida do objeto direto do verbo encaixado, 26 de objeto indireto encaixado, nove casos de combinação de objeto direto e indireto e dois casos de dativo de posse.

As ocorrências de ênclise do objeto direto encaixado ao verbo matriz, como ilustrado em (4d-e) acima, somam seis dados. Contudo, o objeto lexical também ocorre entre o verbo matriz e o encaixado, como computado duas vezes:

- (5) (a) dsg.1.29.10 Ide-vos e non **queirades tal rogo fazer** a nengũũ (...)
- (b) dsg.3.37.76 (...) el non **quis tal don receber** (...)

Quanto à próclise do objeto direto encaixado, ocorre 38 vezes, contra as mencionadas 6 ocorrências de ênclise ao verbo matriz. Dentre os numerosos casos de próclise do objeto direto, extraímos os exemplos em (6):

- (6) (a) dsg.2.25.7 (...) este dragon **me quer comer!**
- (b) dsg.1.5.3 (...) non sei quen **o queira seguir.**
- (c) dsg.1.5.10 – Hu **te queres ir?**
- (d) dsg.2.4.3 E pois que o seu abade amoestou per muitas vezes e non **se quis correger** levaron-no a San Beento e el repreendeu-o mui fortemente (...)

Os exemplos em (6) mostram o alçamento do objeto direto do predicado encaixado a uma posição contígua ao verbo matriz. Os exemplos (6c-d) e (7c-d) são instanciações de

⁴⁷ Em vista de tratar-se aqui de fenômeno diferente do que ocorre no português atual, a expressão *Subida de clítico* será aqui usada como termo meramente descritivo, para referir-se a clíticos não adjacentes aos verbos que os selecionam.

⁴⁸ Note-se que a relação de co-indexação entre PRO e o sujeito em posição à direita da infinitiva pode ser compreendida desde que, em LF, o sujeito está mais alto do que PRO.

pronomes reflexivos. Embora se incluam aqui no rol dos objetos diretos, vários autores têm considerado que os pronomes reflexos, nas línguas românicas, por serem clíticos, poderão não ser verdadeiros argumentos dos verbos mas morfemas ou afixos (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 807). Não se abordará, todavia, esta questão no presente trabalho⁴⁹.

Pode, no entanto, ocorrer material lexical entre o clítico alçado e o verbo matriz, como mostra a grande variedade de elementos (em itálico> em interpolação⁵⁰, em (7) a seguir:

- (7) (a) dsg.3.2.9 E pois viu que *a non quis ouvir* e partiu-se dela con gram sobérvia (...)
- (b) dsg.1.1.26 (...) e por esso non sei eu quaes homens a quaes outros *te tu queres iguar*.
- (c) dsg.3.8.29 (...) deu-lhi muitas graças porque o livrou de tan gram perigoo en que *se el per seu pecado queria meter*.
- (d) dsg.1.1.20 (...) quanto mais andamos tanto mais pouco veemos o porto de que nos partimos, se *nos pera el non queremos tornar*.

Em (7a) e (7b) ocorre interpolação de um constituinte, respectivamente, o operador de negação *non* e o sujeito matriz; em (7c), há dois constituintes interpolados: o sujeito pronominal da predicação principal, isto é, *el*, e o sintagma preposicional *per seu pecado*. (7d) representa a ocorrência de interpolação do objeto indireto⁵¹ *para el* e o advérbio *non*⁵².

⁴⁹ Ver as referências na obra citada, p. 807, nota 20.

⁵⁰ Ribeiro (2005) e Brito, Duarte e Matos (2003, p. 866) referem que a interpolação – a interposição de um constituinte entre o clítico e a forma verbal – era generalizada no português antigo e clássico. A interpolação do *não* permanece hoje na variante padrão européia, sendo que a perda de interpolação dos outros tipos de constituintes ocorre no século XVII, o que, segundo estas últimas autoras, está ligado ao fato de que os pronomes clíticos passam, a partir de então, a especializar como hospedeiro uma forma verbal, não sendo, por isso, admitida quebra de adjacência entre clítico e verbo.

⁵¹ Não se faz aqui diferença entre o objeto indireto *oblíquo* e *dativo*.

⁵² A interpolação do constituinte *não* permanece hoje na variante européia padrão do português como um “resíduo de uma gramática antiga” (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 867). A sobrevivência da interpolação do *não* deve, segundo as autoras, ser atribuída a propriedades específicas deste operador de negação, que fazem dele um núcleo de tipo clítico, pelo fato de poder interpor-se entre pronomes clíticos e verbos. (Os exemplos em (i) e (ii) a seguir, tirados da obra citada, constituem argumentos a favor do estatuto de núcleo tipo clítico deste operador de negação:

- (i) (a) O João *já não lê* esses livros às crianças
 (b) *O João *não* já *lê* esses livros às crianças
 (c) O João *não* lhes *lê* esses livros.
- (ii) a) O que *não tem* [IP o João lido às crianças]?

Quanto ao alçamento de objetos indiretos, a posição final do pronome é majoritariamente de próclise ao verbo matriz, nas construções em causa. De 27 dados de alçamento de objetos indiretos, 23 apresentam próclise ao verbo matriz, contra 4 dados de ênclise ao verbo matriz *querer*. Dentre os dados de ênclise em (8), note-se a inversão verbo-sujeito matriz no exemplo em (8d):

- (8) (a) dsg.1.31.42 **Quer**ia-te **contar**, a louvor do nosso remiidor, algũs dos miragres do honrado baron San Beento.
- (b) dsg.1.28.12 E **quero**-ti **dizer** hũa cousa (...)
- (c) dsg.3.37.76 E pois todos entenderon que era homen de tan gram vertude, **querian**-lhi **oferecer** toda pre assi de vacas como doutros gaados (...)
- (d) dsg.1.13.3 **Quero**-ti *eu* **contar**, Pedro, o que me contaron dous homens muito honrados.

Quanto à próclise de objetos indiretos, os exemplos em (9) ilustram ocorrências de objetos clíticos adjacentes ao verbo matriz:

- (9) (a) dsg.3.37.77 — Se mi **quiserdes outorgar** todolos cativos que tragedes, dade-mh'os e averei onde rogue Deus por vós.
- (b) dsg.3.30.4 E porende ti **quero contar** hũ miragre que aprendi (...)
- (c) dsg.2.8.55 E pois viia que o padre santo santo non lhi **queria responder**, dezia:
- (d) dsg.1.1.23 (...) nunca lhis **quis dar** nen hũa honra no mundo

b) *O que *tem* [_{IP} O João *não* lido às crianças]?)

O fato de o operador de negação não admitir que constituintes distintos de pronomes clíticos o separem da forma verbal (cf. (i)), e de se incorporar no verbo, movendo-se com ele até o núcleo do CP (cf. (ii)), evidenciam seu estatuto de clítico (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 867).

Da mesma forma que em relação aos dados de objetos diretos alçados, os objetos indiretos clíticos também podem sofrer interpolação por elementos diversos. Registraram-se seis ocorrências deste tipo:

- (10) (a) dsg.3.6.12 Enton o escançon entendeu que seu senhor sabia a morte que lhi *el* **queria dar** a beber, começou a tremer con medo (...)
- (b) dsg.3.37.76 (...) demandou-lhis don de melhor soldada ca aquel que lhi *eles* **queriam dar** e disse-lhis:
- (c) dsg.3.6.11 — Bévi tu primeiro esto que mi *tu* **quieres dar** a beber.
- (d) dsg.1.28.29 Sei eu que non he teu proveito porque te partes de min e me leixes cá triste, pelos meniños que me *non* **quieres dar**.
- e) dsg.1.5.51 O que te *ora eu* **quero contar**, Pedro, aprendi-o dũu homen muito honrado (...)
- (f) dsg.1.9.7 Esto, Pedro, que ti *eu ora* **quero contar**, aprendi-o dũu homen muito honrado (...)

Os exemplos em (10a-c) mostram interpolação do sujeito pronominal; (10d) exemplifica interpolação do operador de negação *non*; (10e-f) exibem dois elementos interpolados, a saber, o sujeito pronominal matriz e um advérbio.

Foram computadas também 9 ocorrências da combinação do objeto direto e indireto, sempre em posição de próclise ao verbo matriz *querer*:

- (11) (a) dsg.2.21.17 (...) Nosso Senhor mh'o encobriu e non mh'o **quis mostrar**.
- (b) dsg.3.30.6 E o bispo da cidade non lha **quis dar**.
- (c) dsg.3.8.22 E o bispo non lho **quis dizer** con vergonha.
- (d) dsg.1.28.28 E ele non lhos **quis dar** e ficou ende o bispo mui triste (...)

O clítico dativo de posse ocorre duas vezes em construções de Controle com o verbo *querer* (sublinhado nos exemplos). As duas ocorrências, em que se vê a reduplicação do possessivo (em itálico), estão em (12) abaixo:

- (12) (a) dsg.1.21.5 Eu vos mando en nome de Nosso Senhor Jesu Cristo que vós vaades daqui e non mi **queirades comer** *mhas* verças.
- (b) dsg.3.15.7 E este homen honrado Isaac defendeo-a daqueles que lhi **queriam embargar** o *seu* santo desejo (...)

À parte a *Subida de clíticos*, há intercalação⁵³ de diversos tipos de constituintes entre as duas formas verbais. Os exemplos em (13) mostram que um ou mais advérbios e/ou sintagmas preposicionais, de tipos diferentes, podem ocorrer nesta posição:

- (13) (a) dsg.2.3.23 – Se aqeste homen santo **quisera** mais **viver** con estes monges que aviam costumes mui contrairos aos seus (...)
- (b) dsg.3.5.12 E tu que **quisesti** sen teu merecimento **semelhar-te** a Deus (...) [único dado de objeto direto clítico não alçado]
- (c) dsg.1.11.6 (...) os homêes de maaõ recado **queren** sempre **julgar** que do corpo pequeno non poden sair obras grandes e graadas.
- (d) dsg.1.29.3 (...) non pudi ouvir os feitos do santo bispo Fortunado que eu **queria** de boa mente **sempre ouvir** (...)
- (e) dsg.3.12.21 E depois que o meu corpo for soterrado partide-vos ende logo e non **queirades** hi **mais parecer**.

O exemplo em (13b), único dado com ênclise ao verbo encaixado, refere-se a um verbo reflexivo ('semelhar-se'), e apresenta um sintagma preposicional adverbial entre os dois predicados. Em (13a), (13b) e (13c) temos exemplos de intercalação de, respectivamente, um intensificador, um adverbial de modo e um temporal. O exemplo em (13d) instancia um

⁵³ O termo *intercalação* será usado aqui para referir-se a qualquer tipo de ocorrência de elementos que intervêm entre os constituintes, para distinguir do fenômeno da interpolação, que diz respeito, especificamente, à interposição de elementos entre o clítico e o verbo (cf. nota 50).

advérbio de modo e um de tempo e, por fim, em (13e) vemos co-ocorrerem o locativo *hi* e o advérbio *mais*.

Além de adverbiais, há outros tipos de constituintes intervenientes, como vocativos e sintagmas preposicionados denotativos de fonte ou origem⁵⁴, ou ainda a combinação de constituintes de natureza distinta, como ilustram, respectivamente, os exemplos em (14a), (14b) e (14c):

- (14) (a) dsg.1.14.10 **Queres, Pedro, saber** como aqeste santo homen Nonnosos de que falamos seguio o profeta Eliseo en seus miragres?
- (b) dsg.3.32.11 (...) se **quisesse das sas mãos receber** a comuihon que el consagrara (...)
- (c) dsg.1.7.11 **Queria de boa mente, padre, saber** que obras fazia aqeste abade Equicio que taes dões recebeo de Nosso Senhor.

A intercalação de constituintes pode ocorrer paralelamente ao alçamento visível do verbo matriz⁵⁵, gerando estruturas como as em (15):

- (15) (a) dsg.1.7.19 Mais, se **queres tu mais saber** da obra que el fazia (...)
- (b) dsg.3.20.18 E **queres tu, Pedro, saber** como se o enmiigo sempre trabalha pera enganar o homen?
- (c) dsg.3.33.6 E hũũ miragre que m'el a min confessou de que o eu preguntei-vos **quero eu ora aqui dizer**:

Os exemplos em (15a), (15b) e (15c) mostram, respectivamente, a intercalação de um advérbio, um vocativo e de dois advérbios, concomitante à inversão do sujeito e do verbo da sentença-matriz.

⁵⁴ Este tipo de constituintes pode ocorrer enclítico ao verbo matriz, como mostra o exemplo em dsg.1.3.8: “El **quisera-lhi fugir** de boa mente, mais non pôde.”

⁵⁵ Brito, Duarte e Matos (2003, p. 445), partindo da observação do fenómeno da “flutuação de quantificador”, colocam como hipótese que, na inversão livre do sujeito que o português europeu apresenta, não é o sujeito que se move, e sim o V que se desloca para I. Considera-se, portanto, a ordem VS, apresentada nos exemplos em (15), como o resultado do movimento do verbo matriz.

Finalmente, há ocorrências que mostram simultaneamente a *Subida de clítico* e a intercalação de constituintes. As duas únicas ocorrências desta natureza estão em (16a-b):

- (16) (a) dsg.3.37.19 E tomô-o logo muit' agiãha mais non-no quis logo levar aos seus obreiros (...)
- (b) dsg.2.13.10 E o frade (...) non quis comer e o seu companheiro calou-se naquela hora e non lho quis mais dizer.

A propósito dos exemplos em (16), Brito, Duarte e Matos (2003, p. 859) ilustram casos de *Subida de Clítico* com verbos de Controle sujeito no PE contemporâneo, referindo antes que tais verbos admitem a chamada construção de *Reestruturação*, isto é, a formação de um predicado complexo em construções com verbos que selecionam completivas de infinitivo não flexionado, em que estas completivas passam a apresentar pouca autonomia sintática (Brito, Duarte e Matos, 2003, p. 645). Somente quando há *Reestruturação* se obtém a Subida de Clítico; em caso contrário, os clíticos são legitimados no domínio encaixado.

O quadro delineado acima, no entanto, mostra que a *Subida de clítico*, no português arcaico (daqui por diante, PA), caracteriza-se como uma estratégia sintática diferente, porquanto ocorre mesmo quando há elementos intercalados entre o verbo matriz e o verbo infinitivo, o que impossibilita uma análise de *Reestruturação*.

b) Verbo *ousar*

O verbo de Controle-sujeito *ousar*, no *corpus* analisado, totaliza 14 ocorrências, 8 das quais apresentam a completiva não regida de preposição, como mostram os exemplos em (17) e (18):

- (17) (a) dsg.3.27.8 (...) nunca nengũũ₁ **ousou** [PRO₁ **entrar** en sa cela] senon con gram reverença e con grande humildade.
- (b) dsg.3.33.24 E des ali en deante nunca o enmiigo₁ **ousou** [PRO₁ **entrar** naquel meniõho (...)]
- (c) dsg.2.4.18 E assi o enmiigo antigo₁ non **ousou** [PRO₁ **meter** en coraçõn daquel monge nen hũũ cuidado per que o tirasse de sa oraçõn] (...)

Os exemplos em (18) mostram *Subida* do clítico reflexivo, tomando-se os verbos encaixado *chegar(-se)* e *levantar(-se)* em uso reflexivo, neste contexto:

- (18) (a) dsg.2.14.12 E pois se levantaron non pro₁ se **ousaron** [PRO₁ **chegar** ao santo homen (...)]
- (b) dsg.2.15.5 Mais el₁ non se **ousava** [PRO₁ **levantar** de terra ante el.]

Em 6 ocorrências de construções de Controle com o verbo *ousar*, a completiva é regida da preposição *a*:

- (19) (a) dsg.3.12.18 (...) todos aqueles logares teem os lombardos assi que nen hũũ estranho₁ non **ousa** a [PRO₁ **entrar** antr'eles]?
- (b) dsg.3.13.7 (...) non pro₁ **ousava** a [PRO₁ **sair** daquel cerco (...)]
- (c) dsg.1.12.6 (...) nengũũ₁ non se **ousava** a [PRO₁ **poer** ante o fogo (...)]
- (d) dsg.1.7.3 (...) como pro₁ **ousas** a [PRO₁ **preegar** e propoer a paravoa de Deus hu quer que vaas (...)]
- (e) dsg.1.8.4 Que homen he este, senhor, tan enato e sen apostura nen hũa de que dizen que, sen outoridade e sen lecença nen hũa que de ti aja, pro₁ **ousa** a [PRO₁ **preegar** a todos los poboos sen leteradura (...)]

O exemplo em (19c) mostra *Subida* do clítico reflexivo;(19d) mostra que, quando ocorre coordenação de completivas, havendo regência pela preposição *a*, esta não é retomada na oração coordenada (cf. o verbo coordenado *propoer*).

Anotou-se apenas uma construção de Controle com o verbo *ousar*, em que a ordem de constituintes reflete a subida do verbo matriz⁵⁶:

- (20) dsg.3.31.14 E, como quer que as portas da eigreja estevessen abertas, non **ousava** nen hũũ₁ [PRO₁ **entrar** dentro (...)]

⁵⁶ Ou talvez seja o caso de sujeito *in situ*, já que se trata de um constituinte indefinido.

c) Verbo *desejar*

O verbo volitivo *desejar*, com 12 ocorrências no *corpus*, ocorre sempre em construções de Controle sujeito:

- (21) (a) dsg.3.15.60 (...) hũs pecados pequenĩhos pro₁ **desejam** [PRO₁ **vencer** e non podem.]
- (b) dsg.3.28.9 E pois estes taes martires son, como podemos dizer daqueles que sempre cv₁ **desejaron** [PRO₁ **receber** morte pola fe que non sejan martires (...)]⁵⁷

Em 9 das 12 constuções, a completiva infinitiva de *desejar* é regida da preposição *a*⁵⁸:

- (22) (a) dsg.2.7.12 (...) enquanto mais ouço os miragres deste homen santo tantos mais pro₁ **desejo a** [PRO₁ **ouvir**.]
- (b) dsg.3.33.43— pro₁ **desejaria a** [PRO₁ **aprender** de ti se ti prouguesse quam grande he a vertude das lagrimas.]
- (c) dsg.3.6.9 (...) hũũ seu arcediagoo, pro₁ **desejando a** [PRO₁ **seer** bispo apos el, trabalhou-se de o matar (...)]
- (d) dsg.2.1.19 E, pro₁ **desejando a** [PRO₁ **fazer** prazer a Deus de todo seu coração], tomou hávito de santa religion (...)

Anotou-se uma ocorrência de *Subida de clítico* objeto direto encaixado, com interpolação de sujeito e advérbio, representada em (23):

⁵⁷ As categorias vazias produtos de movimento de DP (*t-DP*) ou de palavra-qu (*t-wh*) (como é o caso da relativa em (21b)) serão representadas como *cv*, somente a título descritivo. Por questões de economia, de um modo geral, o índice constará apenas no antecedente imediato do sujeito nulo da subordinada infinitiva ou subjuntiva. Em (21b), por exemplo, o elemento *que* e a expressão-referencial *daqueles* portam o mesmo índice de PRO, mas, por questões de simplicidade, o índice consta apenas no antecedente imediato da categoria vazia relevante. Este padrão será seguido daqui por diante.

⁵⁸ Ali (1931, 1ª parte, p. 197-198) assinala, para um grupo de verbos que inclui *desejar*, o fato “usual”, no “português antigo e quinhentista e, até, seiscentista”, da preposição *de* anteposta à completiva infinitiva, “podendo esta linguagem alternar com a eliminação da partícula, sem prejuízo do sentido”. O exemplo é de *Os Lusíadas*, 1, 16, de Camões (o grifo é nosso): (i) – Tethys... **deseja de comprar**-vos pera genro.

O autor considera este tipo de regência um desvio de uma regra de paralelismo concernente aos verbos transitivos diretos que consiste em que o infinitivo, posto em lugar do nome, ou do pronome *o*, haveria de ocorrer sempre sem partícula regente: uma expressão como *desejo a compra*, por exemplo, sem preposição a reger o objeto, “deveria” equivaler a *desejo comprar*, também sem preposição, e não *desejo a comprar*.

- (23) dsg.2.38.18 (...) o filho de Deus non disse esto aos seus discipulos senon porque o *eles*₁ *sempre* **desejavan** a [PRO₁ **veer** con os olhos do corpo];

Construções com o verbo *desejar* também podem ocorrer com elementos intercalados entre o verbo matriz e o encaixado, como o advérbio na ocorrência única, em (24):

- (24) dsg.2.1.37 E porque o ben aventurado San Beento meniño₁ **desejava** *mais* [PRO₁ **sofrer** trabalho e coitas por amor do salvador (...)]

d) Verbos psicológicos e de sentimento

Outros verbos de Controle sujeito, como os psicológicos e de sentimento *saber* e *temer*, declarativos como *prometer* e volivos/optativos como *cobiçar* e *atrever-se* ocorrem com menor frequência. Os verbos psicológicos e de sentimento somam 14 ocorrências, distribuídas entre verbos como *saber*, *temer*, *coitar-se*, *cuidar*, *nembrar* e a expressão *por en coraçõn*, que serão comentados por ordem de frequência nas seções a seguir.

- Verbo *saber*

Com seis ocorrências, o verbo *saber* ocorre no *corpus* sempre com infinitivo não-flexionado⁵⁹. Em uma das ocorrências a infinitiva é regida da preposição *de*:

- (25) dsg.1.5.59 (...) os malfeitores que cv₁ **saben** d' [PRO₁ **encantar** os homêës, con ajuda e poderio dos enmiigos, foron conhoçudos e presos (...)]

Nas cinco ocorrências restantes, a infinitiva não é regida de preposição, como indicam os exemplos em (26):

⁵⁹ Ali (1931, 2ª parte, p. 139) confirma que, na língua arcaica, o verbo *saber* não ocorria com infinitivo flexionado. Ressalve-se ainda que o significado etimológico do verbo *saber* remete-o à categoria dos sensoriais: “ter sabor”, significado este ainda presente no PE (o PB perdeu esta possibilidade); porém, como nos exemplos do *corpus* o verbo ocorre com o significado epistêmico, decidiu-se por localizá-lo nesta categoria. O mesmo critério foi adotado em relação ao verbo *achar*, cujo significado etimológico (“cheirar”) o inclui na categoria dos verbos dos sentidos, e que no *corpus* apresenta uma semântica equivalente à atual. (Ver nota 44, à página 101)

- (26) (a) dsg.2.16.33 (...) muitos son que entenden e non pro₁ **saben** [PRO₁ **ensinar**.]
- (b) dsg.3.16.49 Ca os seus servos verdadeiros (...) non pro₁ **saben** [PRO₁ **falar** palabras ociosas (...)]
- (c) dsg.1.2.20 Ca, como quer que aqueles que ordñada vida fazem non queiran seer meestres hu primeiramente non foron discipolos, nen prelados si primeiramente non foron sojeitos, nen mandar se non pro₁ **souberon** *primeiramente* [PRO₁ **obedecer** (...)]
- (d) dsg.3.2.13 Arte nen hũa non sei eu, mais pro₁ **sei ben** [PRO₁ **lavr**ar hũ horto (...)]
- (e) dsg.1.13.8 Aqueste monge Nonnosos avia hũ abade muito áspero e muito esquivo con que vivia, mais pero tan ben **sabia** el₁ [PRO₁ **sofrer** os seus costumes] que todo lh'era prazer quanto lhi o abade fazia.

Nos exemplos em (26c-d), ocorre intercalação de adverbiais entre o verbo matriz e o encaixado; o exemplo em (26e) apresenta uma ordem de constituintes que pode indicar subida do verbo principal.

- Verbo *temer*

O verbo *temer*, com três ocorrências, apresenta-se sempre regido da preposição *de*:

- (27) (a) dsg.3.8.37 (...) ali hu nós **tememos** de **veer**, pola nossa enfermidade, ali devemos sempre confiar da misericordia de Deus.
- (b) dsg.3.15.29 E assi **temia** de **perder** a pobreza que avia con que andava seguro per hu quer que ia (...)
- (c) dsg.3.16.25 E quando esto viu o santo homen de Deus Florencio, espantou-se muito e **temeu** *des ali en deante* de **maldizer** seus frades (...)

Em (27c), um adverbial ocorre entre os dois predicados.

Ali (1931, 2ª parte, p. 144) apresenta exemplos de verbos do PA e do português clássico que exprimem temor e outras emoções em construções com infinitivo flexionado. Para ele, “quando se exprime por meio de um infinitivo regido da preposição *de* a causa determinante de um sentimento, dá-se ao infinitivo a forma pessoal”. O autor não traz, porém, nenhum exemplo do verbo *temer*, embora apresente exemplos do equivalente semântico *recear*.

- Os verbos *coitar-se*, *nembrar* e as expressões verbais *por/firmar en coração (de)*⁶⁰

Os verbos e expressões verbais acima listados também figuram entre os verbos de controle sujeito⁶¹:

- (28) (a) dsg.3.37.69 — E [o lombardo]₁ que avia o braço perdido porque o tendera (...) contra Nosso Senhor (...) pela pãa grande que sofria pro₁ **coitou-se pera** [PRO₁ **prometer** o que lhi demandavan (...)]
- (b) dsg.3.33.37 (...) tanta vertude recebeu o meu estamago que me non pro₁ **nembra per nen hũa maneira** [PRO₁ **comer** (...)]
- (c) dsg.2.2.7 E pro₁ **poinha en seu coração**, *pela gram tentaçõ que havia daquela molher*, **de** [PRO₁ **se partir** d’o ermo] e i-la demandar (...)
- (d) dsg.2.28.4 E o homen de Deus, que pro₁ **firmara en seu coração pera** [PRO₁ **dar** totalas cousas temporaes que ouvesse en este mundo (...)]

Os exemplos de completivas com *pera* em (28a) e em (28d) estão incluídos entre as completivas por serem, nos exemplos, equivalentes a *de*, não indicando finalidade.

⁶⁰ As expressões verbais *por en coração*, ou *firmar en coração* ocorrem no *corpus* com um sentido psicológico, equivalente, a depender do contexto, ao de verbos como *decidir*, *pensar*, *maquinar* ou *planejar* e, às vezes, *convencer*.

⁶¹ A expressão *firmar en coração* pode, também, selecionar uma subjuntiva, cf. 3.17.18: — Aqueste homen de vida honrada que disseron Martiño, no tempo en que se ele enserrou na cova de que suso falamos, propose e **firmou en seu coração** primeiramente que ja des ali en deante nunca visse molher”.

e) Verbos *prometer* e *propor*

As construções de Controle sujeito com o verbo *prometer* somam três ocorrências⁶². A completiva ocorre regida da preposição *a* nos três casos:

- (29) (a) dsg.1.24.12 (...) foi en outro dia aa consagraçon do santo martir, a que **prometera a ir**, ainda con sa consciencia, por non caer na vergonha do mundo (...)
- (b) dsg.3.22.6 (...) as outras menihas (...) **prometian a guardar** sa virgãidade a Nosso Senhor pera todo sempre.
- (c) dsg.3.26.16 (...) nos converria a leixar as santas vidas dos outros padres de que **prometeramos a falar**.

O verbo *propor*, também com três ocorrências, apresenta variação no tipo de regência da infinitiva:

- (30) (a) dsg.3.31.24 — Como quer, Pedro, que eu **proposesse contar** solamente os feitos maravilhosos que acaeceron en terra d'Italia (...)
- (b) dsg.3.31.25. E pois tornaremos a contar as maravilhas d'Italia que primeiramente **contar proposeramos** (...)
- (c) dsg.1.5.13 E o dia d'oonte prometi que hoje parecesse ant'o juiz e ora **proponho d'ir** a lá se me Deus quiser aderençar.

Em (30b), o verbo infinitivo encontra-se deslocado, ocorrendo em uma posição à esquerda do verbo matriz; em (30c), a completiva infinitiva ocorre regida da preposição *de*.

⁶² Não foram encontrados dados de infinitivo flexionado com o verbo *prometer* no *corpus* em estudo. Na obra *Dona Branca*, de 1826, Almeida Garrett escreveu: “O cumprimento ao mestre; e pois lhe dava / Cuidado sua idéia, prometiam/**Irem** de paz e guerra bem armados.” (apud GÓIS, 1951, p. 186)). Como o próprio Góis reconhece, a necessidade de acomodação métrica leva o infinitivo a se “pessoalizar, indevidamente”. Segundo o *corpus* sob exame, o verbo *prometer* podia contudo optar por completivas no modo subjuntivo na língua arcaica, havendo três dados indicativos deste tipo de seleção (cf. o exemplo (30c), nesta folha). Atualmente, porém, este predicado se restringe a selecionar apenas completivas de Controle e de infinitivo flexionado.

f) Verbo *cobiçar*

Ainda que com apenas 3 ocorrências, o verbo *cobiçar* apresenta exatamente a mesma alternância de regência que os verbos *ousar* e *desejar*:

- (31) (a) dsg.2.3.27 (...) e morrendo de fome, pro₁ **cobiçava** [PRO₁ **seer** farto das bagãs que os porcos comian]
- (b) dsg.2.3.58 (...) o mui nobre preegador don San Paulo que cv₁ **cobiçava** a [PRO₁ **morrer** e seer con Cristo (...)]
- (c) dsg.2.3.58 (...) o mui nobre preegador don San Paulo que cv₁ **cobiçava** a [PRO₁ morrer e PRO₁ **seer** con Cristo (...)]

O exemplo em (31a) mostra a infinitiva não regida de preposição, enquanto em (31b) a infinitiva ocorre regida por *a*. Em (31c), a preposição não é retomada na segunda coordenada.

g) Verbo *atrever-se*⁶³

O verbo de Controle sujeito *atrever-se*, equivalente semântico reflexivo de *ousar*, apresenta a regência por *a* nas duas únicas ocorrências:

- (32) (a) dsg.2.22.10 E quando se ambos espartaron contou cada hũ ao outro o que vira per sonho, e pero non pro₁ se **atreveron** a [PRO₁ **obrar**] per aquilo que viron (...)
- (b) dsg.1.5.57 (...) dizia-lhis que pro₁ se non **atrevessem** *per seu exemplo* a [PRO₁ **morar** con nen hũa molheres que no mundo fossem (...)]

O exemplo em (32b) mostra um sintagma preposicional adverbial posicionado entre os predicados superior e encaixado.

⁶³ Não se está considerando aqui o pronome objeto reflexo como o controlador, em razão de não se ter certeza de que se trata de fato de um argumento (cf. comentário sobre o exemplo (6)). A mesma observação se aplica aos verbos *partir-se* e *guardar-se*, nas seções seguintes.

h) Verbo *partir-se*

Também no grupo dos verbos de Controle sujeito está o verbo *partir-se*, em sua acepção equivalente a *evitar*, com duas ocorrências:

- (33) (a) dsg.2.1.20 (...) este necio₁ ca despreçava a sabença do mundo que os homens preçam e preçava a de Deus que os homens despreçam, **partiu-se de** [PRO₁ **viver** antr'os homêês.]
- (b) dsg.3.27.13 E se pela ventura acaecia que el entendesse os pecados dalgũs, nunca pro₁ se **parteria de** [PRO₁ os repreender polo amor de Deus (...)]

i) Verbo *cuidar*

Com três ocorrências no tipo relevante de construções, o verbo *cuidar* também pode ser classificado como de Controle sujeito. A subordinada infinitiva que ele subcategoriza é regida das preposições *a* e *pera*:

- (34) (a) dsg.2.31.10 E o homen desleal₁ e enmiigo de Cristo e dos seus servos pois viu San Beento cuidoo-u a [PRO₁ **espantar**] e mete-lo en medo per sa bravura (...)
- (b) dsg.3.18.31 Ca este que ante era mui cruevil e non cv₁ se cuidava a [PRO₁ **fartar** do sangui dos cristãos (...)]
- (c) dsg.3.8.8 (...) trabalhou-se o enmiigo de tentar o bispo, e metendo mentes ameudi na beldade de sa face pro₁ começou a **cuidar pera** [PRO₁ **fazer** maldade con ela.]

No caso de coordenação de subordinadas infinitivas, a preposição *a* não é necessariamente retomada na segunda coordenada, como mostra o exemplo em (34a).

j) Verbo *guardar-se*

Com uma única ocorrência, o verbo *guardar-se* também integra o inventário dos verbos de Controle sujeito:

- (35) dsg.3.16.49 Ca os seus servos verdadeiros₁, porque son partidos dos feitos do mundo, non saben falar palabras ociosas e pro₁ guardan-se **de** [PRO₁ **cujar sas mentes per muito falar** (...)]

No exemplo em (35), PRO é controlado por pro₁, que por sua vez é vinculado pela expressão pela expressão referencial *os seus servos verdadeiros*, conforme representado pelo índice.

1) A construção predicativa do tipo *cópula + para + infinitivo*

Também apresenta Controle sujeito a construção denotativa de iminência e parafraseável por “prestes a + infinitivo”, da qual registramos uma única ocorrência em todo o *corpus*:

- (36) dsg.3.17.26 (...) sobre aquela cova (...) estava hũũ penedo de que semelhava a todos que pro₁ estava cada dia pera [PRO₁ **caer**] (...)

O caso em (37) a seguir, em que o controlador é o sujeito de uma passiva, é provavelmente Controle sujeito, embora introduzido pela preposição *pera*:

- (37) dsg.1.24.5 [Aquesta manceba]₁ con sa sogra foi convidada pera [PRO₁ **ir** aa consagraçon da eigreja de San Savascháão martir.]

Nesta seção mostrou-se que o Controle sujeito ocorre majoritariamente com o verbo *querer* no *corpus* analisado, havendo porém construções com outros verbos minoritários. A seguir será examinada a única construção de controle arbitrário em completivas do *corpus*.

4.1.1.2 *Controle arbitrário*

Finalizando as construções de Controle em completivas, registre-se uma única construção de Controle arbitrário, a saber, com o verbo *jazer*, com um sintagma preposicional com função aparentemente predicativa, embora apresente um traço de finalidade:

(38) dsg.3.15.36 (...) cavaron todo aquel campo₁ que₁ cv₁ jazia por [PRO_{arb} **cavar** (...)]

Considerou-se o dado 3.15.36 em (38) como uma construção copulativa, em que o sintagma preposicional ‘por cavar’ funciona como um predicativo do sujeito da forma *jazia*, considerando o verbo *jazer* como mero verbo de ligação, selecionador da mini-orção que tem por sujeito a CV e por predicado o sintagma preposicional *por cavar*. Maurer Jr. (1968, p. 138), ao apresentar construções semelhantes a dsg.3.15.36, comenta que o infinito nestes casos “fica sempre invariável”, como no exemplo de Castilho [1849], “A vossa estrada e os vossos caminhos estão por fazer” (grifo nosso).

4.1.2 Completivas nominais

Verificou-se o Controle sujeito e o Controle arbitrário em completivas nominais e adjetivais, majoritariamente regidos da preposição *de*, mas sendo possível a regência por *pera* e *en*.

4.1.2.1 Controle da infinitiva pelo sujeito da predicação anterior

Em 20 construções completivas nominais⁶⁴, o sujeito nulo da infinitiva é controlado pelo sujeito da predicação anterior⁶⁵. Destas 20 ocorrências, 17 são completivas de DPs, contra 3 de APs. Foram registrados 10 tipos de DPs nestas construções, nomeadamente, *consciência*, *costume*, *cuidado*, *desejo*, *leceza*, *maneira*, *mester*, *prazer*, *razon* e *vergonha*; as completivas que eles selecionam podem ser regidas da preposição *de*, *pera* ou *en*. A regência

⁶⁴ Há no *corpus* apenas um dado de completiva nominal infinitiva em que o infinitivo apresenta marcas visíveis de flexão, a saber: dsg.1.17.27 Per esto ensinou os seus santos que nos grandes feitos e muit’altos que fezeren pro₁ ajam voontade de pro₁ os **asconderen**.

⁶⁵ Não se pode referir a estas construções como de “controle sujeito”, visto que tecnicamente aquele termo se refere a construções de subordinação.

por *de*, com 13 ocorrências nas construções relevantes, de que trazemos exemplos em (39), supera os demais tipos de regência:

- (39) (a) dsg.3.2.15 E Paulino₁ ouve cuidado *de* PRO₁ **lavr**ar o horto do genro del-rei em cuja servidoen ficara.
- (b) dsg.3.37.15 E porque todos estes₁ aviam mester *de* PRO₁ **com**er cada dia (...)
- (c) dsg.1.28.4 (...) eu₁ ei sempre prazer *de* PRO₁ **falar** con os velhos (...)
- (d) dsg.1.7.5 Como pro₁ ei lecença *de* PRO₁ **preegar** direi-ch'o eu (...)
- (e) dsg.1.8.45 (...) aqueles que₁ non cv₁ ouveron vergonha *d'* PRO₁ **andar** viltados e despreçados polo seu amor (...)
- (f) dsg.1.24.11 E quando foi manhã, nembrando-se do deleito da carne que acabara, pro₁ ouve consciencia *d'* PRO₁ **ir** aa consagraçom do santo martir San Savaschão (...)
- (g) dsg.1.4.7 E ele, porque non pro₁ avia en costume *de* PRO₁ **fazer** tal miragre, espantou-se muito daquela petiçon que lhi fizera aquela molher con tan gram juramento.
- (h) dsg.2.21.5a E poren non pro₁ aviam razon *de* PRO₁ **seer** tristes pola mengua do pan (...)

No exemplo em (39a), o sujeito a que o sujeito nulo da infinitiva co-refere é uma expressão referencial; no exemplo em (39b) o sujeito relevante é um DP com núcleo nominal vazio; (39c) é exemplo de sujeitos pronominais plenos, enquanto são nulos em (39d-h).

A regência da completiva nominal pela preposição *pera* totaliza quatro ocorrências:

- (40) (a) dsg.2.34.5 (...) aqueles que sempre cv₁ ouveron hũa voontade pera [PRO₁ **servir** Deus mui dereitamente ouveron hũa sopultura (...)]
- (b) dsg.1.8.56 Ca [o coraçom que se per muitos cuidados parte]₁ tanto he de meor vertude *pera* [PRO₁ **fazer** cada hũa cousa per si], quanto se mais embargado acha de muitos feitos en que cuida.

- (c) dsg.1.7.1 De como o abade Equicio₁ ouve licença *pera* [PRO₁ **preegar** (...)]
- (d) dsg.1.17.15 (...) pela sa bõa vontade que₁ pro₁ ouve *pera* [PRO₁ **compartir** con os pobres], creceu o vinho tanto no lagar que cada hũũ dos pobres que ali foron chamados ouve seu cantaro cheo (...)

Sobre a questão de saber se o sintagma preposicional no exemplo em (40c) é realmente complemento de *licença* (“*licença para pregar*”), será assumido aqui que um nome como *licença* pede um complemento, o que se pode sustentar pelo fato de, na paráfrase, ocorrer com um complemento proposicional, como demonstrado pelo contraste entre sentenças como “Ele foi licenciado para pregar” e “*Ele foi licenciado” (descartando qualquer objeto nulo discursivamente identificado); quanto ao nome *vontade* (cf. 40d), as implicações são antes de tudo semânticas: o evento denotado pela expressão *ter vontade* ocorre independentemente de finalidade, desde que é, antes de mais nada, um fenômeno espontâneo do mundo psicológico ou uma reação a um estímulo qualquer do mundo exterior; a infinitiva neste caso constitui antes um complemento do que uma adverbial final. Em todos os casos, a preposição *pera* tem um valor funcional, tanto quanto a preposição *de*.

As completivas dos adjetivos *poderoso*, *ousado* e *digno* somam quatro ocorrências, listadas em (41a-d) a seguir:

- (41) (a) dsg.2.5.11 (...) poderoso he Deus₁ *de* [PRO₁ vos **dar** agua en cima daquel monte], quanta mester ouverdes, e de vos tolher tan gram trabalho quanto cada dia sofredes por ela.
- (b) dsg.3.8.16 (...) aquel spiritu maaõ que de todos era senhor fez demandar quen era aquel que *cv*₁ fora ousado *d'* [PRO₁ **entrar** e jazer naquel templo (...)]
- (c) dsg.2.15.2 (...) aquel rei Totila vëo per si mesmo ao homen de Deus e quando entrou pelo moesteiro e o viu seer alonjado de si, non pro₁ foi ousado *de* [PRO₁ se **chegar** a el mais deitou-se en terra ante el.]
- (d) dsg.3.29.16 (...) non pro₁ somos dignos *pera* [PRO₁ **receber** del misericordia (...)]

Nos exemplos em (41), o sujeito nulo da completiva infinitiva é sempre controlado pelo sujeito da mini-oracão selecionada pelo verbo *ser*; em (41a), este sujeito é uma expressão

referencial; os exemplos em (41b-d) mostram que o Controle é realizado por um pronominal nulo.

4.1.2.2 *Controle arbitrário*

Registraram-se oito dados de Controle arbitrário em completivas nominais, quase sempre regidas da preposição *de*:

- (42) (a) dsg.2.21.3 (...) aa hora de [PRO_{arb} **comer**] non poderon aver senon cinque pães (...)
- (b) dsg.2.13.4 (...) ajuntou-se a el no camião hũũ companheiro que tragia que comesse e quando foi tempo de [PRO_{arb} **comer**] disse o companheiro aaquel frade:
- (c) dsg.2.35.3 E, quando foi tempo de [PRO_{arb} **dormir**], San Beento se foi pera sa cela (...)
- (d) dsg.1.15.3 (...) quando veo o tempo de [PRO_{arb} **colher** o novo], non apareciam nas oliveiras olivas (...)]
- (e) dsg.3.29.10 E aqueles de que homen cuidava que morrerian pola fe (...), quando veo tempo de [PRO_{arb} **receber** marteiro] (...) tanto foi o medo e o temor da morte que (...) non quiseron morrer.]
- (f) dsg.1.29.7 En aquesta demorança grande que se ora fez, per razon do tempo pera [PRO_{arb} **soterrar** o corpo], as sas duas irmãs (...) começaron a braadar (...)

Os exemplos em (42) mostram lexias denotadoras de atividades de rotina ou cíclicas (42a-d), ou de prazo pré-estabelecido (42e-f). Consideraram-se estas construções como sendo de referência arbitrária por se tratar de lexias, parafraseáveis por, por exemplo, “hora em que qualquer pessoa faz a refeição”. A construção em (42f) mostra que a preposição *pera* oscilava com a preposição *de*.

Há contudo um exemplo que foge ao padrão semântico das sentenças em (42), como mostra a completiva do nome *virtude* em (43):

- (43) dsg.1.5.4 Por certo creo eu que a vertude da pazeença he melhor ca vertudes de **fazer** miragres e maravilhas

A infinitiva introduzida pela preposição *de*, no exemplo em (43), longe de ser propriamente um complemento, parece antes um sintagma adjetival que especifica um tipo particular da “classe das virtudes” do que um sintagma preposicional que completa o sentido do nome *vertudes*.

4.1.3 Relativas sem antecedente: Controle sujeito

Em (44) abaixo, registraram-se dois dados de infinitivas relativas sem antecedente⁶⁶, cujo sujeito PRO é controlado pelo sujeito de uma sentença anterior:

- (44) (a) dsg.1.17.9 (...) mandava guisar assi todalas cubas que avia e non pro₁ tiinha de que [PRO₁ as **encher**.]
- (b) dsg.1.19.3 (...) o servo de Deus, porque non pro₁ avia que [PRO₁ lhis **dar**], começou-se a coitar (...)

Nesta seção discutiram-se ocorrências de Controle em completivas verbais, nominais e adjetivas. Na seção seguinte serão estudados os padrões de Controle e Co-referência nas adverbiais.

4.2 CONTROLE E CO-REFERÊNCIA EM ADVERBIAIS

As adverbiais finais, pela alta frequência de construções com infinitivo flexionado, revelam-se como as construções que mais tendem à seleção do infinitivo flexionado – dos 37

⁶⁶ Brito e Duarte (2003, p. 683) indicam que as *orações relativas não finitas* alternam uma “versão” com um antecedente (*alguém, algo, nada, ninguém*) e uma “versão” sem antecedente, como mostram os exemplos da obra citada em (i) – os grifos e a representação do antecedente nulo (\emptyset) são nossos:

(i) Eles não têm *nada* que comer / Eles não têm \emptyset que comer

dados de infinitivo flexionado, 28 exemplificam orações adverbiais finais. Em dados de infinitivo não flexionado, as adverbiais finais somam 168 ocorrências, 123 das quais constituem construções de Controle sujeito.

Nesta seção serão estudados casos de Co-referência e Controle sujeito e arbitrário, mas as adverbiais representam também os ambientes restritos do Controle objeto no *corpus*, como será discutido na seção 4.4.

4.2.1 Co-referência e Controle sujeito

Em 16 das 28 ocorrências de orações finais com infinitivo flexionado, o sujeito nulo da infinitiva é co-referente ao sujeito de uma oração anterior, segundo ilustram as construções em (45):

- (45) (a) dsg.2.21.3 (...) aa hora de comer non pro₁ poderon aver senon cinque pães pera [pro₁ **daren** aos frades a comer.]
- (b) dsg.2.8.4 (...) muitos₁ (...) metian-se na orden pera [pro₁ **aprenderen** del en como podessen servir seu senhor Jesu Cristo.]
- (c) dsg.1.5.64 – Non dizes tu₁ esto senon pera [non pro₁ **fazeres** o que te homen roga.]
- (d) dsg.3.8.30 E deitou logo de sa casa (...) totalas outras molheres que con el pro₁ eran na casa pera [pro₁ lhi **fazeren** o serviço que en sa casa fazia mester.]
- (e) dsg.3.8.26 Ca o dia d’oonte aa vespera a atal estado pro₁ veesti con ela que pera [pro₁ lhi **mostrares** o amor maa que lhi avias] desti-lhi hũa ferida com ta mão antr’as espadoas.

Em (45) os sujeitos no plural, aos quais co-referem os sujeito nulos das infinitivas, fazem disparar a flexão de concordância no verbo infinitivo, mas tal nem sempre ocorre, como indicam os dados em (46) e muitos outros, ao longo do texto:

- (46) (a) dsg.2.3.23 (...) [estes monges]₁ (...) se juntaron contra el pera [PRO₁ **mata-lo** (...)];

- (b) dsg.2.4.2 (...) [os frades]₁ se apartavan dele pera [PRO₁ **fazer** sas orações (...)];
- (c) dsg.3.17.23 (...) hũa vegada, indo [muitos homens]₁ pera [PRO₁ **veer** este servo de Deus con devoçon grande que en ele avian (...)];
- (d) dsg.3.37.57 E depois que foi sabudo que o homen de Deus (...) devia a morrer, **veeron** [todolos lombardos]₁ que en aquel logar eran mui ledos por que son homens de gram crueza, pera [PRO₁ **veer** a morte que davan ao santo homen (...)]

Nos exemplos em (46) é possível afirmar que se trata de Controle, já que o infinitivo é não-flexionado. Assim, estas orações infinitivas adverbiais talvez se possam classificar como de Controle sujeito, por se tratar de formas sem marcas de flexão do infinitivo.

Em 44 ocorrências, o sujeito da oração principal é uma expressão referencial. No caso de expressões de 3ª pessoa do singular, como nos exemplos em (47), não há como garantir se há ou não flexão, devido à coincidência formal entre a 3ª pessoa do singular do infinitivo flexionado e a do não flexionado – portanto, não há como garantir que se trata de Controle⁶⁷:

- (47) (a) dsg.2.32.2 (...) hũu dia fora [San Beento]₁ a seu agro de pan pera [PRO₁ **segar**] (...)
- (b) dsg.3.12.7 (...) [todo o poboo]₁ se ajuntou pera [PRO₁ **veer** a gram crueza (...)]
- (c) dsg.3.12.9 (...) correu [o usso]₁ muit' agiãha contra o bispo pera [PRO₁ **comê-lo** (...)]
- (d) dsg.3.15.35 (...) tantos obreiros achou quantos alferces hi mandara deitar, ca [ladrões]₁ entraron no horto pera [PRO₁ **furtar**.]

⁶⁷ Brito, Duarte e Matos (2003:440, nota 5) assinalam que, apesar da homonímia entre certas formas verbais em português, elas podem ter valores sintáticos diferentes, com conseqüências para a forma das frases. O infinitivo não flexionado é idêntico à 1ª e 3ª pessoas do infinitivo flexionado; no entanto, tais formas não podem ser usadas indiferentemente. Não é possível dizer:

(i) *eu quero você voltar cedo,

porque o verbo *querer* subcategoriza completiva com um infinitivo não flexionado, e este não pode ser usado com sujeito próprio; mas é possível dizer

(ii) Lamento ele voltar cedo

porque a forma *voltar* em (ii) é o infinitivo flexionado – o verbo *lamentar* subcategoriza completivas de infinitivo flexionado – e, como tal, legitima a presença de um sujeito. Para evitar, no entanto, a proliferação de convenções ao longo deste trabalho, as categorias vazias em dados como os em (47) continuarão sendo representadas por PRO.

Na maioria dos casos, porém, o sujeito referente de PRO é um pronominal nulo, representando 56 ocorrências, de que se observam os exemplos em (48):

- (48) (a) dsg.2.27.8 Mais ora pro₁ tornarei — diz San Gregorio — pera [PRO₁ **contar** o que ouvi e aprendi (...)]
- (b) dsg.3.16.20 En outro dia pro₁ foi ao agro pera [PRO₁ **demandar** as ovelhas e o usso (...)]
- (c) dsg.3.17.11 — Se lecença pro₁ tomasti pera [PRO₁ me **morder**], non ch'o defendi eu.
- (d) dsg.3.31.24 (...) queres que pro₁ volvamos nosso conto a Espanha pera [PRO₁ **contar** as maravilhas que hi acaeceron (...)]

Em cinco ocorrências, organizadas em (49), as infinitivas ocorrem antepostas à oração principal e ao sujeito nulo que fixa a referência do sujeito nulo da infinitiva:

- (49) (a) dsg.3.12.24 E pera [PRO₁ **mostrar** quantos e quan grandes eram os merecimentos daquel santo bispo que na nave levavam], pro₁ quis e ordñou e mandou que de cada parte da nave chovesse e que nen hũa gota de chuvia non caesse na nave en que o santo corpo ia.
- (b) dsg.2.30.20 E pera [PRO₁ **mostrar** esto como he verdade], pro₁ contarei duas façanhas maravilhosas que foron feitas per este leal vassalo de Nosso Senhor, San Beento.
- (c) dsg.3.32.35 — Pera [PRO₁ **maravilhar**] he muito, padre, [esto que contas]₁ (...)]
- (d) dsg.3.18.34 Esto dizia el porque en [PRO₁ **conhocer** Jesu Cristo compridamente] ha [homen]₁ conhecimento de todas aquelas cousas que se contẽẽ no Testamento Velho e Novo.
- (e) dsg.2.23.25 E as vezes daquesto San Pedro en legar e en [PRO₁ **soltar**] gaanhau [todos aqueles que per fe e per custumes teen logo de santo regimento na eigreja de Deus]₁.

Em um número menor de casos (10 ocorrências), o sujeito antecedente do sujeito nulo da infinitiva, apresenta-se como um pronome pleno⁶⁸.

- (50) (a) dsg.1.18.10 Eu₁ viim aqui pera [PRO₁ **comer**]
- (b) dsg.1.18.16 E quando alguen o homen santo move, pera sanha que ven, outren₁ se non move pera [PRO₁ **asanhar** senon aquel en cujo templo e en cuja casa El mora.]
- (c) dsg.1.25.16 (...) quando o homen há maa entençon na obra que quer fazer todos outros feitos que homen₁ faz, pera [PRO₁ **acabar** aquela obra que faz con maa entençon], son maaos, como quer que aas vezes bõos parescan.
- (d) dsg.2.13.18 (...) na terceira venceu-te e feze-te quebrantar ta ordin ca aquelo desejava el₁ pera [PRO₁ te **meter** en pecado.]
- (e) dsg.2.18.5 (...) non bevas daquel barril (...) que tu₁ ascondisti na carreira pera [PRO₁ **bevere-lo** depois (...)]

Em quatro ocorrências, o sujeito da sentença anterior, referente de PRO, ocorre como um DP com núcleo nominal nulo, indicado entre colchetes:

- (51) (a) dsg.1.18.10 (...) ainda non abri mha boca pera louvar Deus e ja [aquele]₁ ven con sa bogia pera [PRO₁ **tanger** sas campããs] e pera fazer seus escárnios (...)]
- (b) dsg.1.2.4 [Aqueste]₁ des sa meninice sempre fez mui grande asteença pera [PRO₁ **aver** depois porende a gloria do paraiso.]
- (c) dsg.2.1.66 (...) viinhan [muitos]₁ pera [PRO₁ **vee-lo** e tragian-lhi que comesse.]
- (d) dsg.3.18.41 Mais se [aquele que se resuscitaron]₁ cobrou vida do corpo e da alma pera [PRO₁ **seer** sempre salva per obras bõas e santas que faz (...)]

⁶⁸ O exemplo em (50d) sugere, ainda, subida do verbo *desejar* e do objeto da sentença final.

Nos exemplos em (51c-d), o sujeito co-referente é uma expressão no plural, sendo que o infinitivo ocorre não flexionado, o que autoriza dizer que se trata, de fato, de construções de Controle.

A adverbial infinitiva final ocorre ora regida pela preposição *a*, ora pela preposição *por*, conforme atestam, respectivamente, os exemplos em (52a-b) e (52c-d):

- (52) (a) dsg.3.7.3 (...) [o honrado bispo da cidade]₁, don Cassio, saiu a [PRO₁ **receber** el-rei.]
- (b) dsg.3.37.22 E pois pro₁ se asseentaron a [PRO₁ **comer**] pose-lhis aquel pan deante (...)
- (c) dsg.2.31.5 (...) esto fazia ele₁ por [PRO₁ **perlongar** os tormentos que lhi davan (...)]
- (d) dsg.3.2.6 E a molher pobre pois ouviu o que dezia Paulino, que era bispo tan honrado, cuidou que pro₁ lho dezia mais por [PRO₁ **escarnecer** dela ca por doo que dela ouvesse.]⁶⁹

Além de finais, outros tipos de adverbiais podem ocorrer em construções em que o sujeito de uma sentença anterior co-refere com o sujeito nulo da infinitiva. Vejam-se os exemplos em (53):

- (53) (a) dsg.3.16.49 Ca os seus servos verdadeiros₁ (...) guardan-se de çujar sas mentes per *muito* [PRO₁ **falar** (...)]
- (b) dsg.3.20.14 (...) porque ouvi eu dizer que en (...) Italia avia barões de (...) maravilhosas vertudes queria saber se sofreron algũas tentações do enmiigo e se pro₁ foron de maiores merecimentos ante Deus polos [PRO₁ **sofrer** bem].
- (c) dsg.2.5.9 (...) pro₁ tornou-se pera seu moesteiro sen [PRO₁ **saber** de nen hũu daqueles que hi eran.]

Em (53a-b), o sujeito nulo da infinitiva adverbial causal ou de modo co-refere com o sujeito da oração anterior; o mesmo se pode perceber em relação à circunstancial em (53c).

⁶⁹ Matos e Silva (1984, p. 730) considera esta construção uma causal. Apoiado no contexto de dsg.2.31.5 (cf. 53c), em que a ação expressa pela infinitiva, introduzida pela preposição *por* expressa inequivocamente a noção de finalidade, agruparemos aqui também dsg.3.2.6 entre as finais. Note-se que a estrutura se insere numa construção comparativa.

4.2.2 Controle arbitrário

Remontam a cinco as ocorrências, presentes no *corpus*, de referência arbitrária de PRO em orações adverbiais. Apresentamos em (54) todos os exemplos:

- (54) (a) dsg.1.4.25 E ja podes entender, Pedro, quanto val a homildade pera [PRO_{arb} **fazer** vertudes e miragres.]
- (b) dsg.3.24.22 (...) o corpo do abade (...) volve se en huum lado e leixou o logar vazio no muimento pera [PRO_{arb} **soterrar** o corpo do monge seu criado.]
- (c) dsg.2.35.12 E o homen de Deus San Beento mandou logo a Teopobro que era homen mui religioso e estava en Castro Casino que [pro]₁ mandasse CV_{arb} logo en essa noite aa cidade de Capua pera [PRO_{arb} **saber** que era do bispo]
- (d) dsg.3.14.18 Mais o corpo do santo bispo acharon-no tan fresco e tan rezente come se en esse dia fosse soterrado e, o que he moor maravilha e mais pera louvar e pera [PRO_{arb} **honrar**], acharon a sa cabeça tan junta con o corpo (...)
- (e) dsg.3.14.18 Mais o corpo do santo bispo acharon-no tan fresco e tan rezente come se en esse dia fosse soterrado e, o que he moor maravilha e mais pera [PRO_{arb} **louvar**] e pera honrar, acharon a sa cabeça tan junta con o corpo (...)

Também em orações que funcionam como segundo termo da comparação é possível a co-referência arbitrária do sujeito da infinitiva⁷⁰, como mostra o exemplo em (55):

- (55) dsg.3.18.26 E pero se metermos mentes nas cousas que non veemos, assi como son as almas, muito he maior miragre tornar o pecador do estado maa en que vive aa saude da sa alma, ca de pro_{arb} **resuscitar** o morto no corpo que ante avia.

As adverbiais infinitivas, nesta seção, foram analisadas da seguinte forma: se o infinitivo é não-flexionado, trata-se de construção de Controle; se é flexionado, tem-se Co-

⁷⁰ Não foram encontrados dados de infinitivo flexionado em estruturas comparativas. Maurer Jr (1968, p. 114) apresenta alguns exemplos em que o segundo termo da comparação é um infinitivo flexionado, porém de fases mais recentes da língua, como o exemplo de Dinis (1871, p. 354): “Pois digo-lhe eu que é verdade, como em dois e dois serem quatro”.

referência. Os casos ambíguos são aqueles em que, sendo o co-referente de 1ª e 3ª pessoa do singular, não se pode ter certeza se há flexão ou não, pois a mesma pode estar invisível.

As adverbiais perfazem um total de 211 dados no *corpus*, entre ocorrências de infinitivo flexionado e não-flexionado. Os dados de adverbiais de Controle, isto é, com infinitivo não-flexionado⁷¹, somam 187; o tipo mais atestado de adverbiais de Controle são as finais, com 168 ocorrências, sendo o Controle sujeito o padrão de Controle preponderante nestas construções.

4.2.3 Controle objeto: opções restritas

As construções de Controle objeto no *corpus* estão circunscritas a alguns casos isolados de completivas nominais, subjetivas, relativas e adverbiais, as quais serão examinadas nas seções seguintes, em que se constata que o Controle objeto não está completamente ausente do *corpus*.

4.2.3.1 Completivas nominais: Controle de objeto indireto

Há seis construções completivas nominais em que o sujeito nulo da infinitiva é controlado pelo objeto indireto⁷², todas elas relacionadas ao paradigma “X dar licença a Y + para + S_{infinitiva}”. Em duas ocorrências, a infinitiva é regida da preposição *pera*:

- (56) (a) dsg.3.37.59 E pois que o trouveron antr’aqueles todos que eran armados, correu o santo homen muito agiãha *pera* as sas armas, ca lhis pediu que lhi₁ dessen leçença *pera* [PRO₁ **fazer** hũũ pouco oraçon.]
- (b) dsg.3.24.8 E porende rogou o abade do moesteiro que o criara que lhi₁ desse leçença *pera* [PRO₁ **mandar** fazer hũũ muimento en que o soterrassen depós sa morte.]

Duas ocorrências demonstram regência pela preposição *de*:

⁷¹ Incluem-se aqui os dados ambíguos de 1ª e 3ª pessoas do singular.

⁷² Não foram registrados casos semelhantes com referência ao objeto direto.

- (57) (a) dsg.2.25.4 O monje (...) rogava-o muito ameudi e muito aficadamente que lhi₁ desse leceña d' [PRO₁ **ir fora do moesteiro.**]
- (b) dsg.3.15.11 (...) padre Isaac (...) rogou aaqueles que a eigreja guardavan que lhi₁ dessem leceña de [PRO₁ **fazer** sa oraçon na eigreja (...)]

Não foram constatados casos de objeto indireto como expressão referencial plena.

4.2.3.2 Subjetivas: Controle pelo objeto indireto

Foi registrada apenas uma ocorrência de infinitivo flexionado em subjetivas, porém com sujeito lexicalmente realizado:

- (58) dsg.3.15.65 Mais que maravilha he **d'acaecerem** estas cousas no homen que he tam fraco (...)

Também em subjetivas é possível o Controle com o objeto indireto⁷³ da predicação principal. Os exemplos em (59) não se podem classificar *a priori* como ocorrências de Controle, visto que o controlador constituiu-se, em todos os casos, de uma expressão de 1ª pessoa, como demonstram as três ocorrências em (59):

- (59) (a) dsg.2.5.5 — Gram trabalho nos₁ he de PRO₁ **decer** cada dia aa lagoa de cima daquel monte pola agua que avemos mester.
- (b) dsg.2.36.3 — Muito mi₁ **prazeria**, Pedro, de PRO₁ **contar** ainda muitas cousas deste honrado padre Sam Beento (...)
- (c) dsg.2.36.3 (...) algũas cousas que sei del leixo-as a ciente porque me₁ coita pera [PRO₁ **contar** vidas doutros padres porque foron mui santos.]

Assumindo que se trata de construções de Controle, em (59a), o sujeito nulo da infinitiva é controlado pelo objeto indireto clítico *nos*⁷⁴; considerou-se esta estrutura como parafraseável

⁷³Não foram registrados casos semelhantes de Controle ao objeto direto.

⁷⁴É possível analisar o exemplo em (59a) como uma construção de Alçamento.

por “grande trabalho é, para nós, nós descermos”, em que fica explícita a relação de Controle entre as categorias relevantes⁷⁵; em (59b-c), o Controle se faz pelo clítico *me*.

4.2.3.3 *Relativas: Controle de objeto indireto*

As construções em (60) abaixo não constituem propriamente as chamadas *orações relativas não finitas sem antecedente expreso* (cf. nota 65), haja vista a ausência do complementador *que*; constituem exemplos de Controle pelo objeto indireto da sentença precedente⁷⁶:

(60) (a) dsg.3.15.39 E depois que lhis₁ deu a [PRO₁ **comer** avondadamente], disse-lhis:

(b) dsg.3.33.34 E se me₁ os frades ameudi non dessen a [PRO₁ **comer**] semelhava-me que mi arrigavan o espiritu do corpo.

Propõe-se aqui, sem embargo, para as construções em (60a-b), a mesma análise feita para as orações relativas não finitas sem antecedente expreso. Não se trata, aqui, de construções de objeto nulo propriamente ditas, de que não dispunha a língua arcaica, visto que o próprio conjunto formado pelo antecedente e pela relativa livre desempenha, em relação à oração superior, a função de objeto (BRITO e DUARTE, 2003, p.683)⁷⁷. Conforme indica a coindexação, PRO é controlado, nos dois casos, pelo objeto indireto clítico.

4.2.3.4 *Adverbiais finais: Controle de objeto direto e indireto*

O sujeito nulo das infinitivas, nas construções com adverbiais finais, pode ser co-referente ao objeto direto da oração principal, conforme demonstram 13 ocorrências. Deste

⁷⁵ Os exemplos em (59b-c) foram analisados da mesma maneira.

⁷⁶ Não há casos de Controle sujeito em adjetivas.

⁷⁷ O conjunto formado pelo antecedente e pela relativa livre pode desempenhar também, em relação à oração superior, as funções de objeto indireto e oblíquo, como em (ii) e (iii), respectivamente:

(ii) Procuo a quem deixar as plantas.

(iii) Eles têm com que cortar o queijo.

Quanto aos traços de AGR em I, segundo as autoras, estas estruturas apresentam a propriedade de não poderem usar o infinitivo flexionado:

(iv) *Eles não têm que vestirem.

montante de ocorrências, seis apresentam objetos diretos pronominais (cf. o pronome sublinhado, nos exemplos):

- (61) (a) dsg.1.18.7 (...) fez tanger as campãas aa bogia pera se pagaren del que o₁ recebessen dentro *pera* [PRO₁ **comer**.]
- (b) dsg.1.4.10 (...) piedade e doo que avia da madre que fazia tan gram chanto por seu filho movia-o₁ *pera* [PRO₁ **pedir** a Nosso Senhor que socorresse aaquela molher tan coitada.]
- (c) dsg.2.16.3 (...) E o seu bispo daquela eigreja, que havia nome Constancio, feze-o₁ trager per totalas eigrejas dos martires que eran en seu bispado *pera* [PRO₁ **gaanhar** saude daquel mal que avia (...)]
- (d) dsg.3.28.9 (...) tragen a graça e o amor do seu salvador que os₁ move *pera* [PRO₁ **morrer** por ele (...)]
- (e) dsg.3.16.13 (...) o santo homen (...) entendeu que lha₁ enviara Deus *pera* [PRO₁ o **servir** (...)]

Nos exemplos em (61) o objeto direto é sempre um pronome clítico com matriz fonológica, mas pode ocorrer como um vestígio do objeto relativizado, como atestam as três ocorrências em (62):

- (62) (a) dsg.2.22.8 E a noite d' ante aquel día en que prometera de vñr pareceu San Beento en sonhos a[aquel monje]₁ que₁ pro₂ enviara **cv**₁ hi *pera* [PRO₁ **teer** sas vezes]
- (b) dsg.3.21.6 (...) todo homen poderia entender sen duvida nen hũa que [o enmiigo]₁ que₁ el chamara **cv**₁ *pera* [PRO₁ **descalçá-lo**] obedeecera-lhi agũa (...)]
- (c) dsg.3.18.28 E aqesto podemos nós veer e entender en [Lazaro]₁ que₁ Deus resuscitou₁ **cv**₁ *pera* [PRO₁ **viver** en carne come os outros que no mundo viven].

O objeto direto controlador de PRO em construções finais pode ser uma expressão referencial – conforme uma única ocorrência, que se traz em (63):

- (63) (a) dsg.2.22.3 — Hũ tempo acaeceu que hũ homen rico e de gram fe rogou San Beento que enviase [seus discipulos]₁ pera [PRO₁ **fazer** hũ moesteiro en huum seu grande e mui bõõ logar cabo da cidade de Teracina.]

Quanto ao Controle pelo objeto indireto, somam 14 as ocorrências de orações adverbiais no *corpus*. 11 destas ocorrências representam adverbiais finais:

- (64) (a) dsg.2.1.43 E cada que podia vñr a San Beento tragia-lhi da sa raçon do pan que lhi₁ a el₁ davan pera [PRO₁ **comer**.]
- (b) dsg.3.6.11 — Bévi tu primeiro esto que mi₁ tu queres dar a [PRO₁ **bever**.]
- (c) dsg.3.37.33 E pois o homen de Deus vio que eles de todo queriam matar o clerigo, rogô-os que lho₁ dessen a [PRO₁ **guardar** (...)]

No exemplo em (64a), o controlador é o pronome forte *el*, como indica a coindexação, sendo que há aí reduplicação do objeto; em (64b), o controlador é o pronome *me*; em (64c), a referência da infinitiva adverbial final é estabelecida pelo pronome clítico *lhe*, o qual se encontra combinado ao clítico acusativo *o*.

O objeto indireto pode consistir em uma expressão referencial, como demonstram as quatro ocorrências listadas em (65):

- (65) (a) dsg.2.17.7 — Todo este moesteiro con todas aquelas cousas que hi son, son outorgadas per juizo de Deus aos gentiis₁ pera [PRO₁ **destroi-las** (...)]
- (b) dsg.3.37.46 (...) veeron os lombardos e demandaron o clerigo que deron ao santo homen₁ a [PRO₁ **guardar**.]
- (c) dsg.2.21.3 (...) non poderon aver senon cinque pães pera daren aos frades₁ a [PRO₁ **comer**.]
- (d) dsg.2.22.8 (...) pareceu San Beento en sonhos (...) a[aquele que enviara hi]₁ pera [PRO₁ **seer** preposto do moesteiro.]

Além de adverbiais finais, coletaram-se três casos de comparativas, regidas ou não de uma preposição sem conteúdo lexical, e cujo sujeito nulo é controlado pelo objeto indireto:

- (66) (a) dsg.3.29.4 (...) prougue-lhis₁ mais per morte ir aa vida en que nengũ non pode morrer, ca orando e sacrificando ao enmigo [PRO₁ **ficar** en esta vida mesquinha.]
- (b) dsg.3.2.46 — Quando me acaece que ouço algũa bõa cousa que non posso seguir, mais me₁ praz de [PRO₁ **calar** ca de falar.]
- (c) dsg.3.2.46 — Quando me acaece que ouço algũa bõa cousa que non posso seguir, mais me₁ praz decalar ca de [PRO₁ **falar**.]

Nesta seção foram abordados os casos restritos de Controle de objeto do *corpus*. Na seção seguinte serão analisadas as construções de ECM.

4.3 CONSTRUÇÕES DE MARCAÇÃO EXCEPCIONAL DE CASO

Conforme se esboçou nas seções 2.5 e 3.3, a *Marcação Excepcional de Caso* ocorre quando um núcleo marca com Caso o argumento de um outro núcleo⁷⁸. Entre as ocorrências de infinitivas, foram computados 239 dados deste fenômeno. Na seção 4.3.1 serão examinados os verbos perceptivos; em 4.3.2 serão discutidas as construções com verbos causativos. Alguns casos especiais do português arcaico serão analisados em 4.3.3.

4.3.1 Verbos perceptivos

As construções de Marcação Excepcional de Caso com verbos de percepção sensorial perfazem 59 ocorrências, das quais 38 envolvem o verbo *ver*. O sujeito encaixado ocorre como expressão referencial em treze ocorrências deste verbo, como mostram os exemplos em (67):

- (67) (a) dsg.3.32.43 (...) achei hũu bispo antigo e homen bõõ que mi disse que **vira** *as bocas daqueles bispos de que suso fazemos mençon* **falar** sen linguas (...)

⁷⁸ O termo *Marcação Excepcional de Caso* tem sido utilizado de forma ampla, para designar a atribuição de Caso também pelas preposições. Nesta discussão, porém, o termo será restrito à marcação de Caso de um argumento sujeito encaixado, por parte de um verbo superior.

- (b) dsg.3.35.16 — Muito val ao homen pera fazer vida boa e santa **veer** *os homens santos* **fazer** miragres (...)

Nos exemplos em (67a-b), o sujeito encaixado encontra-se no plural, mas a forma infinitiva não está flexionada. Este fato evidencia que a marcação de Caso do DP sujeito da infinitiva é excepcional, isto é, realizada por um núcleo do qual o DP em questão não depende tematicamente – no caso, o verbo *ver*. O Caso atribuído por este verbo ao DP é o Acusativo, o que pode ser demonstrado se os sujeitos encaixados assumem formas pronominais, como em (68)⁷⁹:

- (68) (a) dsg.1.1.7 (...) o meu filho muito amado Pedro, clerigo d'avangelho e des sa mancebia sempre meu amigo e meu companheiro nos livros da Escritura Santa que eu escrivi, **veendo-me seer** tan desconfortado e chorar con tanto prazer as amarguras grandes que eno meu coração avia, disse-me:
- (b) dsg.1.8.19 (...) alçou os seus olhos e **vio-o viir** pela carreira (...)

Nos exemplos em (68), o sujeito do verbo mais baixo ocorre enclítico ao verbo matriz, na posição em que recebe Caso, mas pode ocorrer próclise, como atestam sete ocorrências, de que trazemos cinco em (69):

- (69) (a) dsg.1.18.8 E o santo bispo pois que o **vio tanger** as campãas disse con gram desdenhamento:
- (b) dsg.2.8.37 E os sobérvios e os maaos homêes viron a sa morte despreçaron-no e os bõos e os homildosos que o **viron resurgir** ouveron gloria e prazer (...)
- (c) dsg.2.14.8 E quando este Rigo entrou pelo moesteiro (...) o servo de Deus (...) pois lo **viu viir** e chegar-se a el (...)
- (d) dsg.2.15.2 (...) aquel rei Totila vëo per si mesmo ao homen de Deus e quando entrou

⁷⁹ Mateus e outros (1984, p. 275) indicam que, quando o DP sujeito do predicado infinitivo encaixado em construções com causativos assume a forma de pronome clítico, ele liga-se ao Verbo superior e não ao segundo elemento verbal, fato que classifica como *Subida de clítico*.

pelo moesteiro e o viu seer alonjado de si, non foi ousado de se chegar a el mais deitou-se en terra ante el.

- (e) dsg.3.33.5 Aqueste Eleuterio foi homen mui simples (...) e quen o a el visse chorar en sa oraçon non duvidaria que aquelas lagrimas (...) non podesse gaanhar ante a face de Deus muitas cousas daquelo que lhi rogava.

Nos exemplos em (69), o sujeito recebe Caso Acusativo do verbo matriz e em seguida é alçado para uma posição à esquerda daquele⁸⁰. A construção em (69-e) exemplifica reduplicação do sujeito acusativo.

Os casos de *Subida de Clítico* sujeito do verbo encaixado podem envolver interpolação do sujeito matriz, como mostra uma ocorrência, em (70):

- (70) dsg.3.4.7 E pois lo todo o poboo viu andar (...) começaram a chorar con prazer (...)

O sujeito pode também ocorrer na forma oblíqua, como mostram as quatro ocorrências, em (71)⁸¹:

- (71) (a) dsg.1.17.20 (...) Nosso Senhor Jesu Cristo (...) mandou aos seus discipolos que algũs mirages daqueles que lhi viiam fazer non-no dissessem a nenguã (...)
- (b) dsg.3.29.11 Mais aquestes de que nós aqui falamos pola cima que lhes vimos fazer, dissemos que eran martires polo gram marteiro que aos seus corpos davan (...)
- (c) dsg.1.17.3 Daqueste conta hũu clerigo de missa, que foi seu criado, muitas maravilhas que fez e portanto as homen cree por mais verdadeiras quanto el foi mais presente, quando lhas viia fazer.
- (d) dsg.2.16.7 (...) depós morte de todos aqueles que lhi aquel mal viron sofrer en seu corpo (...)

⁸⁰ O pronome clítico sujeito do infinitivo casualmente legitimado pelo verbo superior ocorre adjacente ao verbo matriz, e não ao encaixado. A *Subida de Clítico* é obrigatória neste tipo de construções, no português europeu contemporâneo (DUARTE, 2003, p. 860). Como comentado na nota 3, o fenômeno da *Subida de clíticos* apresenta características diferentes no PA.

⁸¹ Para Mateus e outros (1989, p. 275), a forma *lhe(s)* pode assumir a função de sujeito se a oração encaixada comporta, na sua forma subjacente, um DP sujeito e um DP objeto, p.e., *mandei os alunos escreverem a carta* pode ocorrer como *mandei-lhes escrever a carta*.

Em (71a-c), o sujeito alçado ocorre contíguo ao verbo matriz, sendo que no exemplo em (71c) o pronome é a combinação do clítico acusativo e o objeto indireto clítico oblíquo; em (71d) o objeto direto encaixado lexical interpola-se entre o sujeito clítico alçado e o verbo matriz.

O verbo matriz alça-se em uma ocorrência, o que parece indicado pela ordem dos constituintes em (72):

- (72) dsg.3.2.8 E pois ambos chegaram a terra d' Africa **viu** a molher pobre en hũa cidade d' Africa **passar** pela rua aquel que tiinha seu filho(...)

Em um caso com o verbo encaixado intransitivo *chorar*, o sujeito lexical ocorre à direita deste:

- (73) dsg.2.21.16 (...) o profeta Eliseu quando **viu chorar a molher** (...)

O sujeito encaixado pode ocorrer relativizado, como demonstra a única ocorrência em (74) (a CV na posição de sujeito encontra-se à direita do verbo encaixado por ser este um verbo inacusativo):

- (74) (a) dsg.2.18.7 Enton o mandadeiro, que chamavam Eixilarado, pesou-lhi muito do mal e do escárnio que fezera ao homen santo de Deus per aquelo₂ que₂ pro₁ **vira sair** cv₂ do barril (...)

O objeto direto do verbo mais baixo em construções ECM com o verbo *ver* ocorre no *corpus* em duas posições diferentes, conforme indicam os dados em (75):

- (75) (a) dsg.3.18.13 E pois a molher esto **vio fazer**, começou-se a queixar (...)
- (b) dsg.3.18.21 (...) non quis que lhi fezessen honra per que podesse aver a gloria do mundo daqueles que lhi **viron tam grande miragre fazer**.

No exemplo em (75a) o objeto encaixado é um DP com núcleo nominal nulo acima do verbo matriz, sendo que o sujeito encaixado apresenta-se elíptico; em (75b), o objeto, uma expressão referencial, ocorre entre o verbo matriz e o encaixado, sendo o sujeito encaixado o pronome *lhi*.

Alguns adverbiais podem intercalar-se entre o verbo matriz e o encaixado, como se pode apreciar em seis ocorrências, exibidas nos exemplos em (76):

- (76) (a) dsg.3.6.19 — Maravilhosas son estas cousas que contas, padre, ca non **veemos** *ora en nossos tempos* tan grandes cousas **fazer** (...)
- (b) dsg.2.23.15 E hũa sa ama delas que as criara, que as viinha cada dia oferendar aa eigreja **viia-as** *cada dia* **sair** dos seus moimentos (...)
- (c) dsg.2.21.4 E pois o honrado San Beento (...) repreendê-os temperadamente porque os viu tan agiha **queixar** pola mengua do pan que avia no moesteiro.
- (d) dsg.3.5.2 (...) Dacio, bispo de Milan (...) **viu longe** **estar** hũa casa soo mui grande (...)
- (e) dsg.2.2.8 (...) **vio** *arredor de si* **crecer** grandes mouteiras d’ortigas e d’espîhas;
- (f) dsg.3.19.6 (...) os godos (...) tiraron o monge da sa cela em que jazia e **viron** *hi preto* **estar** hũu forno muito acendudo (...)

Em (76a), um adverbial de modo e a expressão referencial com função de objeto direto (sublinhado no exemplo) posicionam-se entre as predicções superior e encaixada. Em (76b) o sujeito encaixado (o pronome acusativo enclítico ao verbo principal) e um adverbial situam-se entre o verbo superior e o encaixado; já em (76c) o sujeito encaixado ocorre proclítico ao verbo principal, e apenas o adverbial ocorre entre os dois verbos da construção. Os exemplos em (76d-f) exibem o mesmo padrão, que consiste em um adverbial entre o verbo matriz e o encaixado, estando o sujeito encaixado à direita do verbo a que está relacionado⁸².

Menos freqüente, o verbo *ouvir* totaliza 21 ocorrências, demonstrando o mesmo comportamento estável que o verbo *ver*, em relação à marcação de Caso do sujeito do verbo subordinado:

- (77) (a) dsg.3.32.16 Ca, depois que este glorioso martir foi morto, **ouviron** derredor do seu corpo *os anjos* **cantar** cantos de mui grandes sabores (...)

⁸² Estes sujeitos, sublinhados em (76d-f), encontram-se na posição em que são gerados os argumentos internos dos predicados inacusativos, como é o caso dos verbos encaixados nos exemplos em análise.

- (b) dsg.2.35.9 E o abade pois **ouviu** *San Beento* **braadar** contra seu costume, entendeu que algũa cousa grande vira (...)
- (c) dsg.3.18.6 Seendo hũ dia en sa pousada que estava preto da eigreja, **ouvio** *hũa molher* **chorar** mui dooridamente (...)

O sujeito de *cantar*, em (77a), i.e., o DP plural *os anjos*, não dispara concordância no verbo infinitivo, pois, da mesma forma que ocorre quanto ao verbo *v.er*, a Marcação de Caso é levada a efeito pelo verbo mais alto.

O sujeito encaixado pode apresentar marcas explícitas de Caso, como demonstram na construção em (78):

- (78) dsg.3.2.14 E ao gentil prougue muito, pois lhi **ouvio dizer** que avia sabença per que lavrasse e enderençasse ben qualquer horto (...)

Há quatorze ocorrências em que o sujeito da oração subordinada ocorre elíptico, sempre em construções em que o verbo encaixado é *dizer* (11 vezes), *contar* (2 vezes), *falar* (2) e *nomear* (1 vez):

- (79) (a) dsg.2.8.26 E pois o honrado padre San Beento **ouvio dizer** que aquel prelado morrera tan maa morte (...)
- (b) dsg.1.2.8 Ca naquel logar sol homen **ouvir falar** de pescado.
- (c) dsg.1.29.14 E el acordou come se acordasse de sono quando **ouvio nomear** o seu nome (...)

Outras vezes, o sujeito lógico da infinitiva ocorre em um sintagma preposicional à direita do verbo infinitivo (sublinhado nos exemplos), sintagma este denotativo da fonte da informação:

- (80) (a) dsg.2.27.3 — Non me calarei do que **ouvi dizer** a hũ seu discipulo que avia nome Peregrino.

- (b) dsg.2.26.3 — Non cuido que he pera calar hũũ feito que **ouvi contar** a don Antonio, hũũ muito honrado e de muito alto liagen.

4.3.2 Verbos causativos

4.3.2.1 Verbo mandar

Os verbos causativos destacaram-se como os mais freqüentes em Construções de Marcação Excepcional de Caso no *corpus* em exame, com 180 dados coletados. O verbo *mandar* lidera o grupo dos causativos, com 67 ocorrências. Não há casos de expressões referenciais como sujeito encaixado, o qual ocorre invariavelmente como pronome clítico acusativo, como ilustrado em (81):

- (81) (a) dsg.1.28.20 Qualquer outra cousa que nos mandedes fazer, faremo-lo de boa mente (...)
- (b) dsg.1.8.21 Homen, tj mandei eu **trager**, ca non feo.
- (c) dsg.3.22.22 — Se nos deitas deste homen, **mandi-nos entrar** na companhia daqueles porcos que ali andan pascendo.
- (d) dsg.2.20.8 (...) feze-o tolher daquel serviço que lhi fazia e **mandoo-u logo seer** quedado.
- (e) dsg.3.5.2 (...) Dacio, bispo de Milan (...) viu longe estar hũa casa soo mui grande e muito alta e **mandou-a mui ben guisar** pera pousar en ela.

Em (81a-b), o sujeito do predicado subordinado ocorre proclítico ao verbo principal, do qual recebe Caso acusativo por estar associado sintaticamente à posição em que recebe Caso. A ordem VS em (81b) sugere subida visível do verbo matriz. Os exemplos em (81c-e) ilustram três ocorrências em que o sujeito encaixado está enclítico ao verbo matriz, sendo que em (81d) e (81e) há um advérbio intercalado entre o verbo matriz e o encaixado.

Da mesma forma que em relação ao verbo *ouvir*, o sujeito encaixado em construções de Marcação Excepcional de Caso com o verbo *mandar* é omissa em trinta e duas ocorrências. O destinatário da ordem (isto é, o sujeito nulo da infinitiva), nestes casos, tem uma leitura arbitrária ou indefinida, como nos exemplos em (82):

- (82) (a) dsg.2.31.4 Acaeeceo hũũ dia que **mandou atormentar** hũũ homen (...)
- (b) dsg.2.11.10 E o honrado padre San Beento **mandou deitar** aquel corpo na cela (...)
- (c) dsg.2.37.5 E ante seis dias que morresse **mandou abrir** a cova en que o avian de soterrar (...)
- (d) dsg.1.17.14 E pois que esto feze, **mandou chamar** os pobres (...)
- (e) dsg.3.15.35 E depois que a manhã veo, fez levar o conduito que **mandara guisar** pera o horto (...)

Em alguns casos, ocorre um objeto clítico entre o verbo causativo e o infinitivo, mas trata-se aí do um argumento interno do infinitivo e não seu sujeito⁸³:

- (83) (a) dsg.3.32.18 E pois seu padre (...) doeu-se muito porque o **mandara matar** (...)
- (b) dsg.2.28.9 E o santo homen de Deus (...) **mandô-a dar** con o azeite entreguemente ao clerigo pobre que o demandara.
- (c) dsg.3.32.7 E porque entendeu que (...) non podia quebrantar a vertude e o atrevimento daquele seu filho ben aventurado, **mandô-o prender** (...)
- (d) dsg.2.28.9 E o santo homen de Deus **mandô-a ende alçar** (...)

Nestas construções, o sujeito mantém a interpretação arbitrária. Em (83a), o objeto ocorre proclítico ao verbo matriz; (83b-d) exemplificam ênclise ao verbo matriz, sendo que em (83d) um adverbial intercala-se entre os verbos superior e encaixado.

Quanto aos objetos indiretos, em 12 ocorrências figuram como pronomes proclíticos ao verbo principal. Os exemplos em (84) ilustram alguns casos:

- (84) (a) dsg.3.11.7 – Vai e di ao rio: “o bispo ti **manda dizer** que te retenhas en ti (...)”

⁸³ Embora esta pesquisa trate especificamente do sujeito do infinitivo, apresentam-se aqui dados sobre a posição dos complementos clíticos do infinitivo para ilustrar as variações de adjacência linear estrita entre o verbo matriz e o verbo infinitivo.

- (b) dsg.3.15.43 (...) veeron a ele hũũs que semelhavan romeus (...) e rogaron-no que lhis fizesse miseridordia e que lhis **mandasse dar** pelo amor de Deus que vestissen.
- (c) dsg.2.14.5 E do moesteiro lhi **mandaron dizer** que vễesse.

As construções em (84) ilustram algumas das oito ocorrências de próclise do objeto indireto ao verbo matriz; há porém cinco casos de ênclise:

- (85) (a) dsg.2.14.4 (...) hũũ seu rei deles que avia nome Totila pois ouvio dizer que o honrado padre San Beento avia spiritu de profecia (...) foi a seu moesteiro e ante que chegasse a el **mandou-lhi dizer** que el que o ia veer.
- (b) dsg.3.17.35 E pois esto ouvio o honrado baron San Beento, de que suso falei, **mandou-lhi dizer** per hũũ discipulo:
- (c) dsg.2.8.25 (...) San Mauro (...) mandou dizer a San Beento (...) que (...) Florencio (...) morrera e por esso **mandou-lhi dizer** que se tornasse.
- (d) dsg.3.3.7 E o nobre homen (...) enviou o cavalo ao santo homen e **mandou-lhi pedir** por mercee que recebesse aquel cavalo por seu (...)
- (e) dsg.2.23.9 E el pois entendeu que eran de maas linguas **mandou-lhes logo dizer** que se corregessen (...)

Os exemplos em (85) mostram o objeto indireto encaixado alçado para uma posição à direita do verbo matriz⁸⁴. O exemplo em (85e) apresenta ainda um adverbial intercalado entre as duas formas verbais. Há outros exemplos de intercalação de adverbiais, como os em (86):

- (86) (a) dsg.2.6.7 Enton aquel santo monge Mauro **mandou logo dizer** a San Beento (...)
- (b) dsg.2.11.8 E o servo de Deus **mandou logo dizer** que lhi trouvensen o corpo do

⁸⁴ Segundo Ali (1931, 1ª parte, p.196), a forma pronominal oblíqua *lhe* também serve para denotar a pessoa a quem se ordena que faça alguma coisa nas construções do verbo *mandar* com infinitivo transitivo: Qualquer cousa *que lhes mandar fazer* o moço (do *Livro da Montaria*, 233), em que a forma *lhes* assume a função de sujeito de *fazer*. Entretanto o contexto permite afirmar que se trata, nos exemplos em (85), de objetos indiretos.

meninho assi esmigalhado como era.

- (c) dsg.3.5.5 E portanto **mandou** *hi* **fazer** seu leito (...)
- (d) dsg.3.15.50 (...) o santo homem lho **mandou** *multo* **gracir**, mais pero disse ao mandadeiro:

Em (86a-b) vê-se um adverbial de tempo entre o verbo matriz e o subordinado; em (86c) e (86d) ocorre, respectivamente, a intercalação de um locativo e um intensificador.

Outros constituintes podem ocorrer enclíticos ao verbo matriz, como o dativo de posse (duas ocorrências) e o constituinte pronominal co-referente, ao que parece, ao objeto proposicional que expressa o conteúdo da ordem (duas ocorrências), como exemplificam, respectivamente, os dados em (87a-b) e (87c):

- (87) (a) dsg.2.31.7 E **mandou-lhi** **legar** as mãos mui fortemente e ele subiu en seu cavalo (...)
- (b) dsg.3.32.32 (...) el-rei ficou mui sanhudo e muito irado contra aqueles bispos e **mandou-lhes** **cortar** as linguas pelas raigadas.
- (c) dsg.1.6.3 (...) **mandaron-nô** *agilha* **dizer** a seu padre Equicio, que as avia de veer, que veesse *agilha* e que *lhi* socorresse per sa oraçon.

Em (87a-b), a forma pronominal *lhe* funciona como possessivo; em (87c), a forma pronominal enclítica parece ser uma reduplicação do conteúdo do pedido expresso pelo verbo *mandar*.

4.3.2.2 Verbo *fazer*

O verbo *fazer* ocorre 79 vezes em situações de Marcação Excepcional de Caso no *corpus* sob exame. Não há registro de infinitivo flexionado, o que vem mais uma vez confirmar a homogeneidade do funcionamento das propriedades de atribuição casual deste grupo de verbos. É certamente um atribuidor de Caso acusativo, embora a realização lexical possa ser com formas pronominais hoje identificadas como acusativo ou dativo/oblíquo. Os exemplos em (88) ilustram alguns dos 19 casos de sujeitos encaixados acusativos enclíticos ao

verbo matriz. Note-se que, como atesta (88d), pode haver intercalação de adverbial entre o verbo superior e o mais baixo:

- (88) (a) dsg.2.13.18 — Na primeira vez non te pôde mover (...) mais na terceira venceu-te e **feze-te quebrantar** ta ordin (...)
- (b) dsg.3.8.36 — Este feito que ouvi **faz-me aver** medo e faz-me aver esperança.
- (c) dsg.2.8.20 (...) **feze-as dançar** e trebelhar ante eles (...)
- (d) dsg.3.2.39 E o genro del-rei **feze-os logo demandar** per toda terra d' Africa hu quer que os podessen achar.

O sujeito do verbo subordinado apresentou a forma de um pronome oblíquo em sete ocorrências no *corpus*, três das quais em posição de ênclise ao verbo matriz, conforme se constata em (89):

- (89) (a) dsg.1.2.6 Acaeceu hũũ dia que seu padre e sa madre fezeron gram jantar a seus vezĩhos fora da vila e **fezeron-lhis aparelhar** muitas maneiras de carnes (...)
- (b) dsg.2.3.9 E el vivendo con eles naquel moesteiro, **fazia-lhis guardar** regra de vida religiosa e santa (...)
- (c) dsg.3.15.7 E este homen honrado Isaac (...) pela ajuda de Deus **fez-lhi aver** aquel hávito de religion que ela desejava.

O sujeito do verbo encaixado ocorre dez vezes proclítico ao verbo matriz, como mostram as construções em (90):

- (90) (a) dsg.3.32.4 (...) seu padre (...) trabalhou-se quanto pôde per promessas de grandes dões e per grandes ameaças de o **fazer volver** aa heresia que ante leixara.
- (b) dsg.3.15.20 (...) o nome do santo homen (...) aquel spirito maa o **fez saber** (...)
- (c) dsg.3.34.21 (...) atormenta a alma do homen ata que a **faz volver** en lagrimas.

- (d) dsg.3.8.12 (...) disse que tentara (...) don Andre, per fremosura dũa molher (...) e que a fezera morar na casa con ele.

Nas construções em (90), a *Subida* do clítico sujeito acusativo se dá para a periferia esquerda do verbo matriz. Nem sempre, porém, como já se notou nos exemplos em (89), a forma pronominal apresenta-se na forma acusativa. Em quatro das ocorrências de sujeito encaixado na forma pronominal oblíqua, a sua posição é de próclise ao verbo causativo, sobretudo porque ocorrem em sentenças subordinadas:

- (91) (a) dsg.1.18.6 (...) ante que beezessen a mesa, veo hũũ jogar con hũa bugia e tragia sas campããs que lhi fazia tanger.
- (b) dsg.1.8.5 E porende seja teu prazer, senhor, que o tragan ante ti e que lhi faças entender cam gram poderio he o da eigreja (...)
- (c) dsg.3.8.12a (...) tanto o acendi en amor daquela santa molher que lhi fiz dar en sinal de maaõ amor que lhi havia hũa ferida nas costas (...)

Os sujeitos encaixados dos exemplos em (91) apresentam-se como clíticos oblíquos.

O pronominal indefinido *homen* ocorre uma vez como o sujeito encaixado:

- (92) dsg.3.34.28 (...) entendemos a maneira da door do amor da gloria que faz homen entrestecer e chorar porque lha perlongan.

Diferentemente do que ocorre com o verbo mandar, o sujeito do predicador encaixado pode ser uma expressão referencial, como indicam as quatro ocorrências apresentadas em (93):

- (93) (a) dsg.2.10.3 (...) aquel fogo fazia o enmiigo parecer ant'os olhos dos frades (...)
- (b) dsg.3.18.23 (...) eu cuido que o maior de todos los miragres he fazer o morto viver (...)
- (c) dsg.1.13.1 Como o nosso preposto do moesteiro que he no monte que chaman Seracutis fez *per sa oraçon* volver hũũ gram penedo duum logar que os monges avian mester

Em (93a-b), o sujeito encaixado ocupa sua posição pré-verbal canônica; da mesma forma que ocorre com os outros verbos, a construção em (93c) mostra que o sujeito encaixado pode, em construções com o verbo *fazer*, ocorrer à direita do verbo.

O mesmo fenômeno de elisão do sujeito do verbo encaixado, referido quanto aos verbos *ouvir* e *mandar*, surge em 37 ocorrências do verbo *fazer*, de que trazemos alguns exemplos em (94):

- (96) (a) dsg.1.2.12 E **fez fazer** naquel logar a que dezian Fundos hũu moesteiro (...)
- (b) dsg.1.28.33 E el tan toste enviou polos menĩhos, que ja **fezera ir** deante (...)
- (c) dsg.3.11.9 Enton o santo homen de Deus chamou o seu notairo e **fez ditar** hũa carta en que era scrito assi:
- (d) dsg.3.15.35 E depois que a manhãã veo, **fez levar** o conuito que mandara guisar pera o horto (...)
- (e) dsg.3.24.10 — Ante morrerei eu ca tu, mais pero vai e **fazi guisar** teu muimento como quiseres.

O objeto direto do verbo encaixado, além da posição canônica nos exemplos vistos até aqui, pode ocorrer, com menor freqüência, entre o verbo matriz e o encaixado, como mostram as duas únicas ocorrências do *corpus*, em (95):

- (95) (a) dsg.1.28.30 E o godo (...) **fez os menĩhos poer** en senhos cavalos (...)
- (b) dsg.3.35.9 Aqueste santo homen de que tanto ben dezian me trabalhei eu de veer e **fizi-o trager** a min (...)

Em (95a), o objeto é a expressão referencial entre o verbo matriz e o encaixado; em (95b) o objeto é um pronome enclítico ao verbo matriz.

O objeto indireto em posição de ênclise ao verbo matriz ocorre apenas uma vez:

- (96) dsg.3.3.3 (...) hũu homen nobre pois ouviu que o papa Joham avia mester cavalo manso en que cavalgasse, **fez-lhi presentar** hũu cavalo (...)

O sujeito matriz (sublinhado no exemplo em (97)) ocorreu apenas uma vez em posição pós-verbal, indicando o alçamento visível do núcleo verbal superior:

- (97) dsg.3.17.5 (...) tan toste que se meteu na cova que estava naquel monte Marsico, de que falamos, **fez Deus sair** dũa pedra (...) *a agua tanta que abastava o servo de Deus* (...)

A expressão em itálico, em (97), constitui o sujeito do verbo encaixado.

4.3.2.3 Verbo leixar

Com 14 ocorrências, o verbo *leixar* é o menos freqüente do grupo dos causativos em construções de Marcação Excepcional de Caso, no *corpus*. Ainda assim, demonstra o mesmo comportamento que os outros, no que tange à mecânica de atribuição casual:

- (98) (a) dsg.3.35.10 Ali (...) jazia hũũ frenetico que (...) hũa noite deu mui grandes braados e non **leixava os outros dormir**.
 (b) dsg.3.2.10a Ávi piedade de min e **leixa-me levar** meu filho (...)
 (c) dsg.3.18.14 Mais o monge servo de Deus non **leixou-a acabar** sa obra por ela.

Nos exemplos em (98), o sujeito encaixado, na posição regida pelo verbo principal, recebe dele o Caso acusativo⁸⁵, como demonstram a ausência de flexão infinitiva em (98a) e a forma pronominal acusativa que este sujeito assume em (98b-c).

O sujeito encaixado pronominal ocorre cinco vezes proclítico ao verbo matriz, como demonstram as sentenças em (99):

- (99) (a) dsg.3.37.31 E o servo de Deus Santulo foi aos lombardos hora de vespera e rogô-os que o non matassen e que **o leixassen ir** sa carreira.

⁸⁵ Ali (1931, 1ª parte, p. 196) mostra que o verbo *leixar* com a acepção de “permitir”, neste tipo de estruturas, constrói-se, como este verbo, com o dativo de pessoa *lhe*: “Mandamos aos Alcaides que *lhe leixem veer as cousas* sobreditas (em *Ordenações de Dom Manuel* 1, tit. 39). Foram observados no *corpus* dois exemplos indicativos desta afirmativa, que se podem apreciar em (99c-d). Na verdade, a variação do caso atribuído pelos verbos perceptivos e causativos segue uma regra específica. Raposo (1992) fornece exemplos de construções com verbos nesta classe em que o segundo verbo é intransitivo. Nestes casos, o sujeito do infinitivo recebe caso acusativo do verbo da matriz. Entretanto, quando o infinitivo é transitivo o seu sujeito recebe caso dativo do verbo da matriz. Este padrão ainda ocorre no PE, bem como no francês e no italiano. O PB perdeu essa possibilidade. O português medieval começava a mostrar a variação e os dados do *corpus* confirmam tal variação.

- (b) dsg.1.8.35 (...) lhi mandava que se non trabalhasse de fazer viir o servo de Deus, mais que o leixasse folgar en seu moesteiro.
- (c) dsg.1.16.31 E porende, Pedro, se o acrecentamento do liagen d’ Abrão se avia de fazer per Isaac, seu filho (...), por que lhi leixou aver molhor manilha de que non podesse aver filho?
- (d) dsg.3.37.44 (...) non poden os lombardos fazer contra min senon quanto lhis El leixar fazer.
- e) dsg.1.16.15 – Rogo-te por aquel a que tu vaas que me non leixes viver en este mundo sete dias.

Em (99c-d), o sujeito do verbo encaixado apresenta-se como um pronominal oblíquo; em (99d) e (99e) o clítico sofre a interpolação, respectivamente, do operador de negação *non* e do sujeito matriz, a forma apocopada *el*, enquanto ocorre adjacente ao verbo matriz em (99a-c).

Em construções com o *se* apassivador/reflexivo, este se posiciona, nas três ocorrências do *corpus*, enclítico ao verbo matriz:

- (100) (a) dsg.3.29.12 (...) se chegaron a tempo em que os quisessen matar pola fe de Jesu Cristo, nunca volveron ende os rostros, mais leixaron-se matar de toda sa voontade (...)
- (b) dsg.3.16.8 (...) os monges daquel moesteiro rogaron santo Euticio que fosse seu abade e el leixou-se vencer a rogo dos monges (...)
- (c) dsg.3.36.13 E pois el saio da nave depós todos, leixou-se a nave **afundar** (...)

O sujeito encaixado pode ocorrer à direita do verbo subordinado, como mostram as duas ocorrências em (101)⁸⁶:

- (101) (a) dsg.1.5.33 – Eu ti mando eno nome de Jesu Cristo que guardes esta entrada e non **leixes acó entrar** homen que no mundo seja.
- (b) dsg.3.18.43 (...) dementre avemos tempo non **leixemos passar** nen hũa hora em que a alma non recebe conforto.

⁸⁶ A posição em que são gerados os argumentos internos de verbos inacusativos, como é o caso dos dois exemplos em causa.

Como ilustra uma ocorrência, o sujeito encaixado pode ocorrer, como se vê em (102), como um sintagma preposicional à direita do verbo encaixado, em um fenômeno similar ao que ocorre e, mesmo, no português europeu, com outros verbos causativos:

(102) dsg.1.8.52 (...) nós non podemos veer pela razon que nos Deus deu como os feitos que el **leixa** **fazer** aos homens ant'os seus olhos son direitos.

O contexto permite tomar como paráfrase para o trecho sublinhado do exemplo em (102) o enunciado “os feitos que Deus permite os homens fazerem”⁸⁷.

4.3.3 Verbos *enviar* e *achar* como de Marcação Excepcional de Caso

As três ocorrências com o verbo *enviar* com o que tomamos provisoriamente como um complemento infinitivo permitem agrupá-lo no conjunto dos verbos de Marcação Excepcional de Caso:

- (103) (a) dsg.1.5.70 (...) **enviaron dizer** ao servo de Deus Equicio que aquela monja avia gram féver (...)
- (b) dsg.2.8.28 (...) con tan gram prazer lhi **enviou dizer** a morte de seu enemigo.
- (c) dsg.2.11.4 E o servo de Deus **envioo-u logo dizer** aos frades por hũu mandadeiro e o mandadeiro lhis disse (...)

No exemplo em (103a), o sujeito do verbo complemento ocorre elíptico, enquanto em (103b-c), ocorre como um pronome, respectivamente, proclítico e enclítico ao verbo *enviar*, sendo que neste último caso há intercalação de um adverbial de tempo entre o verbo *achar* e o encaixado.

⁸⁷ Mateus e outros (1984, p. 275), observam que a inaceitabilidade de uma frase como ?*Mandei os alunos escrever* provém da violação do *Filtro de Caso*, dada a ausência de um I com flexão; assim, o V da oração completiva é movido para o início dessa mesma oração, “destruindo” a sua natureza bifrástica subjacente e derivando a construção *mandei escrever os alunos*, em que o SN *os alunos* recebe caso acusativo do complexo verbal *mandar escrever*.

O *corpus* apresenta também 17 ocorrências do verbo *achar*⁸⁸ em configurações típicas de Marcação Excepcional de Caso, em que aparentemente seleciona uma oração infinitiva como complemento. Considerem-se os exemplos em (104):

- (104) (a) dsg.1.5.31 (...) **achou** hũa serpente **andar** pelo horto (...)
- (b) dsg.2.25.6 E el pois foi fora do moesteiro **achou** hũũ dragon **estar** na carreira (...)
- (c) dsg.2.30.8 E o spiritu mao **achou** huum monge velho **estar tirando** sa agua e entrou logo en el (...)
- (d) dsg.3.23.11 (...) os clerigos (...) sairon da eigreja e **acharon** hũũ homen que non conhocian **teer** hũũ carneiro con sa mão (...)
- (e) dsg.2.4.16 En outro dia, pois acabou San Beento sa oraçon, saiu fora e **achou** aquel monge **andar** devaneando pelo moesteiro (...)
- (f) dsg.2.25.1 Do monje que porque se partiu do moesteiro contra voontade de seu abade **achou** hũũ dragon *contra si* **vĩr** na carreira

Em (104) listam-se as seis ocorrências em que o sujeito encaixado em construções com o verbo *leixar* ocorre como uma expressão referencial. (104f) apresenta ainda um sintagma preposicional entre o sujeito e o verbo encaixados. Não houve casos de sujeitos pronominais encaixados com marca de Caso oblíquo, apresentando todas as sete ocorrências a forma acusativa:

- (105) (a) dsg.3.19.12 E quando en outro dia os veo demandar el-rei, **achô-os** **andar** na fogueira (...)
- (b) dsg.1.2.41 E tornaron-se muit' agũa e **acharon-no** **jazer** en sa oraçon e disseron-lhi:
- (c) dsg.2.17.4 Este entrou hũa vez na cela de San Beento e **achoo-u** **chorar** mui rijamente (...)

⁸⁸ Etimologicamente o verbo *achar* figura entre os verbos perceptivos, com o sentido de “cheirar”.

- (d) dsg.2.31.8 E ele levoo-u ao moesteiro do santo homen e **achoo-u** *soo seer* lendo ante a porta da cela (...)
- (e) dsg.2.1.64 (...) aas vezes o **achavan jazer** antr' as mouteiras (...)

Em (105a-d), o sujeito do predicado encaixado ocorre enclítico ao verbo *achar*, sendo que pode ocorrer o chamado “predicativo do objeto” intercalado entre as duas formas verbais, conforme se vê em (105d); (105e) exemplifica próclise do sujeito encaixado ao verbo *achar*.

Nas três ocorrências de sujeito do verbo encaixado em posição pós-verbal, o verbo encaixado é do tipo inacusativo, como se pode verificar em (106):

- (106) (a) dsg.2.5.12 E eles foron a cima do monte e **acharon** ja **suar** o penedo en que siiam as tres pedras (...)
- (b) dsg.3.31.6 (...) aqueles que estavam fora do logar segrado (...) **acharon** a seus pees **correr** a hũa parte e aa outra hũũ porco (...)
- (c) dsg.3.16.11 E pois compriu sa oraçon saiu-se do oratorio e **achou** ant' a porta **estar** hũũ usso.

Registrou-se também um dado em que o sujeito do verbo matriz ocorre à direita do seu verbo:

- (107) dsg.3.19.5 Aqueste monge **acharon** os godos **jazer** en sa cela (...)

As construções analisadas nesta seção apresentam comportamento estável em relação à marcação de Caso dos DPs sujeito das subordinadas infinitivas, sempre marcados com Caso pelo predicado matriz, fato que contrasta com os padrões contemporâneos dos mesmos verbos. Nenhum dos verbos acima analisados ocorreu no *corpus* com completiva de infinitivo flexionado, o que leva a crer que, naquela sincronia, não seriam gramaticais construções como “vi eles rirem”⁸⁹, comuns ao PB vernacular contemporâneo.

⁸⁹ Mioto, Silva e Lopes (2004, p. 183-189) fazem notar a contradição da gramática tradicional, que descarta a construção *Vi eles rirem*, apontando como ideal a construção com o sujeito subordinado no acusativo *Vi-os rir*, enquanto, por outro lado, descarta uma construção do mesmo sujeito acusativo encaixado em adverbiais como *Ele cantou para mim dormir*, estabelecendo como ideal a forma *Ele cantou para eu dormir*.

Interessantemente, verbos como *achar* e *enviar* ocorrem também como predicados de Marcação Excepcional de Caso.

4.4 INFINITIVAS DE ALÇAMENTO

Em sua discussão a respeito dos auxiliares em inglês, Radford (1997, p. 50) os define como uma classe especial de itens que já funcionaram como verbos, mas que, no curso da sua evolução lingüística, tornaram-se tão distintos de outros verbos que são agora considerados como pertencendo a outra categoria. O autor argumenta que o comportamento dos modais no inglês permite assumir que não se trata de verbos propriamente ditos, mas de elementos em I.

Entre os principais caracteres distintivos entre auxiliares e os chamados verbos plenos destacam-se o de não correrem com infinitivo flexionado nem com subjuntivo, e não selecionarem objeto nem sujeito. Devido ao fato de não selecionarem sujeito e tomarem como complemento construções com infinitivo não-flexionado, nas construções com modais o sujeito do verbo pleno se alça para a posição de sujeito do modal, o que caracteriza a estrutura como de Alçamento (cf. seções 2.4 e 3.3).

A construção com modais pressupõe a presença de um único sujeito, visto que somente o predicado encaixado, nestas construções, seleciona sujeito, e o sujeito superficial do modal resulta de deslocamento. Convencionou-se aqui, portanto, não representar, nos exemplos, o vestígio do movimento.

4.4.1 Verbo *poder*

Das 513 construções com verbos de alçamento, os modais revelam-se os verbos mais numerosos, com 341 ocorrências, a maioria dos dados com o verbo *poder*, que apresenta 243 casos.

Na quase totalidade das ocorrências, isto é, em 242 dados, a infinitiva não é regida de preposição, como se pode observar em (108):

(108) (a) dsg.2.32.15 — Por que nos queredes poer cárregas que non **podemos levar**?

(b) dsg.3.5.16 (...) os que as ouviren **possam receber** conforto e prazer pera sas almas.

- (c) dsg.2.30.16 (...) os santos **poden fazer** miragres (...)
- (d) dsg.3.27.32 — **Podedes beber** o calix que eu ei de beber?
- (e) dsg.2.21.3 (...) aa hora de comer non **poderon aver** senon cinque pães (...)

Há porém um dado, que consiste em uma construção de coordenação, em que a coordenada infinitiva apresenta-se regida da preposição *a*:

- (109) dsg.3.14.15 E enton os cidadãos (...) foron certos que **poderiam** viver en paz na cidade e **a aver** seus haveres.

O verbo-complemento em construções com o modal *poder* pode estar elíptico, como nas duas ocorrências em (110):

- (110) (a) — Podedes beber o calix que eu ei de beber?
E eles lhi responderon:
dsg.3.27.34 — **Podemos**.
- (b) dsg.3.15.60 E por esto se trabalham de seer sempre homildosos con aqueles bẽes grandes que lhis Deus deu, pois hũs pecados pequenĩhos desejam vencer e non **podem**.

Há 51 ocorrências de *Subida de Clíticos* em construções com o verbo *poder*. A posição proclítica é quase absoluta nas construções com este verbo. 28 das 51 ocorrências de *Subida de Clíticos* se referem a objetos diretos alçados, de que se vêem exemplos em (111), sendo o exemplo em (111e) o único dado de ênclise ao verbo modal:

- (111) (a) dsg.2.3.18 Poren des aqui en deante tomade tal abade que convenha con vossos costumes ca min jamais non me **podedes aver**.
- (b) dsg.2.13.18 — Na primeira vez non te **põde mover** pera fazeres sa voontade (...)
- (c) dsg.2.9.3 (...) dous homens ou tres (...) e tan pouco a **poderon mover** (...)

- (d) dsg.3.2.39 E o genro del-rei feze-os logo demandar per toda terra d’Africa hu quer que os **podessen achar**.
- (e) dsg.3.13.4 (...) o bispo se trabalhou per seus clerigos de fazer muitos presentes e mui bõos a el-rei pera **podê-lo amansar** daquela crueza (...)

Os dados em (111) parecem conformar-se à teoria dos *atratores de próclise*: os advérbios *non* em (111a-b); o advérbio *tan pouco* e o complementador *que*, em (111c) e (111d), respectivamente, atuam como proclisadores, bem como a preposição *pera* em (111e)⁹⁰.

O objeto direto clítico amalgamado, na grafia, ao operador de negação *non* ocorre onze vezes. Alguns exemplos estão em (112):

- (112) (a) dsg.2.4.15 (...) o abade desse moesteiro, Pompeiam, non-no **pôde veer**.
- (b) dsg.2.11.9 (...) en outra maneira non-no **poderian levar** (...)
- (c) dsg.3.17.21 (...) e abaixou a sa face contra terra pera non-na **poder veer** (...)
- (d) dsg.2.9.5 (...) non-na **podian poer** ali hu lhes fazia mester.
- (e) dsg.2.8.35 (...) os outros homens santos e amigos de Deus podéran receber vertudes de Nosso Senhor e non-nas **podiam dar** aos outros (...)

Em sete exemplos do *corpus*, apresentados em (113), a *Subida de Clíticos* objetos diretos co-ocorre com a interpolação do operador de negação *non*:

- (113) (a) dsg.3.15.64 E en hũa parte se tem por feito e en outra se tem por desfeito, assi que pelo bem que demanda e o non pode aver, guarda e logra con homildade aquel que ha pera o *non* **poder perder**.
- (b) dsg.2.9.3 (...) e viron que a *non* **podian mover** (...)
- (c) dsg.3.15.64 E en hũa parte se tem por feito e en outra se tem por desfeito, assi que

⁹⁰ Atratores de próclise, além dos operadores de negação, dos advérbios de focalização e dos complementadores ilustrados em (111), incluem também os sintagmas-Q interrogativos, quantificadores, algumas conjunções coordenativas e as chamadas “construções apresentativas” (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 853). A preposição *para* também funciona como atrator de próclise no PE moderno.

pelo bem que demanda e o non pode aver, guarda e logra con homildade aquel que ha pera o non poder perder.

- (d) dsg.3.17.13 (...) aquele santo monge Martiño (...) o vencera, pois o non podera deitar daquela cova en que morava (...)
- (e) dsg.3.18.6 (...) o non poderon soterrar de diia (...)
- (f) dsg.3.32.30 E pois o rei dos vandalos vio que os non podia trager aa sa seita per paravras boas que lhis dissesse (...)
- (g) dsg.2.8.15 – Leva, leva seguro aqeste pan e deita-o en tal logar hu o non possan achar.

Menos amiúde, objetos indiretos também sofrem, no *corpus*, a operação de *Subida de Clíticos*, de que dão mostras somente quatro ocorrências, apresentadas em (114):

- (114) (a) dsg.2.3.44 (...) cuidando no ben que nos Deus fez e que nos pode fazer nos deleitos e nos prazeres que el ha (...)
- (b) dsg.3.19.7 (...) nen a ele nen a sas vestiduras nunca lhi pôde empecer o fogo.
- (c) dsg.3.12.5 E ascondeu os cavaleiros seus hospedes en tal logar en que lhi non podessem empecer os godos.
- (d) dsg.3.2.5 (...) trági teu filho contigo, ca non ei eu outra cousa nen hũa que ti eu possa dar.

Os exemplos em (114b-c) mostram o sujeito da predicação à direita do verbo encaixado (cf. os constituintes sublinhados); os exemplos em (114c-d) mostram constituintes interpolados entre o clítico e seu hospedeiro, respectivamente, o operador de negação *non* e o sujeito da predicação.

Ainda no terreno das ocorrências de *Subida de Clíticos* com o verbo *poder*, o *se* apassivador ocorre dez vezes, como exemplificado em (115):

- (115) (a) dsg.3.15.58 (...) acaece que aqueles a que dá algũs bêës grandes, non lhi dá outros

meores en tal que sempre ache en si algũũ defalimento de que **se possam reprender** (...)

- (b) dsg.2.16.34 (...) assi non pareceu verdade o que escreveu o apostolo quando disse que os juizos de Deus non **se podian comprender** (...)
- (c) dsg.3.16.62 — Non ha cousa, padre, que se **possa dizer** contra esta razon (...)
- (d) dsg.3.27.29 (...) como quer que homen non receba mal en seu corpo, pero, porque a voontade está aparelhada pera receber morte pola fe do seu salvador e aquesto deseja mais ca outra cousa que seja a coroa de tal marteiro ascondudo, non **se pode negar** aaqueles que o muito desejan.
- (e) dsg.2.16.39 (...) aqueles juizos que Deus ten ascondudos e non-nos ensinou ainda aos seus amigos, diz o apostolo que **se non poden comprender** nen compridamente entender (...)

(115e) é mais uma instanciação da interpolação do operador de negação *non*. O clítico *se* reflexivo também foi registrado, em sete construções do *corpus*, que podem ser examinadas em (116) e (117). A posição do *se* é sempre de próclise ao modal:

- (116) (a) dsg.2.3.55 (...) ali deve homen sofrer aqueles que son maaos, quando son muitos ajuntados ensembra hũũ a outros bõõs per cujos bõõs eixemplos **se poden correger**... sol a seer o trabalho vãão (...)
- (b) dsg.3.18.37 E aqieste San Paulo (...) dizia que (...) a morte tiinha por ganho, ca sen ela non **se podia juntar** con Jesu Cristo (...)
- (c) dsg.3.19.5 (...) o fogo non **se pôde chegar** aa cela nen a queimar.
- (d) dsg.3.25.7 (...) per muitos dias non **se pôde levantar** do estrado en que jazia.
- (e) dsg.3.16.56 (...) ela he mais çuja pela palavra sandia e desaguisada e de que adur **se pode quitar**.

Nas construções em (116) o clítico *se* reflexivo⁹¹ ocupa posição adjacente ao verbo, mas, como indicam as construções em (117), pode sofrer interpolação do operador de negação *non*:

- (117) (a) dsg.3.2.34 E el veendo que se *non* **podia encobrir** que lho non dissesse (...), disse-lhi que en sa terra fora bispo.
- (b) dsg.3.16.55 (...) tanto he o prazer que hi recebem que se *non* **poden partir** de sas falas.

Encerrando o exame do fenômeno de *Subida de clíticos* em construções com o verbo *poder*, constata-se que outros tipos de constituintes podem alçar-se, conforme dois exemplos em (118):

- (118) (a) dsg.2.31.3 (...) cada que ant'el viinha algũu clerigo ou algũu monge non lhi **podia escapar** que o non matasse.
- (b) dsg.3.20.17 (...) o espiritu maa (...) trabalha-se sempre se lhi **poderá achar** algũa cousa de que o acuse quando estiver ante a face do juiz a que se ren non asconde.

O clítico alçado *lhi* denota, em (118a), ponto de partida ou fuga para o sujeito do verbo *escapar*; em (118b), é o chamado dativo de posse.

O sujeito pode ocorrer à direita do verbo modal, como atestam sete construções, mostradas em (119):

- (119) (a) dsg.3.12.18 — Senhor, como **poderemos nós** levar o teu corpo aa eigreja (...)
- (b) dsg.3.16.35 Ca ben **podes tu** cuidar que (...)
- (c) dsg.3.18.28 E aqesto **podemos nós** veer e entender en Lazaro que Deus resuscitou (...)
- (d) dsg.2.21.14 (...) assi **pode** homen **entender** que outrossi spira e ven quando lhi praz.
- (e) dsg.2.37.9 (...) e avia hi lampadas tan sen conto e de tanta claridade que o non **poderia** nen hũu **dizer**.

⁹¹ A forma *se* das construções em (116) foi considerada como reflexiva, e não passiva, com base no contexto.

- (f) dsg.2.33.13 Non **posso eu mãe** nen ficar fora da mha cela.
- (g) dsg.3.37.44 (...) non **poden os lombardos fazer** contra min senon quanto lhis El leixar fazer.

Em 15 dados constataram-se constituintes intercalados entre o verbo modal e a predicação encaixada. O objeto direto encaixado, por exemplo, ocorre intercalado em quatro ocorrências, as quais são mostradas em (120):

- (120) (a) dsg.2.23.4 Ca aquel que sempre tragia seu coraçõn raigado no amor de Deus non **podia palavras dizer** que fossen en vãão e en devaneio.
- (b) dsg.3.32.46 (...) logo o juizo de Deus foi mui direito contra ele que (...) sen lengua de carne non **podesse nen hũa paravoa falar** (...)
- (c) dsg.2.2.8 – que non **podemos ren de ben fazer** sen ajuda sua (...)
- (d) dsg.2.8.50 Mais o enmiigo do lïagen d’Adan non **pôde esto sofrer** (...)

Em (120a-b), o objeto direto interveniente é uma expressão referencial; em (120c), consiste no nome genérico *ren*, modificado por um adjunto adnominal; (120d) é um exemplo de objeto direto pronominal dêitico.

Adverbiais também podem intervir em posições mediais neste tipo de construções; há dez ocorrências de um ou mais advérbios intercalados, como indicam os exemplos em (121):

- (121) (a) dsg.2.13.13 (...) e **podemos depois andar** nosso camião (...)
- (b) dsg.2.3.55 (...) se homen **pode logo aver** aprestidados logares e companhas (...)
- (c) dsg.3.23.6 E quando chegou aaquel logar hu o santo sacerdote jazia soterrado non se **pôde mais mover** (...)
- (d) dsg.3.8.39 E per este ficou exemplo a nós que somos enfermos e fracos e **podemos ligeiramente caer** en pecado (...)

- (e) dsg.2.31.15 (...) *tan agiãha se desataron elas per si que per ajuda d'homen do mundo non se **poderian tan toste desatar**.*

Em (121a-c), um adverbial de tempo ocorre entre os dois verbos; em (121d-e), é um adverbial modal que aí se intercala.

Outra classe de constituintes intervém, conforme a única ocorrência, em (122), em que o sintagma preposicional *del*, denotativo de origem, intervém entre o verbo modal e o verbo encaixado:

- (122) dsg.3.32.24 (...) *se o grãão do triigo que meten sô a terra non for morto non **poden del nacer** outros (...)*

Os fenômenos arrolados acima, nomeadamente, o alçamento do clítico, do verbo significativo e a intercalação de constituintes podem co-ocorrer em quatro tipos de combinações, conforme se registrou em doze ocorrências, distribuídas entre (123) e (124) a seguir. Em (123), repetem-se as quatro ocorrências do primeiro tipo de combinação, a saber, aquela em que a *Subida de clítico* co-ocorre com o fenômeno do sujeito à direita do verbo modal:

- (123) (a) dsg.2.22.26 (...) *o profeta Abacuc foi levado de terra de Judea a terra de Caldea en tan pequeno tempo que adur o **poderia homen cuidar** (...)*
- (b) dsg.2.8.12 – *Leva este pan e deita-o en tal logar que o **non possa homen do mundo achar**.*
- (c) dsg.3.16.38 (...) *e quando o clerigo chegou aa sala achou todo o logar derredor cheo de tantas serpentes que adur as **poderia homen contar** (...)*
- (d) dsg.3.32.15 *Mais o amor de Jesu Cristo que el tragia na sa alma e o galardon que lh'el porende deu, non lho **poderon eles tolher**.*

O sujeito da predicação à direita do verbo modal e a intercalação de um constituinte co-ocorrem também em quatro dados:

- (124) (a) dsg.1.16.19 que **podemos** nós *por esto al entender* (...)
- (b) dsg.3.37.4 E porende **posso** eu *ja contar* sen temor nen hũũ algũũs bẽẽs que eu ouvi dizer daquel santo homen (...)
- (c) dsg.2.3.8 Mais pero, porque o rogaron mui aficadamente, non **põde** e *al fazer*: outorgou-lhis o que demandavan.
- (d) dsg.3.17.27 (...) hũũ homen devoto e mui poderoso neto de don Ermentario (...) veo con gram poder de gente pera arrincar aquel penedo que estava sobrela cova (...) pera **poder** e *hi morar* mais sen pavor e mais seguro.

Em (124a), os elementos intervenientes são um sintagma preposicional com um sentido de meio, mas que funciona em construções com o verbo *entender* e o nome *al*; em (124b) é um advérbio; em (124c) tem-se o nome *al*; em (124d) um locativo ocorre intercalado entre o verbo modal e o verbo encaixado.

No terceiro tipo de combinação, o alçamento de clítico e a intercalação de constituintes ocorrem ao mesmo tempo em duas ocorrências, repetidas em (125):

- (125) (a) dsg.3.17.34 Aqueste santo homen (...) fez legar hũa cadea de ferro a seu pee (...) pera se non **poder** *daquel logar partir* (...)
- (b) dsg.3.5.4 (...) que deitemos dela o spiritu mao que en ela mora, assi que os homens **possan** hi *depois seguramente morar*.

Em (125a), o elemento interferente é um sintagma preposicional denotativo de origem, e o clítico reflexivo sofre adicionalmente interpolação pelo operador de negação *non*. Em (125b) o locativo *hi*, além de dois adverbiais ocorrem entre o modal e o verbo encaixado.

A quarta e última combinação consiste na ocorrência simultânea de alçamento de clítico, de verbo e intercalação de constituintes, da qual registraram-se duas ocorrências, colocadas em (126):

- (126) (a) dsg.3.2.13 (...) sei ben lavar hũũ horto e en esto te **posso** *eu ben servir* (...)
- (b) dsg.3.33.29 — Assi é, Pedro, como dizes, ca o peso do miragre non-no **põde** *o abade*

soo trager e partio con seus frades e sofreo.

O verbo encaixado pode ser topicalizado⁹² e elidido em uma estrutura de coordenação, como demonstram respectivamente os exemplos em (127a) e (127b):

- (127) (a) dsg.3.37.40 — **Fugir**, padre, non **posso** eu, ca se eu fugir tu morrerás por min.
- (b) dsg.3.15.59 Ca os que desejan a seer perfeitos e non **poden** por algũs bêes que de Deus non receberam (...)

4.4.2 Verbo *dever*

O verbo *dever* ocorre 50 vezes em construções com completivas infinitivas. Manoel Said Ali, referindo-se à língua arcaica, observa que

Ao verbo dever se ajuntava infinitivo, ou directamente ou por intermédio de preposição, que podia ser de ou a. A terceira maneira de dizer cahiu em completo desuso, porem a hesitação entre deve ser e deve de ser perdura até a época presente. (ALI, 1931, 2ª parte, p. 134)⁹³

Os dados do *corpus* confirmam a observação acima: em vinte e oito ocorrências a infinitiva não é regida de preposição, conforme as evidências em (128):

- (128) (a) dsg.2.12.2 (...) cada que os frades ian fora pera recadar algũa cousa e aviam de tornar logo en esse dia, non **devian comer** nen beber fora de seu moesteiro.
- (b) dsg.3.8.39 (...) ca **devemos temer** en como o bispo de tan santa vida per tentação do enmiigo foi abalado (...)
- (c) dsg.2.37.16 E vós **devedes saber** (...)
- (d) dsg.3.10.3 — Non **devo calar** hũa cousa que eu soubi ante dous anos (...)

⁹² A topicalização do verbo encaixado constitui um indício de que os dois verbos ocupam posições diferentes.

⁹³ A mesma observação se pode aplicar ao uso, na língua antiga, de outros verbos, como *começar* e *costumar* e aos verbos de controle *ousar* e *atrever-se* (ALI, 1931, 2ª parte, p. 133-4).

- (e) dsg.3.18.35 (...) disse que o marido **deve dar** seu dívedo aa molher e a molher ao marido.

Entre as construções com o verbo *dever* destituídas de preposição, este modal se posiciona à esquerda de um sujeito indefinido, em três ocorrências:

- (129) (a) dsg.2.3.55 (...) ali **deve homen sofrer** aqueles que son maaos (...)
- (b) dsg.2.3.59 E non **deve nen hũũ cuidar** que el esto fazia porque receasse sofrer morte por amor de Nosso Senhor Jesu Cristo (...)
- (c) dsg.3.34.6 “Muitas partes fizeram os meus olhos das aguas que deles saen e por cada pecado **deve homen fazer** seu chanto”.

Pode acontecer que o sujeito da predicação ocorra à direita da predicação encaixada, como se vê em duas ocorrências com o verbo *dever*:

- (130) (a) dsg.3.34.25 (...) portanto cuidaria alguen que primeiramente **devera falar a Escritura** da terra que se rega per si que está en fondo (...)
- (b) dsg.2.2.16 — Ja entendo, padre, sequer pouquetiño que testemõio **deve aver o prelado** daqueles con que vive (...)

No que concerne ao alçamento de clíticos em construções com *dever* não regidas de preposição, a posição final é sempre à esquerda do modal. Pronomes reflexivos ocorreram três vezes em *Subida de Clíticos*:

- (131) (a) dsg.3.36.8 (...) hũa tavia era ja come estremada da outra en aqueles logares en que **se devia juntar**.
- (b) dsg.3.36.8 E todo o corpo da nave assi andava ja abalado pelas ondas grandes da hũa parte e da outra que toda a nave era ja come desapareada, e hũa tavia era ja come estremada da outra en aqueles logares en que **se devia juntar**.
- (c) dsg.3.34.20 Per esta filha de Caleph que siia en cima da asna que he animalha sen razon, entendemos a alma que **se deve assenhorar** aos desejos e aos deleitos da carne (...)

O *se* apassivador também ocorre uma vez em exemplos de *Subida de Clíticos*, em construções com o verbo *dever*. O sujeito paciente, sublinhado no exemplo, ocorre à direita do verbo que o seleciona:

- (132) dsg.3.2.19 (...) ávi cuidado en como se **deve reger** o reino dos vandalos (...)

O objeto indireto pode também sofrer alçamento, conforme uma ocorrência:

- (133) dsg.2.2.21 E poren aqueles que Deus escolhe, dementre son em a idade de mancebia em que soen seer tentados, **deve-lhis dar** na eigreja de Deus taaes officios en que sérvian e trabalhen (...)

Ocorre uma vez, neste tipo de construções, intercalação de um constituinte adverbial:

- (134) dsg.3.8.37 (...) ali hu nós tememos de veer, pola nossa enfermidade, ali **devemos sempre confiar** da misericordia de Deus.

O verbo *dever* seleciona também, conforme vinte e dois dados do *corpus*, uma infinitiva regida da preposição *a*. Note-se que o sentido de obrigatoriedade é o mais comum, mas é possível um sentido de probabilidade, como em (135b):

- (135) (a) dsg.2.22.18 (...) amostrei-vos todolos logares en que **deviades a fazer** todolos edificios (...)
- (b) dsg.3.17.25 E porque cuidaron todos que mil vegadas **devera a seer** todo espedaçado, ante que ao vale chegasse polos penedos muitos que antre o vale e o monte avia, quis Deus que acharon o meniho vivo e são pela oraçon do seu servo don Martiño.
- (c) dsg.3.18.35 (...) tanto foi o amor que ouve aaqueles que tõe a fe de Jesu Cristo que se trabalhou de falar en como os casados **deven a viver** ordiadamente (...)
- (d) dsg.3.22.20 — Os feitos, Pedro, que fez Nosso Senhor Jesu Cristo son regra e ensinanaçadas obras que nós **devemos a fazer**.
- (e) dsg.3.34.12 E esta he a segunda maneira da door que homen **deve a aver** por seus pecados (...)

Da mesma forma que em relação às infinitivas não regidas de preposição, a *Subida de clíticos* ocorre seis vezes, segundo se pode observar em (136) e (137):

- (136) (a) dsg.3.16.35 (...) se pela palavra de que non recebe proveito teu proximo dan algũa pãa, mais **a deven a dar** por aquela palavra que non he sen parte de maldade.
- (b) dsg.3.26.3 (...) o apostolo San Pedro mostrou (...) de quam grandes merecimentos ele era ante Deus e por qual o el tiinha e por qual **o devia a teer** ante que a Deus servia:
- (c) dsg.2.22.9 E amostrou a cada hũũ deles todos aqueles legares en que **se deverian a fazer** as casas que pera aquel moesteiro comprian.
- (d) dsg.3.6.19 (...) quen a vida deste santo bispo ben conhocesse non **se devia a maravilhar** das vertudes que Deus por el fazia.

O objeto direto encaixado é o pronome alçado em (136a-b); em (136c) e (136d) o clítico que sofre a *Subida* é, respectivamente, o *se*-passivo e o *se*-reflexo. Em todas as construções em (136) o clítico ocorre adjacente ao verbo modal, mas pode sofrer interpolação do sujeito mais alto:

- (137) (a) dsg.2.20.3 — Quen he este a que eu tenho a candea deante quando come, ou filho de qual pai é ele que **lha eu deva a teer**, e quen sãõ eu que eu tal homen come este deva a servir?
- (b) dsg.3.24.14 — Tu ben sabes, padre, que logo **m'eu devo a ir** deste mundo depõs ti (...)

O sujeito ocorre à direita do modal em três casos:

- (138) (a) dsg.3.16.28 — **Devemos nós creer**, padre, que he mui grave pecado se maldizemos alguen por sanha que avemos del por mal que nos faça?
- (b) dsg.3.20.17 Ca **deves tu saber**, Pedro, que o espiritu maaõ sempre he contrairo ao homen (...)
- (c) dsg.3.5.4 — Portanto **devemos nós a pousar** en ela (...)

Em uma das ocorrências de completivas do verbo *dever* regidas de preposição, registrou-se também a combinação de alçamento de clíticos e posicionamento do sujeito entre aquele modal e o verbo encaixado:

(139) dsg.2.3.55 (...) sol a seer o trabalho vãão, e por esso o deve *homen* a leixar (...)

4.4.3 Verbo *haver* (*de*)

Construções com o verbo *haver*(*de/a*) ocorrem 48 vezes no *corpus*. Em 46 das 48 ocorrências, a infinitiva é regida da preposição *de*, como mostram os exemplos em (140):

- (140) (a) dsg.1.8.7 (...) porque tragen os seus corações compartidos en muitos feitos que **an de fazer** en muitos logares (...)
- (b) dsg.3.9.16 (...) depós os dous bispos que **avian de viir** após el a as eigreja non averia outro pastor.
- (c) dsg.3.27.32 — Podedes beber o calix que eu **ei de beber**?
- (d) dsg.3.32.8 Enton aquel rei mancebo Hermenigildo começou a (...) desejar mui fortemente o reino do ceo que por sempre **ha de durar**.
- (e) dsg.1.18.3 (...) o bispo Bonifacio **avia de cantar** missa.

Há doze registros de *Subida de Clíticos*, envolvendo diferentes tipos de constituintes. Em (140), vêem-se exemplos de objetos diretos encaixados e pronomes reflexos proclíticos ao verbo modal:

- (141) (a) dsg.1.29.6 E porque o aviam de levar longe pera soterrar, non-no poderon en aquel dia soterrar.
- (b) dsg.1.6.3 (...) mandaron-no agiã dizer a seu padre Equicio, que as avia de veer, que veesse agiã (...)

- (c) dsg.3.2.26 (...) eu estava ante hũs juizes que **me avian de juigar** (...)
- (d) dsg.1.16.22 Ca se Deus ordihou e soube d'alguen que **se avia de salvar**, non solamente soube a sa salvaçon, mais soube a maneira per que se avia de salvar (...)
- (e) dsg.1.16.22 Ca se Deus ordihou e soube d'alguen que se avia de salvar, non solamente soube a sa salvaçon, mais soube a maneira per que **se avia de salvar** (...)

Em (141a-c), listam-se as três ocorrências de objeto direto encaixado clítico alçado; (141d-e) constituem exemplos do *se* reflexivo proclítico ao verbo modal. O *se* apassivador também ocorre três vezes, sempre proclítico ao verbo modal:

- (142) (a) dsg.1.16.23 (...) assi como o tiinha ordihado, assi sabia que **se avia de fazer**.
- (c) dsg.1.16.24 (...) non fez Deus senon aquilo que ordinhado tiinha e aquilo que primeiramente soubera que **se avia de fazer** ante que o mundo fosse feito.
- (d) dsg.1.16.31 (...) se o acrecentamento do liagen d' Abrão se **avia de fazer** per Isaac, seu filho (...), por que lhi leixou aver molhor manilha de que non podesse aver filho?

Há uma ocorrência do locativo adverbial *hi*, da mesma forma posicionado à esquerda do modal:

- (143) dsg.1.20.2 Outro tempo acaeceu que Bonifacio bispo recebeu por hospedes en sa casa dous homens do liagen dos godos que querian ir a gram pressa aa cidade de Revena por cousas que **hi avian de desembargar**.

Ocorre também intercalação de adverbiais entre o modal e o verbo encaixado, como ilustram os três dados, em (144):

- (144) (a) dsg.3.18.27 (...) a vida pera que o converteron, porque ha sempre de durar, he melhor ca a vida pera que resuscitaron o corpo porque **ha ainda outra vez de morrer** (...)
- (b) dsg.1.16.11 (...) entenderem que **avian cedo de morrer**.
- (c) dsg.3.18.27 (...) a alma he melhor ca o corpo (...) porque **ha sempre de durar** (...)

A preposição *a* regente de infinitiva em construções com o verbo *haver* ocorre apenas duas vezes no *corpus*. As duas ocorrências seguem em (145):

- (145) (a) dsg.1.16.33 E porende, como quer que promettesse a Abrão que o seu lãgen **avia a seer** acrescentado como as estrelas do ceo per seu filho Isaaque, pero quis dar a seu filho molher manãha (...)
- (b) dsg.1.5.36 (...) hũa serpente jazia tenduda na carreira per que el **avia a entrar** (...)

Quando há coordenação de dois infinitivos, a preposição *de* não é retomada na coordenada, como se percebe em (146):

- (146) dsg.1.5.16 E assi acaeceu que a homildade do discipolo foi meestra daquele que era abade e meestre que **avia de** reger e **ensinar** os outros.

4.4.4 Verbo *começar* (*a*)

O verbo *começar* (*a/de*) conta com setenta e três ocorrências. Em duas delas a preposição *de* rege a infinitiva; em três dados, não há preposição regente. Nos 68 casos restantes, a preposição *a* rege a infinitiva:

- (147) (a) dsg.1.31.12 (...) deron muitas graças a Deus e con mui gram prazer **começaron a chorar**.
- (b) dsg.3.15.22 Enton **começaron a correr** pera o santo homen, homens e molheres filhos d'algo e vilããos (...)
- (c) dsg.3.34.11 E enton **começa a desejar** a gloria do paraiso (...)
- (d) dsg.3.18.17 E pois a molher esto vio **começou a chorar** (...)
- (e) dsg.3.2.24a E el-rei logo que o viu **começou a tremer** e a aver gran dó (...)

Ocorrências de alçamento de clíticos remontam a sete, em quatro das quais os clíticos constituem pronomes reflexos:

- (148) (a) dsg.1.19.3 (...) o servo de Deus, porque non avia que lhis dar, **começou-se** a coitar (...)
- (b) dsg.2.33.18 E pois seu irmão viu que pelo tempo muito esquivo que fazia non podia tornar a seu moesteiro com seus frades **começou-se** a **queixar**.
- (c) dsg.3.18.13 E pois a molher esto vio fazer, **começou-se** a **queixar** (...)
- (d) dsg.3.26.6 E pois ela foi certa daquelo que lhi disseron naqiela vison, mais non sabia quen era Aconcio, **começou-se** a **jorrar** pela eigreja (...)

Pode ocorrer que o clítico alçado seja um objeto indireto, um dativo de posse ou um *se*-passivo, como mostram respectivamente os dados em (149a), (149b) e (149c):

- (149) (a) dsg.2.14.8 (...) o servo de Deus (...) quando entendeu que o poderia ouvir, **começou-lhi** a **braadar** e dizer:
- (b) dsg.3.12.9 (...) o usso (...) deitou-se homildosamente ant'o bispo (...) e **começou-lhi** a **lamber** os pees (...)
- (c) dsg.3.21.6 E sol que esta palavra disse, **começaron-se** a **desatar** as cintazes das calças (...)

Em dois dos dados coletados a infinitiva é regida da preposição *de*:

- (150) (a) dsg.2.29.4 E o santo homen estando en sa oraçon, **começou de se alçar** a cobertura do tonel (...)
- (b) dsg.3.33.37 (...) tanta vertude recebeu o meu estamago que (...) e **comecei de me maravilhar** quen era e quen fora.

Interessantemente, nos exemplos em (150), os reflexivos não se alçam. Segundo Oliveira (2003, p. 247), na construção *ter de* o clítico não pode subir para uma posição à esquerda do verbo modal, e neste caso *de* é um complementador.

Paralelamente, três construções com *começar* ocorrem sem preposição regente da infinitiva, como mostram as sentenças em (151):

- (151) (a) dsg.3.4.4 (...) o honrado santo papa (...) deitou-se muit'agũa en sa oraçon e pois **começou cantar** sa missa (...)
- (b) dsg.2.2.11 E depois **começaron** muitos leixar o mundo e viinhan viver come el.
- (c) dsg.3.22.6 (...) **começaron** as outras menihas que na terra moravan, que eran de mais nobre lïagen ca ela, **tomar** hávito de religion (...)

O sujeito (sublinhado nos exemplos) ocorre posposto, nas construções em (151b-c).

Dentre as vinte e duas construções com coordenação de subordinadas, todas envolvendo regência pela preposição *a*, a retomada da preposição ocorre nove vezes (cf. (152a-c)). Os exemplos restantes ilustram a não-retomada da preposição:

- (152) (a) dsg.1.24.22 E ela **começou** a braadar e a dar tantas vozes e a mover-se per atantas maneiras quantos eran os spiritos maaos que no seu corpo jazian.
- (b) dsg.3.18.13 E pois a molhor esto vio fazer, **começou-se** a queixar e a dizer-lhi que o non fezesse (...)
- (c) dsg.3.2.24a E el-rei logo que o viu **começou** a tremer e a aver gran dó (...)
- (d) dsg.2.3.28 E enton cuidou nos bêês que perdera, quando **começou a** cuidar de si medês e **dizer**:
- (e) dsg.3.34.30 (...) o pecador (...) depois que cuida que os pecados que lhi son perdoados **começa a** amar e **desejar** a gloria do paraiso (...)

4.4.5 Verbo *soer*

Com sessenta e seis ocorrências, o verbo *soer* ocorre vinte e uma vezes sem preposição regente de sua infinitiva. Algumas destas completivas sem preposição podem-se examinar em (153):

- (153) (a) dsg.3.16.17 (...) aquelo per que os bõôs **soen viir** aa gloria do paraiso (...)
- (b) dsg.2.13.10 E o frade sempre **soia viir** jejũho a San Beento (...)
- (c) dsg.2.3.19 Enton foi-se pera o logar do ermo en que el **soia morar** (...)
- (d) dsg.2.29.3 (...) avia hi hũũ tonel en que **soiam meter** azeite (...)
- (e) dsg.1.1.14 E o coraçõn, que tan fremoso **soia seer** pelos bẽẽs celestiaes en que sempre cuidava, luxa-se cada dia mais e mais pelo cuidõ dos feitos terreaes en que se cada dia envolve (...)

No exemplo em (153a) o DP sujeito sublinhado é gerado como argumento externo do verbo encaixado, sendo depois alçado para a posição de sujeito de *soer*; o mesmo ocorre com a expressão referencial *o frade* em (153b), o pronome *el* em (153c) e o sujeito nulo *pro* em (153d) e (153e).

O sujeito da construção com o verbo *soer* posiciona-se à direita deste verbo e à direita do infinitivo uma vez, como mostram, respectivamente, (154a) e (154b):

- (154) (a) dsg.1.2.8 Ca naquel logar **sol** homen **ouvir falar** de pescado, mais non-no sol veer.
- (b) dsg.3.3.3 (...) hũũ homen nobre pois ouviu que o papa Joham avia mester cavalo manso (...) fez-lhi apresentar hũũ cavalo en que soia cavalgar sa molher porque era mui manso, ata que (...) podessen achar outro (...) que convesse a atal homem qual he o papa e disse que lhi enviassen o seu en que **soia cavalgar** sa molher.

Nas construções com *soer* não regidas de preposição, foram registrados três dados envolvendo clíticos:

- (155) (a) dsg.1.2.8 Ca naquel logar sol homen ouvir falar de pescado, mais non-no **sol veer**.
- (b) dsg.2.3.10 (...) aqueles frades (...) assanhavan-se contra si porque non podian fazer as obras en que ante **soiam se deleitar**.
- (c) dsg.3.19.3 (...) hũ frade (...) e **sol me dizer** muitas cousas que eu non sei (...)

Em (155a) o objeto direto do verbo encaixado ocorre enclítico ao operador de negação *non*; em (155b-c), o reflexivo ocorre entre o auxiliar e o verbo. Note-se que, na leitura de Mattos e Silva (1971) para (155b-c), não há indicação de ênclise.

Registrou-se uma ocorrência de um adverbial entre o verbo *soer* e o verbo encaixado, e uma ocorrência da combinação de *Subida* do objeto direto clítico e constituintes intercalados, conforme respectivamente (156a) e (156b):

- (156) (a) dsg.3.2.16 (...) este genro del-rei (...) começou a leixar seus amigos con que **soia ameudi falar** (...)
- (b) dsg.2.8.17 (...) tomou da mão do homen de Deus sa raçon assi como a **soia cada dia tomar**.

Quarenta e cinco dados com preposição *a* regente da infinitiva subcategorizada pelo verbo *soer* foram registrados no *corpus*⁹⁴. Alguns exemplos seguem em (157):

- (157) (a) dsg.3.15.29 (...) os avarentos ricos **soen a guardar** as riquezas que falecen muit'agũa.
- (b) dsg.1.5.28 E hũ ladron **soia a sobir** per hũa sebe desse horto (...)
- (c) dsg.1.23.2 (...) hũa raposa **soia a viir** dũa aldeia para a outra (...)
- (d) dsg.3.16.66 E tomavan a sa saia que el **soia a vestir** quando era vivo (...)
- (e) dsg.2.3.23 (...) perdera o deleito e o prazer que **soia a aver**.

⁹⁴ Segundo Ali (1931, 2ª parte, p. 134), a completiva infinitiva do verbo *soer* podia ser regida da preposição *a*.

Como indicam três ocorrências, o sujeito pode ocorrer à direita do verbo infinitivo, conforme indicam os constituintes sublinhados em (158):

- (158) (a) dsg.2.3.55 (...) **sol** a seer o trabalho vãão (...)
- (b) dsg.3.3.8 Deste santo papa Johan **soen** a contar os nossos padres antigos que quando veo aa cidade de Constantinopla (...) hũũ cego (...) pediu-lhi mercee por amor de Deus.
- (c) dsg.3.37.18 (...) vio dentro no forno hũũ pan mui grande à maravilha e mais branco que **soen** a seer os pães que naquela terra cozian por mui brancos que fossen. (...)

Também em dados do verbo *soer* regidos da preposição *a*, o clítico ocorre em posição adjacente ao modal, como evidenciam quatro ocorrências, em (159):

- (159) (a) dsg.2.16.8 E o enmiigo que o soia **a tomar** tornou a el e nunca o leixou (...)
- (b) dsg.1.22.8 E sa madre o soia **a trager** mal porende, ca dezia que non era guisado que (...) as vestiduras que tragia desse aos outros pobres (...)
- (c) dsg.1.5.54 (...) e perdia todos aqueles maaos movimentos que daquela parte lhi soiam **a recodir**.
- (d) dsg.3.2.22 — Aquel homen he meu hortolan e **sol mi** **a levar** cada dia aa mesa das ervas verdes (...)

Em (159a-b), o objeto direto encaixado ocorre proclítico ao verbo *soer*; em (159c) é dativo de posse; (159d) é um exemplo de objeto indireto encaixado em uma posição à direita do modal.

Podem intercalar-se constituintes entre os dois verbos da construção, de que dá mostras uma única ocorrência, exibida em (160):

- (160) dsg.1.29.27 Ca assi como **soia** *ante quando era vivo* a tirar os enmiigos dos corpos dos homens (...)

Nas duas ocorrências de coordenação de subordinadas com o verbo *soer*, a preposição *a* é retomada na coordenada:

- (161) (a) dsg.1.1.32 Ca, en se nembrando homen dos feitos e das vertudes que os homens en este mundo o fezeron per ajuda do senhor Jesu Cristo, non se embarga porende o bõo estudo que soe a aver das boas cousas que **soe** a cuidar e **a fazer**.
- (b) dsg.1.29.27 Ca assi como **soia** ante quando era vivo a tirar os enmiigos dos corpos dos homens e **a sããr** os enfermos (...)

4.4.6 Verbo *vĩr*

Apenas três dados do verbo *vĩr* inacusativo ocorrem no *corpus*, sendo que todos os outros constituem versões intransitivas homógrafas⁹⁵. As três ocorrências estão em (162):

- (162) (a) dsg.3.16.55 Ca, como quer que os santos homens primeiramente **venhan a falar** con eles graves contra sas vontades, pero, depois que usan a falar con eles, tanto he o prazer que hi recebem que se non poden partir de sas falas.
- (b) dsg.3.2.51 Porende se ti prouguer, Pedro, **venhamos a contar** os miragres que os outros santos homens fezeron (...)
- (c) dsg.3.8.5 Ca, pela vista de cada dia da face da molher, crece a cobiiça maa no coraçõ (...), e, pelo aazo que ha, **ven ligeiramente a fazer** a obra do mal que cuidou.

Nos exemplos em (162) a forma *vir* + *a* não tem sentido de locomoção, aparentando mais um sentido de resultado final.

⁹⁵ Representam ao todo trinta ocorrências do verbo *vir* associado a uma adverbial infinitiva com preposição nula ou não, cujo sujeito nulo é correferencial ao sujeito do verbo que ocorre à esquerda. Como critério para diferenciar estes dois tipos de verbo *vir*, verificou-se o sentido de movimento espacial. Comparem-se as sentenças em (162) com, por exemplo, a construção dsg.3.27.9 “Muitas vegadas saiam os ursos dũa mata que cabo de sa cela avia e trabalhavan-se de **viir comer** o mel das sas colmeas”, a qual guarda um evidente sentido de locomoção.

4.4.7 Outros verbos menos freqüentes

Verbos menos freqüentes como *tornar*, *deixar de*, *quedar-se de*, *demorar* e *usar* somam desessete ocorrências. O verbo *tornar* ocorre sete vezes tendo como complemento o verbo *contar*. A construção tem sempre um sentido de retomada de processo:

- (163) (a) dsg.2.3.64 Mais pero rogo-te que **tornes a contar** per ordin a vida do muito honrado San Beento assi como a começasti.
- (b) dsg.2.35.26 E poren te rogo que **tornes a contar** a vida do santo homen de que primeiramente falamos.
- (c) dsg.3.31.25 E pois **tornaremos a contar** as maravilhas d'Italia (...)
- (d) dsg.3.1.2 (...) **tornemos a contar** taaes cousas (...)

Nos exemplos em (163) a infinitiva é regida da preposição *a*, mas pode ocorrer regência pela preposição *pera*, pelo menos em um dado do *corpus*:⁹⁶

- (164) dsg.3.32.48 (...) **tornemo-nos pera contar** aquelas maravilhas que noutro dia foron feitas en terra d'Italia.

O verbo *leixar (de)* ocorre cinco vezes no *corpus*. Os dados estão em (165):

- (165) (a) dsg.2.3.48 e o apostolo San Pedro tornou a si quando **leixou de contemplar** nos bêes de Deus (...)
- (b) dsg.3.1.2 Porque ata aqui contei eu os feitos groriosos e maravilhosos dos padres santos nossos vezîhos, e poren cuidaria alguen que queria **leixar de contar** os feitos dos outros padres mais antigos (...)
- (c) dsg.2.1.46 (...) Romãão non-no **leixou de servir** per todas aquelas maneiras melhores que el pôde.

⁹⁶ O problema que daí advém, isto é, se neste tipo de regência por *pera* (cf. (164)) a construção mantém o mesmo sentido que o das construções em (163), cuja regência se dá pela preposição *a*, é deixado aqui para pesquisa posterior.

- (d) dsg.2.38.24 Se me non **leixardes de veer** corporalmente nunca aprenderedes en como me amedes espiritualmente.
- (e) dsg.1.31.24 – Eu cuido, Pedro, muitos taaes ha ainda no mundo e non **leixan poren de seer** taaes e tan bõos, por non fazeren taaes miragres come eles (...)

Os exemplos em (165c-d) mostram *Subida de Clíticos* objetos diretos, sendo que em (165c) o clítico amalgama-se com o advérbio *non*, e em (165d) o clítico *me* sofre interpolação daquele operador de negação; (165e) mostra um adverbial intercalado entre o verbo modal e o verbo *seer*.

Os verbos *quedar(-se)* (*de*), com três dados coletados, *demorar* e *usar*, com uma ocorrência cada um:

- (166) (a) dsg.2.29.5 (...) o azeite **quedou de correr**.
- (b) dsg.2.33.17 (...) a santa monja (...) e nunca **quedou de chorar**, nen alçou a sa cabeça das mãos (...)
- (c) dsg.3.18.7 (...) por doo grande que houve da molher que ficava veuva (...) e non **se quedava de chorar** muito de coraçõn (...)
- (d) dsg.2.32.25 (...) este miragre non fez o santo homen per poderio, ca non **demorara tanto en o fazer**, mais feze-o pela oraçõn.
- (e) dsg.3.16.55 Ca, como quer que os santos homens primeiramente venhan a falar con eles graves contra sas voontades, pero, depois que **usan a falar** con eles, tanto he o prazer que hi reciben que se non poden partir de sas falas.

O verbo *quedar-se* ocorre como reflexivo apenas no exemplo em (166c). A expressão referencial em posição de sujeito do verbo significativo em (166a) e o sujeito pronominal nulo em (166b-c) são gerados como sujeito do verbo significativo. O verbo *demorar* (166d), ocorre uma vez; o objeto direto do verbo *fazer* ocorre proclítico ao verbo significativo, havendo um adverbial intercalado entre o verbo *demorar* e a sentença infinitiva. O verbo *usar*, em (166e), com uma única ocorrência, seleciona uma infinitiva regida de preposição.

Duas construções impessoais, com os verbos *convir* e *prazer*, foram computadas e estão listadas em (167):

- (167) (a) dsg.3.26.16 (...) todas aquelas maravilhas (...) tantas son que nos **converria a leixar** as santas vidas dos outros padres (...)
- (b) dsg.3.29.4 (...) **prougue-lhis** *mais per morte* **ir** aa vida en que nengũ non pode morrer, ca orando e sacrificando ao enmigo ficar en esta vida mesquinha.

Em (167a), a infinitiva completiva do verbo *convir* é introduzida pela preposição *a*; em (167b), o clítico *lhis* ocorre em ênclise ao verbo principal, e há intercalação de um sintagma preposicional modificado por um intensificador entre o verbo principal e o encaixado⁹⁷.

4.5 CONSTRUÇÕES SUBJUNTIVAS: CONTRAPARTES DO CONTROLE OBJETO NO PORTUGUÊS ARCAICO

Conforme os casos analisados na seção 4.2.3, as poucas construções de Controle de objeto circunscrevem-se a casos isolados de completivas nominais, subjetivas, relativas e adverbiais finais. Os verbos que na presente sincronia admitem construções completivas infinitivas de Controle de objeto direto e indireto, optam, no *corpus*, por complementos conjuntivos, em que o sujeito nulo é correferente ao objeto da sentença-matriz.

Visando a melhor compreender o traço peculiar da língua antiga, em que não há seleção de completivas de Controle de objeto, foi realizada uma análise das construções subjuntivas relevantes que guardassem relação direta com estes fatos. Na seção 4.5.1, serão estudadas as construções completivas subjuntivas cujo sujeito nulo é co-referencial ao objeto direto da oração superior; em seguida, na seção 4.5.2, serão abordadas as construções subjuntivas de sujeito nulo co-referencial ao objeto indireto da sentença-matriz.

⁹⁷ Segundo Martins e Nunes (2004), o Português Brasileiro atual sofre uma reanálise generalizada de construções impessoais, substituindo-as por construções de alçamento correspondentes (*demorou duas horas para sairmos > nós demoramos duas horas para sair*).

4.5.1 Co-referência ao objeto direto: alternativas às completivas de Controle

Foram computadas 50 construções em que o sujeito nulo da completiva subjuntiva é co-referencial ao objeto direto do predicado matriz, sendo 35 dados em completivas.

4.5.1.1 *Em completivas*

a) Verbos declarativos

O grupo dos verbos declarativos e de petição apresenta o maior número de ocorrências de co-referência ao objeto direto em subjuntivas, com 31 dados, sendo 30 dados do verbo *rogar*. O objeto direto de *rogar* – ou o destinatário da rogativa – ocorre como expressão referencial nove vezes neste tipo de construções, como se vê em (168) e (169):

- (168) (a) dsg.3.18.9 (...) rogemos [Deus]₁ por seu marido **que** pro₁ **o resuscite de morte a vida.**
- (b) dsg.1.5.60 (...) o bispo Castorio veo ao moesteiro e trouve consigo Basilio, monge encantador, e rogou [o abade don Equicio]₁ **que** pro₁ **o recebesse por monge em seu moesteiro.**
- (c) dsg.3.17.40 E porque a corda per que tiravan quebrava muito ameudi, rogaron [o seu meestre]₁ **que** pro₁ **lhes emprestasse a cadea (...)**
- (d) dsg.3.24.8 E porende rogou [o abade do moesteiro que o criara]₁ **que** pro₁ **lhi desse lecença pera mandar fazer hũũ muimento en que o soterrassen depós sa morte.**
- (e) dsg.3.16.8 (...) os monges daquel moesteiro rogaron [santo Euticio]₁ **que** pro₁ **fosse seu abade (...)**
- (f) dsg.1.31.4 Huum homen bõõ (...) mandou rogar [aqueste santo sacerdote]₁ **que** pro₁ **o veesse ouvir de confisson.**

Podem ocorrer constituintes intercalados entre este antecedente lexical e a subjuntiva encaixada, como foi registrado 3 vezes:

- (169) (a) dsg.1.5.59 (...) Basilio que antre eles foi o maior, fugio aa cidade de Valeria en hávito de monge e rogou [o muito honrado baron Castorio]₁, *bispo da cidade de Anuternia*, **que pro₁ o mandasse pera o moesteiro do abade Equicio (...)**
- (b) dsg.1.15.5 (...) rogou [os monges]₁ *con grande homildade* **que non pro₁ fossen alá (...)**
- (c) dsg.1.18.4 (...) rogou [o bispo]₁ *muito aficadamente* **que depois que cantasse a missa na eigreja do martir de que falamos, pro₁ **quisesse entrar en sa casa pera lhi dar a sa bẽẽçon (...)****

Em (169a), ocorre um DP com função de aposto entre o verbo matriz e a completiva subjuntiva; em (169b) o elemento intercalado é um sintagma preposicional com função adverbial. Em (169c) o constituinte interveniente é um adverbial modal modificado pelo intensificador *muito*, além da adverbial temporal que modifica a completiva.

Em 21 ocorrências, o objeto de *rogar*, a que co-refere o sujeito nulo da subjuntiva, pode ser um pronominal clítico, podendo ocorrer em posição de próclise ao verbo matriz, como atestam quatro ocorrências, duas das quais, em (170c-d), atestam advérbios intercalados entre o verbo matriz e a subordinada subjuntiva:

- (170) (a) dsg.3.17.28 E porende o₁ rogava **que pro₁ se partisse daquela cela** ata que el arraigasse aquel penedo.
- (b) dsg.3.6.4 E quando rei Totila veo aaquela terra o santo bispo o₁ rogou **que pro₁ comesse con ele (...)**
- (c) dsg.1.28.27 E o bispo o₁ rogou *con grande homildade* **que pro₁ lhi desse aqueles meniños.**
- (d) dsg.3.15.23 (...) todos o₁ rogavan *homildosamente* **que pro₁ recebesse aquelas cousas** que lhi oferecian a louvor de Deus.

Em nove das ocorrências, o pronome objeto de *rogar* pode ocorrer enclítico a este verbo, como ilustram os exemplos em (171):

- (171) (a) dsg.3.8.13 E o espiritu maa e enmiigo do lñagen d'Adan graciú-lhi muito o que fezera

e [rogoo-u₁ **que** pro₁ **acabasse o que começara.**]

- (b) dsg.3.37.31 E o servo de Deus Santulo foi aos lombardos hora de vespera e [rogô-os₁ **que** pro₁ **o non matassen** e que o leixassen ir sa carreira.
- (c) dsg.3.37.33 E pois o homen de Deus vio que eles de todo queriam matar o clerigo, [rogô-os₁ **que** pro₁ **lho dessen a guardar**] (...)
- (d) dsg.3.26.5 — Vai a Aconcio (...) e [roga-o₁ **que** pro₁ **ti dê saude**] e logo te el sããrá.
- (e) dsg.3.15.43 Outro tempo veeron a el hũs que semelhavan romeus (...) mui menguados e [rogaron-no₁ **que** pro₁ **lhis fezesse misericordia**] (...)

Em dois dos dados de ênclise ao verbo matriz, o sujeito deste verbo ocorre à sua direita:

- (172) (a) dsg.1.22.12 (...) rogô-a₁ ele **que** pro₁ **se saisse do celeiro** (...)
- (b) dsg.1.27.6 (...) rogoo-u₁ o cavaleiro de tan gram coraçõn **que por amor de Deus o don que lhi dava** pro₁ **non-no despreçasse.**

As três ocorrências de ênclise ao verbo *rogar* em construções de subordinação de conjuntivas, reproduzidas em (173a-c), mostram a intercalação de advérbios (em itálico, nos exemplos):

- (173) (a) dsg.1.28.33 (...) mandou dizer a o bispo don Fortunado e [roga-lo₁ *mui de coraçõn* **que** pro₁ **lhi enviasse logo o seu clerigo d'avangelho.**]
- (b) dsg.3.2.8 (...) viu a molhor pobre en hũa cidade d'Africa passar pela rua aquel que tiinha seu filho e [rogoo-u₁ *primeiramente* **que** pro₁ **lhi desse seu filho.**]
- (c) dsg.3.33.14 (...) aquelas santas molheres (...) rogaron-no₁ *mui de coraçõn* **que o** pro₁ **levasse consigo pera seu moesteiro.**

Há ainda um dado do verbo *castigar* com sentido aparentemente declarativo:

(174) dsg.3.27.5 E porque entendeu que [hũũ lombardo]₁ se trabalhava de lhi furtar sas abelhas, castigô-o₁ primeiramente per sa palavra **que** pro₁ **se partisse de seu dano** e ele non-no quis fazer.

b) Outros verbos menos freqüentes

O verbo *embargar* ocorre também como opção arcaica a construções de controle de objeto contemporâneas do tipo “X impediu Y de (oração infinitiva)”. Os dois dados estão relacionados em (175):

(175) (a) dsg.3.17.30 Mais pero non era duvida que se o penedo caesse e o₁ Deus non embargasse **que** pro₁ **non matasse o servo de Deus don Martiño** e que non derribasse todo aquel logar en que el morava.

(b) dsg.3.30.4 Mais os miragres que Deus polos cristãos fazia, embargavan-nos₁ **que** pro₁ **non podessen fazer tanto mal quanto querian.**

Os verbos *coitar* e *guardar* ocorrem uma vez, cada um, em estruturas com completivas subjuntivas de co-referência ao objeto da matriz:

(176) (a) dsg.3.37.41 E o santo homen de Nosso Senhor, Santulo, coitava-o₁ **que** pro₁ **fugisse** e dezia-lhi:

(b) dsg.3.15.51 — Quando quiseres tomar o cesto que na carreira ascondisti (...), pro₁ guarda-te₁ **que** pro₁ **o tomes**, assi que ti non empeece a serpente que dentro en el acharás.

4.5.1.2 *Em adverbiais*

Quatro são os dados de subjuntivas adverbiais com co-referência ao objeto matriz, envolvendo finais, temporais e comparativas. A única ocorrência de adverbial temporal é uma construção com *depois*, como posto em (177):

(177) dsg.1.18.4 (...) rogou [o bispo]₁ muito aficadamente que depois **que** pro₁ **cantasse a missa**

na igreja do martir de que falamos, quisesse entrar en sa casa pera lhi dar a sa bẽeçõn (...)

O sujeito da subjuntiva em (177) co-refere com a expressão referencial objeto do verbo *rogar*⁹⁸.

Um exemplo de construção final e um de comparativa são apresentados em (178):

- (178) (a) dsg.1.1.23 (...) nunca lhis quis dar nen hũa honra no mundo per que os tirasse do estado fremoso e límpio pera que os₁ chamara, **que** pro₁ **envelhecessen vivendo con os homens** do mundo (...)
- (b) dsg.1.12.9 (...) [o fogo]₁ tornou-se en si₁, ben come se [pro₁ **desse a entender que non podia ir mais**] polo bispo que o embargava.

4.5.1.3 A seqüência que + V_{Subjuntivo}: *adverbiais finais ou relativas?*

Seqüências do tipo *que* + V_{Subjuntivo} na língua arcaica podiam funcionar tanto como adverbiais finais, quanto como relativas. O contexto quase sempre oferece pistas para distinguir seqüências *que* + V_{Subjuntivo} francamente finais de simples relativas, mas, para uma classificação mais segura dos dados, foi estabelecida sua divisão em três grupos, em uma gradação crescente do traço semântico de finalidade, com base em alguns aspectos da construção, tais como a presença/ausência de pronomes relativos e de constituintes que possam ser relativizados⁹⁹.

Foram computados onze dados de subjuntivas com co-referência ao objeto direto. Constatou-se primeiramente um caso em que a presença da preposição enfraquece a leitura de finalidade:

- (179) dsg.3.13.6 E pois os godos, homens de gram crueza, o₁ prenderon, assinaaron huum cerco en que pro₁ **andasse** e de que non saisse sen seu mandado.

⁹⁸ A adverbial em (177) é modificadora da oração-*quisesse*, embora seu sujeito nulo seja co-referencial à oração-*rogou*.

⁹⁹ Veja-se discussão detalhada no capítulo 5, seção 5.3.

Os dez dados restantes podem ter uma leitura mais forte de finalidade – foi possível distinguir, pelo contexto, construções de co-referência ao objeto em que a seqüência *que* + *S_{subjuntiva}* é mais marcadamente finais do que outras, como as em (180):

- (180) (a) dsg.3.32.14 Seu padre ficou mui sanhudo contra ele e *enviou* a el [seus algozes]₁ **que pro₁ o matassen ali no cárcer hu jazia (...)**
- (b) dsg.1.5.68 (...) dizia que se lhi non enviassem [Basilio monge]₁ **que pro₁ a saasse** que logo morreria.
- (c) dsg.1.17.7 (...) pôs hi [hũu vinheiro]₁ **que pro₁ lhi guardasse a vinha (...)**
- (d) dsg.1.12.12 (...) entendes de que santidade foi aqeste homen enfermo que, seendo orando, fez quedar [o fogo]₁ pro₁ **que non pro₁ empeesse a nengũu.**

As construções em (180) têm um traço semântico marcadamente final, direcionado pelo contexto. Em (180a), por exemplo, o envio dos algozes se efetiva claramente com a finalidade de matar aquele que jaz no cárcere; o mesmo se pode constatar em (180b-d), em que a ação expressa pelo verbo subjuntivo constitui o objetivo denotado pela predicação superior. No restante das ocorrências, o contexto restringe a leitura final, ainda que sem excluí-la de todo, permitindo maior campo à interpretação adjetival, como se pode constatar em (181):

- (181) (a) dsg.1.2.31 Padre, muito me praz do que dizes, mais rogo-te que mi digas se aqeste tan santo padre de que sus falasti leixou depós si algũu seu discipolo₁ **que pro₁ o seguisse.**
- (b) dsg.1.5.22 (...) aqeste homen tan santo Libertino, de que tantas maravilhas e vertudes contasti, que leixou alguen₁ *antre tantos monges* **que pro₁ o seguisse en fazer vertudes e maravilhas** assi como el fazia?
- (c) dsg.1.1.4 (...) non recebia embargo de nengũu₁ **que pro₁ me de todo esto estorvasse;**
- (d) dsg.1.2.17 (...) este homen que tan santo foi e foi depois abade de tantos monges e mestre de tantos discipulos ouve primeiramente algũu mestre₁ **que pro₁ o ensinasse?**
- (e) dsg.1.2.31 Padre, muito me praz do que dizes, mais rogo-te que mi digas se [aqeste

tan santo padre de que suso falasti leixou depós si algũu seu discipolo₁ **que** pro₁ o **seguisse.**]

- (f) dsg.3.16.10 (...) hũu dia deitou-se en sa oraçon e pedia a Nosso Senhor que ha poder sobre todas as cousas que lhi desse naquel logar alguen₁ **que** pro₁ **morasse con el** (...)

Em uma das sete ocorrências de coordenação de subjuntivas, o complementador não é retomado na coordenada, conforme o exemplo em (182):

- (182) dsg.1.8.39 Roga-te₁ nosso padre o papa de Roma **que** folgues en teu moesteiro e **non** pro₁ **queiras tomar trabalho en ir a Roma** hu el he (...)

4.5.2 Co-referência ao objeto indireto

4.5.2.1 *Em completivas*

O PA opta pela subordinação subjuntiva também como alternativa ao Controle pelo objeto indireto, tendo sido registradas 48 ocorrências deste tipo de construções em subordinadas substantivas, sendo 43 objetivas, ou completivas. Como no caso da co-referência ao objeto direto, na seção anterior, os verbos declarativos reúnem o maior número de dados, com 22 ocorrências¹⁰⁰. O verbo *dizer* apresenta 18 dados, nove dos quais exibem expressões referenciais como objeto indireto¹⁰¹:

- (183) (a) dsg.3.2.7 (...) o bispo piadoso (...) disse a[aquela mulher pobre]₁ **que non** pro₁ **duvidasse nada daquelo que lhi dizia** (...)
- (b) dsg.1.31.5 E o sacerdote andava podando sa vinha e disse a [os mandadeiros]₁ **que** pro₁ **se veessen** e que logo se el verria depós eles.

¹⁰⁰ Poggio (1992, p. 118) observa que no latim pós-clássico empregam-se proposições objetivas introduzidas por conjunção depois de *verba declarandi*, fenômeno a que as línguas românicas deram prosseguimento. Checchetto e Oniga (2001) referem que o uso das orações *ut/ne* constitui uma maneira de o latim superar o chamado *Problema da Incompatibilidade* entre PRO e o infinitivo latino, que, possuindo marcas de tempo, não representa ambiente propício àquela categoria vazia (vide discussão na seção 5).

¹⁰¹ As completivas subjuntivas com o verbo *dizer* neste *corpus*, embora sem o mínimo valor semântico de finalidade, podem ser parafraseáveis em PB contemporâneo por construções com *para + infinitivo*. Neste dialeto do português, uma parafrase possível para uma construção do tipo ‘o bispo manda dizer-lhe que fique’ é ‘o bispo manda dizer a ele para ficar’.

- (c) dsg.3.30.5 (...) hũu bispo dos lombardos (...) disse a [o bispo da cidade]₁ **que pro₁ lhi desse a eigreja (...)**

Em (183), a expressão referencial com função de objeto indireto, co-referencial ao sujeito nulo da subjuntiva, é adjacente à subordinada subjuntiva, mas há três ocorrências de constituintes intercalados (em itálico, nos exemplos) entre o objeto indireto e a encaixada subjuntiva:

- (184) (a) dsg.1.6.3 (...) mandaron-no agiã dizer a [seu padre Equicio]₁, *que as avia de veer*, **que pro₁ veesse agiã e que lhi socorresse** per sa oraçon.
- b) dsg.1.8.9 E por esso disse [ao seu messejeiro]₁, *que avia nome Juiãõ, que foi depois bispo na eigreja de Sabina*, **que pro₁ o trouvesse** con grande honra e que lhi non fezesse nenhũa cousa (...)

Em (184) os constituintes intercalados são orações interferentes. Como mostram os exemplos em (185) a seguir, um constituinte (em itálico, nos exemplos) pode intercalar-se também antes do objeto indireto, isto é, entre este e o verbo matriz; note-se que em (185b) há redobro do objeto indireto por um pronome oblíquo:

- (185) (a) dsg.1.8.31 (...) mandou dizer *outrossi* a[o messejeiro do papa]₁ **que pro₁ se guisasse pera o caminho (...)**
- (b) dsg.3.37.66 Disseron-lhi *enton* a[o santo homen]₁ **que pro₁ se levantasse** e el levantou-se.

O objeto indireto do verbo *dizer* pode ocorrer como um pronome enclítico em seis ocorrências:

- (186) (a) dsg.1.2.37 E el, sofrendo, ja de bõa mente o dano do cavalo, disse-lhis₁ **que pro₁ tomassen os azorragues** que tragia (...)
- (b) dsg.1.5.57 (...) castigava seus discipulos e dizia-lhis₁ **que pro₁ se non atrevessem per seu exemplo a morar con nen hũas molheres** que no mundo fossem (...)
- (c) dsg.3.18.13 E pois a molher esto vio fazer, começou-se a queixar e a dizer-lhi₁ **que**

pro₁ **o non fezesse** (...)

- (d) dsg.3.37.21 Enton o servo de Deus foi-se mui ledo pera seus obreiros con aquel hũũ pan que achara no forno e disse-lhis₁ **que** pro₁ **dessen graças a Nosso Senhor** que lhis enviara que comessen.

Os exemplos em (186) mostram ausência de constituintes intercalados entre o verbo principal e subordinada, mas, como mostram as três ocorrências em (187), podem ocorrer advérbios entre ambos (em itálico, nos exemplos):

- (187) (a) dsg.1.6.9 E o santo homen de Deus lhi₁ *disse con gram desdenho* **que** pro₁ **se fosse daquele corpo** (...)
- (b) dsg.3.15.26 (...) os seus discipulos lhi₁ *dezian con grande homildade* **que** pro₁ **tomasse aquelas possissões** que lhi davan (...)
- (c) dsg.3.37.6 Aqueste sacerdote veo hũũ tempo a hũũ lagar en que os lombardos deitaron sas olivas de que querian fazer seu azeite, e ele como era homen de mui ledo coração e de mui bõõ sembrante e de mui bõõ doairo, salvou aqueles lagareiros que eran gentiis e amostrou-lhis hũũ odre que tragia e disse-lhis₁ *con bõa cara e leda, non rogando, mais mandando* **que** pro₁ **lhi enchessen aquel odre d'azeite**.

Ainda no âmbito do verbo *dizer* há construções do tipo *mandar dizer* em que o objeto indireto do verbo *dizer* ocorre proclítico ao verbo *mandar*:

- (188) (a) dsg.3.11.7 – Vai e di ao rio: “(...) o bispo tj₁ manda dizer **que** pro₁ **te retenhas en ti** (...)”
- (b) dsg.3.14.8 E rei Totila lhi₁ mandou dizer **que ao bispo** pro₁ **tirasse hũa correa des a cabeça ata os calcanhares** (...)
- (c) dsg.1.8.16 (...) disse-lhi que seu senhor era mandadeiro do papa e que estava no moesteiro e que lhi₁ mandava dizer **que** pro₁ **veesse a el**.

O verbo *ensinar* em sua acepção declarativa também ocorre com a variante subjuntiva de construções de co-referência de objeto indireto, como mostram as duas ocorrências em (189):

- (189) (a) dsg.2.22.28 (...) San Beento v̄o spiritualmente per grande espaço de terra pera ensinar a [seus monjes]₁ **como** pro₁ **fezessem logares** en que fezessem vida spirital.
- (b) dsg.3.18.36 E aquel que soia a cuidar nas companhas dos anjos (...), amor lhi fazia que cuidasse nas cousas carnaes e nas mesquiñdades dos homens, pera os₁ ensinar *en* **como** pro₁ **vivessen a serviço e a louvor do seu senhor Jesu Cristo**.

Os declarativos *preguntar* e *conselhar*¹⁰² também ocorrem em construções similares:

- (190) (a) dsg.3.2.28 E enton o genro del-rei seu dono chamou Paulino a de parte e [preguntoo-u₁ **que** pro₁ **lhi dissesse** que homen era.]
- (b) dsg.1.28.24 Conselho-ti₁ **que me non** pro₁ **des tan gram tresteza**, ca non pode seer ta prol.

Verbos de petição, em construções com completivas subjuntivas com co-referência ao objeto indireto, apresentam quinze ocorrências, das quais oito envolvem o verbo *pedir*. O objeto indireto do verbo *pedir*, isto é, o constituinte denotativo do destinatário do pedido apresenta-se como expressão referencial em três ocorrências, como atestado em (191):

- (191) (a) dsg.2.32.26 (...) pediu [a Nosso Senhor]₁ **que** pro₁ **comprisse seu rogo** pola fe do padre do meniño (...)
- (b) dsg.1.4.10 (...) piedade e doo que avia da madre que fazia tan gram chanto por seu

¹⁰² Em relação a verbos que indicam ‘conselho’, enquanto o francês usa o infinitivo, o espanhol afasta-se desse emprego, aproximando-se do romeno, preferindo as construções como o subjuntivo (POGGIO, 1992, p. 129):

(i) fr. Je lui conseille de lire beaucoup.
(ii) esp. le aconsejo que lea mucho.
(iii) rom. Îl sfătinesc să citească mult.

filho movia-o pera pedir a [Nosso Senhor]₁ **que** pro₁ **socorresse aaquela mulher** tan coitada.

- (c) dsg.3.16.10 (...) pedia a [Nosso Senhor]₁ *que ha poder sobre todas cousas* **que** pro₁ **lhi desse naquel logar alguen que morasse con el** con que ouvesse solaz e prazer.

Em (191c) tem-se a interferência da apositiva ou restritiva (em itálico) entre o DP antecedente do sujeito nulo da subjuntiva e a oração encaixada. O objeto indireto pode no entanto assumir a forma de um pronome clítico. Conforme ilustram os cinco exemplos em (192), a posição deste clítico pode variar:

- (192) (a) dsg.1.5.8 (...) pedio-lhi₁ *con grande humildade* **que** pro₁ **o bẽzesse** (...), ca queria ir desembargar algũas cousas (...)
- (b) dsg.1.8.28 (...) deitou-se ante os pees do santo homen e [pediu-lhi₁ **que** pro₁ **rogasse a Deus por ele** (...)]
- (c) dsg.3.15.47 E o santo homen recebeu-as e deu-as aaqueles que semelhavan pelegrĩis e que andavan desnudados e [lhi₁ pedian **que** pro₁ **lhis fezesse mercee pelo amor de Deus.**]
- (d) dsg.2.13.16 E quando se presentou ante el e [lhi₁ pediu **que** pro₁ **fezesse** sobr'el oraçon (...)]
- (e) dsg.3.3.7 E o nobre homen (...) enviou o cavalo ao santo homen e [mandou-lhi₁ pedir *por mercee* **que** pro₁ **recebesse aquel cavalo** por seu (...)]

Em (192a-b), o objeto indireto pode ocorrer enclítico ao verbo matriz; em (192c-d), sua posição é de próclise ao verbo matriz. Em (192e) a forma *pedir* é um verbo encaixado, estando o clítico na posição de ênclise ao verbo que o subcategoriza. Podem ocorrer adverbiais intercalados entre o verbo *pedir* e a predicação encaixada, conforme ilustram os constituintes em itálico em (192a) e (192e).

O verbo *rogar* ocorre seis vezes no *corpus*, com a configuração em estudo. Os dados em (193) exemplificam co-referência a expressões referenciais:

- (193) (a) dsg.1.28.14 (...) mandou rogar a[os godos]₁ **que** pro₁ **veessen a el.**
- (b) dsg.3.16.40 (...) saiu Florencio fora da cela e estendeu seus olhos e sas palmas ao ceo pro₁ rogando a [Nosso Senhor]₁ **que** pro₁ **lhi tolhesse tempestade (...)**
- (c) dsg.1.5.53 (...) rogava a [Nosso Senhor]₁ *cada dia* **que** pro₁ **lhi possesse conselho sobre aquelas tentações grandes que avia.**
- (d) dsg.3.32.9 (...) rogava *mui de coração* a [Nosso Senhor]₁ **que** pro₁ **o confortasse.**
- (e) dsg.3.16.66 E tomavan a sa saia que el soia a vestir (...) e tragian-na nos clamores (...) e pro₁ rogando a [Nosso Senhor Jesu Cristo]₁ **que** *pelos merecimentos daquel cuja fora aquela saia* pro₁ **lhis fizesse mercee.**
- (f) dsg.3.15.11 Aqueste honrado padre Isaac (...) entrou na eigreja e rogou a [aqueles que a eigreja guardavan]₁ **que** pro₁ **lhi dessem lecença de fazer sa oraçon** na eigreja (...)

Em (193a-e) o objeto indireto antecedente do sujeito nulo da subjuntiva é uma expressão referencial, ao passo que é um DP com núcleo nominal vazio em (193f); (193c) e (193d) mostram, respectivamente, um adverbial temporal entre o objeto indireto e a subordinada encaixada e um adverbial modal entre o verbo principal e o objeto indireto; o adverbial ocorre dentro do domínio encaixado no exemplo em (193e), em uma posição entre o complementador e o IP mais baixo.

O objeto indireto do verbo *defender*¹⁰³, co-referente ao sujeito da subjuntiva, ocorre duas vezes como clítico e, em um caso, como expressão referencial:

- (194) (a) dsg.3.18.18 Mais o bõõ monge servo de Deus defendia-lhi₁ **que non** pro₁ **braadasse (...)**
- (b) dsg.2.21.16 (...) o profeta Eliseu (...) disse ao seu homen que lhi₁ defendia **que se non** pro₁ **chegasse a ela:**
- (c) dsg.2.18.1 Do barril do viño en que entrou a serpente que soube San Beento polo Spiritu Santo e [defendeu ao mandadeiro₁ **que non** pro₁ **bevesse dele]**

¹⁰³ O verbo *defender* guarda na *corpus* um sentido equivalente a *evitar* ou *impedir*. Ocorre três vezes no tipo de construção sob análise.

O verbo *guardar* e a expressão de sentido psicológico *meter em coração* (aqui com um sentido próximo a *persuadir* ou *sugerir*), em (195), com uma ocorrência cada, também ocorrem nas estruturas sob análise:

- (195) (a) dsg.1.5.20 (...) o homen santo pela resposta que deu disse verdade e guardou a [seu abade]₁ **que non** pro₁ **caesse en maa fama do mal que lhi fezera.**
- (b) dsg.3.16.17 (...) o enmiigo (...) meteu en coração a [quatro discipulos do honrado baron Euticio]₁ **que** pro₁ **matassem aquel usso** (...)

4.5.2.2 *Em subjettivas*

Quatro dados ilustram co-referência de sujeitos nulos de subjettivas a objetos indiretos, em subjettivas selecionadas pelo verbo *prazer*, organizadas em (196):

- (196) (a) dsg.1.29.28 – Mais ora mi₁ praz, *Pedro*, **que** pro₁ **fale ainda d’algũs homẽes bõõs**, que moran na provincia de Valeria (...)
- (b) dsg.2.10.2 Prougue *enton* a[o santo homen]₁ **que** pro₁ **mandasse cavar naquel logar** a terra que hi jazia.
- (c) dsg.3.31.5 (...) aquesta igreja (...) prougue [aos cristãos]₁ **que** pro₁ **a consegrassen** (...)
- (d) dsg.3.37.56 Enton prougue [a todos aqueles lombardos que hi estavan presentes]₁ **que** pro₁ **o escabeçassen** (...)

Em (196a), o antecedente do sujeito nulo da subjettiva subjettiva é o clítico *me*, sendo que nesta estrutura vê-se um vocativo intercalado entre o verbo e a subordinada; no restante das construções (196b-d), o antecedente do sujeito nulo é uma expressão referencial, conforme mostra a coindexação.

4.5.2.3 *Em completivas nominais*

Computou-se apenas uma ocorrência de completiva nominal com co-referência ao objeto indireto, a saber, do nome *meaças*, que se exhibe em (197):

(197) dsg.3.11.10 “Sabino, servo de Nosso Senhor Jesu Cristo, mando a ti₁, Pado, meaças *en nome do Senhor Jesu Cristo* **que non** pro₁ **saias mais** per estes campos (...)”

4.5.2.4 *A seqüência que + V_{Subjuntivo} e a co-referência ao objeto indireto*

Somam vinte e cinco as ocorrências de orações subordinadas adjetivas subjuntivas, cujo sujeito nulo co-refere com o objeto indireto da predicação mais alta. Deste montante, 18 constituem relativas com antecedente. Também se fez distinção entre os casos em que o traço de finalidade sobressai ou se encobre; catalogaram-se sete ocorrências de adjetivas com preposição *que* tipifica relativas. Foram computados quatro casos de preposições instrumentais e três de preposições locativas, como as que ocorrem em (198):

(198) (a) dsg.3.22.5 (...) seu padre (...) lhi₁ deu hũa possisson pequena **que** lhi rendia cada ano VI onças d’ouro *en* **que** pro₁ **se mantevesse**.]

(b) dsg.3.12.9 E pois tiraram o usso da cova **en** *que* o tiinham e [lhi₁ emposeron o bispo por prea *en* **que** pro₁ **devesse travar** (...)]

Os exemplos em (198), trazem preposições com valor locativo. Como mostra a coindexação, o sujeito nulo da subjuntiva co-refere com os pronominais *lhi*.

Do grupo das subjuntivas relativas com grau semântico de finalidade um, catalogaram-se onze ocorrências, dentre as quais selecionamos aquelas em (199):

(199) (a) dsg.3.7.6 E aqueles **que** hi estavam (...) levaron-no logo a [o santo homen]₁ **que** pro₁ **rogasse a Deus por ele**.

(b) dsg.1.19.3 Acaeceu depois **que** veeron pobres a [o bispo]₁ **que** pro₁ **lhis desse algũa esmolna** por amor de Deus (...)

- (c) dsg.3.32.20 E, jazendo el mui mal enfermou pera morte, **comendou** o seu filho Recaredo que ainda era herege a[o bispo de Sevilha San Leandro]₁ **que** pro₁ **o tornasse cristão** (...)
- (d) dsg.3.2.18 E pois lhi₁ seu dono dava do pan **que** pro₁ **comesse**, ia-se pera seu horto (...)
- (e) dsg.2.22.4 E o santo padre (...) enviou hi os frades e ordiõu daquel₁ **que** pro₁ **tevesse seu logar** e daquel que fosse preposto e disse-lhis:

O objeto indireto ocorre lexical sete vezes, como exemplificam as construções em (199a-c), mas é pronominal quatro vezes, conforme o exemplo em (199d), em que o antecedente pronominal é o clítico *lhi*; pode ocorrer também como um DP com núcleo nominal não-realizado, como em (199e).

Quanto às relativas sem antecedente, com seis ocorrências contabilizadas, o objeto indireto antecedente do sujeito da subjuntiva é sempre um clítico, conforme se atesta em (200):

- (200) (a) dsg.3.37.21 Entõn o servo de Deus foi-se mui ledo pera seus obreiros con aquel hũũ pan que achara no forno e disse-lhis que dessen graças a Nosso Senhor que lhis₁ enviara **que** pro₁ **comessen**.
- (b) dsg.1.18.13 E aquel mal aventurado jogar pois lhi₁ derõn **que** pro₁ **comesse** e que bevesse (...)
- (c) dsg.1.18.12 Ide e por amor de Deus dade-lhi₁ **que** pro₁ **cómia** e que beva, pero sabe Deus que morto he.
- (d) dsg.2.12.4 (...) hũã molher de religion (...) deu-lhis₁ **que** pro₁ **comessen** e que bevessen.
- (e) dsg.3.15.43 (...) rogarõn-no que lhis fizesse misericordia e que lhis₁ mandasse dar *pele amor de Deus* **que** pro₁ **vestissen**.

Em (200a-b), a posição do clítico é de próclise ao verbo sublinhado no exemplo; em (200c-d), o objeto indireto co-referente ao sujeito nulo da infinitiva está enclítico ao verbo *dar*; (200e)

sugere um caso de *Subida de Clítico*, visto que o clítico *lhis*, gerado pelo verbo da sentença subjuntiva, alça-se para uma posição à esquerda do verbo causativo *mandar*, ocorrendo um adverbial entre este e a sentença subjuntiva.

4.5.2.5 *Adverbiais consecutivas e temporais*

Remontam a apenas três as ocorrências de adverbiais subjuntivas, cujo sujeito nulo é co-referente ao objeto indireto da oração que a subcategoriza. Os exemplos estão em (201):

- (201) (a) dsg.1.2.21a (...) como quer que alguen tenha ou cuide que á graça do Spiritu Santo [non pro₁ deve tanto confiar de si₁ **que ante pro₁ queira seer meestre ca discipulo.**]
- (b) dsg.1.2.28 (...) non devemos tanto confiar de nós₁ **que ante pro₁ queiramos ensinar ca aprender (...)**
- (c) dsg.3.27.18 E [aquele maaos homen que era sabedor daquela maldade en que ele vivia]₂, temendo de viir a ele₁ en tal [pro₁ **o trouvesse mal como tragia os outros que tan maaos eran come ele (...)**]

Em (201a-b), vêem-se duas construções consecutivas; em (201c) trata-se de um adverbial temporal.

Em relação à coordenação de subjuntivas, de que catalogamos dez ocorrências, o complementador não é retomado em dois casos, como se pode apreciar em (202):

- (202) (a) dsg.1.6.9 E o santo homen de Deus lhi disse con gram desdenho que se fosse daquele corpo — e o enmiigo logo se partio dela — e des ali en deante **nunca ouvesse posse nen poderio sobr'ela.**
- (b) dsg.3.31.5 (...) aquesta egreja (...) prougue aos cristãos **que** a consegrassen e **possessen hi as religas de San Sevascháão e de Santa Ágada**, martires ben aventurados.

5 O PROBLEMA DA INCOMPATIBILIDADE

Estudada inicialmente em línguas sem infinitivo flexionado, a Teoria do Controle, dentro das abordagens tradicionais, particularmente o requerimento de que a categoria PRO não seja regida, esbarra em algumas restrições no que concerne a línguas como o português¹⁰⁴, que apresenta a possibilidade de Concordância no infinitivo para algumas classes de verbos.

Nas seções seguintes será estudada esta incompatibilidade parcial de PRO ao português, e seus possíveis reflexos na “arquitetura geral do sistema” (CECCHETTO e ONIGA, p. 27).

5.1 INCOMPATIBILIDADE PARCIAL DE PRO NO PORTUGUÊS

Verbos declarativos de petição como *pedir* podem selecionar completivas de infinitivo flexionado:

- (1) Ana pediu aos meninos para saírem

A posição-sujeito, sem matriz fonológica, da forma verbal *sair* em (1), é regida e, portanto, incompatível com PRO. Particularmente, é-lhe atribuído Caso nominativo. Chomsky (1981, p.

¹⁰⁴ Embora o infinitivo flexionado seja geralmente rotulado, na literatura especializada, de idiotismo da língua portuguesa, o mesmo não o é de forma absoluta, pois ocorre também no mirandês, no galego (GARCIA DE DIEGO, 1946) e no húngaro (BELFÁDEL, 1907, p. 116, 125 e 208), além do leonês antigo (GAMILLSCHEG, 1913) e no napolitano do século XV (ROHLFS, ([19-] e SAVJ-LOPEZ, 1900). Todas as referências estão em Maurer Jr. (1968, p. 1-2).

52) afirma que:

Sujeitos são nominativos quando concordam com (...) sua flexão. Em algumas línguas como, por exemplo, o português, AGR pode também ocorrer com infinitivos, e o sujeito é de fato nominativo neste caso¹⁰⁵.

Duarte (2003, p. 624) o confirma, observando que a presença destas marcas de Concordância nas infinitivas como em (1) confere a “possibilidade de ocorrência de sujeitos com realização lexical”. O contraste entre (2) e (3), de um padrão do português com forte realização de Concordância de número, é mais uma evidência para a hipótese de que são estas marcas de Concordância que legitimam a ocorrência de sujeitos foneticamente realizados nas infinitivas:

- (2) (a) [Os miúdos terem chegado cedo a casa] surpreendeu-nos.
 (b) O João pensa [devermos nós dar-lhe a notícia em primeira mão].
 (c) Os teus pais estão orgulhosos por [tu teres ganho o primeiro prémio].
 (d) A ideia de [os projectos serem apresentados publicamente] é excelente.
- (3) (a) *[Os miúdos ter chegado cedo a casa] surpreendeu-nos.
 (b) *O João pensa [dever nós dar-lhe a notícia em primeira mão].
 (c) *Os teus pais estão orgulhosos por [tu ter ganho o primeiro prémio].
 (d) *A ideia de [os projectos ser apresentado(s) publicamente] é excelente.

Nos exemplos em (3) (da obra citada, à mesma página), os sujeitos foneticamente realizados não são licenciados, devido à ausência de marcas de Concordância, tornando as sentenças agramaticais.

Os fatos acima demonstram que as marcas –T+Agr do infinitivo português dão causa a uma incompatibilidade parcial com a categoria PRO, desde que esta CV ocorre apenas na posição de sujeito de infinitivo não-flexionado, em distribuição complementar com DPs lexicalmente realizados.

O português apresenta verbos que selecionam exclusivamente construções de Controle, não permitindo completivas subjuntivas nem de infinitivo flexionado: tais são, por exemplo, *ousar* e *atrever-se*, os quais integram um grupo de verbos estritamente de Controle. Ao lado destes, figurariam os verbos que permitem estruturas de Controle mas ocorrem

¹⁰⁵ “Subjects are nominative when they agree with (...) its inflexion. In some languages, e.g., Portuguese, AGR may also appear with infinitives, and the subject is indeed nominative in this case.”

também com orações subjuntivas: são exemplos deste grupo *querer* e *desejar*. Um terceiro grupo de verbos se caracteriza por selecionar tanto estruturas de Controle quanto de não controle (infinitivo flexionado), além de completivas subjuntivas, como os verbos epistêmicos, declarativos e factivos.

Ribeiro (1988, p. 133) assinala que o fato de verbos de Controle como *querer*, *desejar* e *esperar* selecionarem também completivas subjuntivas não invalida a Teoria do Controle, visto que “tais verbos só são marcados, no léxico, pelo traço [+CS]¹⁰⁶, quando construídos com infinitivo”, concluindo que as estruturas de Controle são definidas “não só pelas propriedades lexicais do predicado matriz, como também pela configuração estrutural em que elas aparecem”. A autora (à página 136) observa que Mateus e outros (1983, p. 418-9), consideram que, das duas construções em (4):

- (4) (a) as raparigas lamentam terem partido a jarra
 (b) as raparigas lamentam ter partido a jarra

somente a construção (4b) pode ser identificada como de Controle. Ribeiro (1988:136) conclui daí que os predicados *lamentar*, *acreditar* e *jurar* podem selecionar tanto estruturas de Controle (cf. (4b)) como o que denomina de *não-Controle* (cf. (4a))¹⁰⁷.

Uma outra maneira de entender esta questão está em Radford (1997, p. 197), que assume que há dois tipos de infinitivo: um que verifica o Caso nulo e outro que não guarda propriedades de verificação de traços. Um verbo como *expect* seleciona ambos os tipos de infinitivo, como nos exemplos em (5):

- (5) (a) She expects [PRO to win]
 (b) She expects [him to win].

Nesta discussão, Radford coloca o verbo *expect* como protótipo de um grupo híbrido em termos de propriedades de seleção da completiva infinitiva, a meio caminho entre o grupo exemplificado por *hope*, que é um verbo exclusivamente de Controle (e, como tal, só ocorre

¹⁰⁶ Chomsky (1980), ao definir as regras de Controle, estabelece o traço [+/-CS], isto é, Controle sujeito, como propriedade lexical deste tipo de predicados.

¹⁰⁷ Duarte (2003, p. 632), assumindo a mesma análise, também coloca o verbo *lamentar* e similares como predicados de Controle, desde que ocorram com infinitivo sem realização fonética da flexão (cf. os exemplos em (40) da obra citada, à mesma página).

com um tipo de completiva infinitiva) e, no outro extremo, o grupo de verbos como *believe*, que seleciona exclusivamente uma completiva ECM¹⁰⁸.

Dentro desta perspectiva, pode-se imaginar que a alternância de um mesmo verbo entre construções de Controle e não-Controle reflete uma dupla possibilidade de seleção de tipos de infinitivo: um que verifica Caso nulo, selecionado nas ocorrências de infinitivo não-flexionado, e um outro tipo, que verifica Caso nominativo, representado pelas ocorrências de infinitivo flexionado. Somente no primeiro caso PRO é licenciado.

Nas seções seguintes será proposta uma abordagem desta incompatibilidade parcial de PRO no português, seguindo a hipótese de Cecchetto e Oniga (2001) para o *Problema da Incompatibilidade* de PRO ao latim. Na seção 5.2, serão abordados os aspectos da referida análise mais relevantes para o presente trabalho; nas seções 5.3 e 5.4, será sugerida a aplicabilidade de tal hipótese aos dados da pesquisa, com base nas características peculiares do infinitivo flexionado e sua história de expansão.

5.2 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA AS INFINITIVAS LATINAS

Infinitivos latinos podem ter marcas explícitas de tempo. PRO também era possível em latim, embora restrito às formas do infinitivo presente. Segundo os autores, este *Problema de Incompatibilidade* – doravante, PI – restringe PRO a contextos específicos, devido à incompatibilidade desta categoria com as especificações do I infinitivo no latim: +T–Agr, complementares, portanto, às especificações de I do infinitivo flexionado português (–T+Agr)¹⁰⁹.

Há em latim uma forma para presente, passado e futuro na voz ativa e na voz passiva do infinitivo. A voz ativa, à qual restringiremos esta breve exposição, apresenta o seguinte paradigma, tomando como modelo o verbo *laudare* (*elogiar*):

¹⁰⁸ Radford propõe duas análises para a dupla possibilidade de seleção representada em (5). Primeiramente, este verbo tem um uso duplo: em (5a), trata-se de um verbo intransitivo que seleciona um IP nucleado por um *to* de Caso nulo, enquanto em (5b) é um verbo transitivo que seleciona um IP complemento “nucleado” por um *to* sem Caso; a outra possibilidade é que *expect* pode selecionar um complemento nucleado pelos dois tipos de *to* e pode ser transitivo ou intransitivo. Quanto a saber qual seria a interpretação mais acertada para o caso de verbos que selecionam tanto estruturas de controle como de não controle (infinitivo flexionado), deixa-se para trabalho posterior.

¹⁰⁹ Os autores fazem a ressalva de que não se quer com isto dizer que PRO não ocorre em latim, o que seria um contra-senso, visto tratar-se de um elemento da UG, mas que PRO nesta língua está restrito a certos contextos, nomeadamente, o infinitivo presente (CECCHETTO e ONIGA, 2001, p. 8).

Presente:	<i>laudare</i>	<i>forma sintética</i>
Passado:	<i>laudavisse</i>	<i>forma sintética</i>
Futuro:	<i>laudaturum</i> (-am, -um; -os, -as, -a) <i>esse</i>	<i>forma analítica</i>

Como evidência para estas marcas de Tempo, os autores mostram que o infinitivo latino aceita seqüência de tempos. Nas construções AccI (*accusativus cum infinitivo*) na voz ativa em (6-8), por exemplo, o evento referido pelo infinitivo encaixado pode ser concomitante (cf. 6), anterior (cf. 7) ou posterior (cf. 8) à ação expressa pelo verbo principal (ACC = Caso Acusativo):

- (6) Dicunt eum **laudare** eam – “Dizem que ele a está elogiando”
Dizem -no elogiar -la
- (7) Dicunt eum **laudavisse** eam – “Dizem que ele a elogiou”
Dizem-no ter-elogiado -a
- (8) Dicunt eum **laudaturum** esse eam – “Dizem que ele a elogiará”
Dizem -no elogiar(ACC/MASC) ser -la

Quanto aos traços +/-AGR de I, a situação é um pouco mais complicada: o infinitivo latino apresenta um tipo de concordância de sujeito: o exemplo em (8) mostra a forma analítica (futuro) que, além da concordância de tempo, apresenta concordância de sujeito: *laudaturum* concorda em gênero, número e Caso com o sujeito acusativo *eum* ((6) e (7) são formas sintéticas, que não apresentam este tipo de concordância). Seria possível concluir daí, argumentam os autores, que as formas analíticas do infinitivo latino apresentam concordância de Tempo e de sujeito; portanto, possuem o traço +T+Agr, enquanto as formas sintéticas só apresentam marca de Tempo, apresentando, portanto, o traço +T–Agr.

Cecchetto e Oniga (2001) afirmam que estas conclusões, se procedessem, levantariam dois problemas, a saber, (i) considerar o infinitivo como +T+Agr o identificaria com as formas finitas do verbo e (ii) a diferença de traços do infinitivo latino entre as formas sintética e analítica levaria a considerar o infinitivo latino como uma classe heterogênea.

O primeiro problema, isto é, considerar as formas analíticas como +T+Agr, igualando-as às construções finitas, não procede, visto que *a concordância das formas analíticas é de natureza diferente daquela apresentada por formas finitas*: O sujeito do verbo finito concorda

com o verbo em **pessoa e número**, enquanto o particípio concorda com o sujeito do infinitivo em **gênero, número e Caso, mas não em pessoa**¹¹⁰.

Conclui-se destes fatos que, se o termo *concordância* é tomado como sendo “concordância de **pessoa e número**”, pode-se dizer que o infinitivo latino é, portanto, +T–Agr: falta ao infinitivo latino o tipo de concordância de sujeito manifestada em finitas (i.e., de pessoa e número).

Quanto ao segundo problema, nomeadamente, de que a diferença de traços do infinitivo latino entre as formas sintética e analítica revelariam o infinitivo latino como uma classe heterogênea, também não se aplica, segundo os autores, visto que o infinitivo latino constitui uma classe homogênea de acordo com vários testes, como o fato de aparecer em construções AccI.

A análise do infinitivo latino por Cecchetto e Oniga (2001, p. 27) pressupõe uma concepção de língua como um sistema altamente integrado, em que “um aspecto codificado morfológicamente tem conseqüências sobre toda a arquitetura do sistema”. Para aqueles lingüistas, a sintaxe das infinitivas latinas reflete diferentes estratégias para lidar com o PI. A presente discussão se restringirá à primeira e principal destas estratégias, a qual guarda conexões diretas com os dados desta pesquisa, e que consiste no uso de orações subjuntivas *ut/ne* em estruturas ditas de Controle sujeito e objeto, as quais requerem PRO como sujeito da infinitiva. Orações de Controle Sujeito e Objeto em português contemporâneo correspondem a orações subjuntivas latinas *ut/ne* com sujeito lexical (sublinhado nos exemplos) licenciado pela flexão, conforme ilustram (9) e (10):

- (9) (a) Eles decidiram [PRO enviar 10.000 pessoas]
 (b) Statuunt **ut** decem milia hominum (...) mittantur (Caes. Gall. 7, 21, 2)
- (10) (a) Ele persuadiu a população a [PRO deixar sua terra]
 (b) Civitati persuasit **ut** de finibus suis (...) exirent

¹¹⁰ A concordância latina do particípio passado em formas analíticas é similar à concordância do sistema nominal:

(i) *Tabula picta est* - “Há uma mesa pintada”
 mesa(NOM, FEM, SING) pintada(NOM, FEM, SING) é

e faz lembrar também as construções italianas:

(ii) *La casa fu dipinta*
 a casa(SING/FEM) foi pintada(SING/FEM)

(iii) *I palazzi furono dipinti*
 Os edifícios(MASC/PLUR) foram pintados(MASC/PLUR). (CECCHETTO e ONIGA, 2001)

Esta correspondência entre os exemplos (a) e (b) em (9) e em (10) reflete, para os autores, a estratégia mais evidente disponibilizada pelo latim para lidar com o fato de que a flexão infinitiva latina +T–Agr é incompatível com PRO.

Do latim ao português, com a extinção das especificações +T–Agr do infinitivo, o PI, nos moldes em que funcionava no latim, é desativado. Portanto, teoricamente, PRO não mais sofre restrições para ocorrer no português: com esta desativação do PI em sua configuração latina, a subordinação subjuntiva, que, como vimos, constituía a estratégia principal para superar o PI, no que se refere à Co-referência entre objeto e sujeito da subordinada, deixa de ser a opção exclusiva de complementação dos verbos *dicendi* (e outros que se apresentam hoje como verbos de controle objeto) e abre-se campo à seleção de completivas infinitivas por parte destes predicados.

Um problema, porém, assoma ante o exame dos dados do *corpus*, constituindo uma questão que se desdobra em duas, a saber: (i) por que no português trecentista, não se registram construções de Controle de objeto propriamente ditas (exceto as construções esparsas descritas no capítulo 4, seção 4.2.3), ocorrendo exclusivamente o Controle sujeito¹¹¹; e (ii) o que teria ocasionado a mudança de padrão de complementação em direção às construções de controle objeto atuais. Nas seções seguintes serão esboçadas algumas hipóteses, com que se tenta responder a estas questões.

5.3 O PAPEL DA REANÁLISE NA MUDANÇA DO PADRÃO DE COMPLEMENTAÇÃO DO CONTROLE OBJETO

Quanto à primeira parte da questão, será assumido, para a presente discussão, que, somente de maneira gradativa, esta subordinação subjuntiva – que se considera aqui como remanescente da estratégia principal para superação do PI latino – terá perdido força ao longo dos séculos. Os verbos em causa, desde a evolução do latim para as línguas românicas, mais precisamente, desde a desativação do PI em sua feição latina, não passam a selecionar imediatamente completivas infinitivas. Como testificam os dados do *corpus*, a subordinação “subjuntiva de Controle” sobrevive no português arcaico, mas, teoricamente, propõe-se aqui, detentora de uma crescente tendência a permitir a subordinação completiva infinitiva (pois não há mais restrições com base no PI: +T–Agr).

¹¹¹ Não se descarta aqui que a persistência deste tipo exclusivo de subordinação pode configurar também, em parte, um cultismo dos copistas e escritores.

Quanto à segunda parte da questão, a saber, qual teria sido a causa da mudança na configuração das arcaicas “subjuntivas de Controle”, a resposta pode estar na semelhança estrutural entre algumas estruturas do *corpus*. Ao analisar as ocorrências de construções subjuntivas de co-referência ao sujeito, notou-se que, nem sempre, pode-se sustentar que a seqüência *que* + *S_{subjuntivo}* corresponde a adverbiais finais propriamente ditas, pelo que se pode deprender dos contextos específicos de cada sentença, que apresentam ora uma semântica e uma estrutura mais próxima de finais, ora mais propriamente adjetival. Isto significa que, para certificar-se de que determinada seqüência *que* + *S_{subjuntivo}* é de fato uma adverbial final, é necessário descartar que se trata de uma relativa. Deste modo, propusemos a distinção das ditas construções em três grupos, em uma gradação crescente do traço semântico de finalidade, usando como critério aspectos sintáticos e interpretativos das operações de relativização. Os exemplos em (11), (12) e (13) são representativos das características de cada um destes grupos:

- (11) (a) dsg.1.5.6 (...) meteu a el mão e, porque non pro₁ achou vara nen paaõ con **que** pro₁ **lhi desse**, tomou as talhoos que tiinha ant’o leito (...)
- (b) dsg.1.29.24 (...) aquele que ante sa morte pro₁ fez muitas boas obras per **que** pro₁ **prouguesse a Deus**, pela oraçon do seu amigo podia-lhi Deus tanto ben dar per que vivesse despola morte melhor (...)
- (c) dsg.3.10.6 (...) trabalharon-se que fizessem ir [o rio]₁ (...) per outros logares en **que** pro₁ **non fezesse dano**.
- (d) dsg.1.7.3 (...) lecença do papa non has, nen pro₁ recibisti nen hũa orden sagrada en **que** pro₁ **possas o fazer?**
- (e) dsg.3.8.9 (...) [hũu judeu]₁ (...) non pro₁ achava nen hũu logar poboado hu pro₁ **fosse**, entrou en hũu templo d’Apolo e ficou hi aquela noite.

Os exemplos em (11) apresentam grau zero de traço de finalidade, pela presença de preposição típica das estratégias de relativização. Este grupo está representado por quinze ocorrências¹¹². As construções em (12), por outro lado, com nove ocorrências, apresentam um

¹¹² Como foi assinalado, trata-se apenas de dados relativos à co-referência ao sujeito, o que não interfere na argumentação que aqui se estabelece.

traço mais forte de finalidade (grau um, estipule-se), já que tal preposição não ocorre nestes casos:

- (12) (a) dsg.3.33.31 E quando en [elas]₁ non acham vianda algũa que pro₁ **cóman**, tornan-se aas tripas e roo_{en}-nas (...)
- (b) dsg.3.2.4 (...) [o homen de Deus]₁ non pôde achar nen hũa cousa que pro₁ **lhi desse** se non si rneesmo (...)
- (c) dsg.3.9.15 E assi non pro₁ acharon nengũu que pro₁ **podessem fazer bispo** (...)
- (d) dsg.1.4.27 (...) rogo-te se [pro₁ sabes ainda algũa cousa deste santo homen don Libertino que pro₁ **nos possas contar** a conforto de nossas almas.]
- (e) dsg.3.2.3, porém (...) hũa mulher veuva (...), vëo ao piadoso baron Paulino que lhi fezesse algũa esmolna pera tirar seu filho de catividade (...)

Todas as sentenças em (12) são perfeitamente parafraseáveis por construções do tipo *para + infinitiva*. Para uma construção como (12a) teríamos, por exemplo, “não acham carne nenhuma **para comer**”¹¹³. Todavia, não se pode garantir que não se trata de uma relativa: o “traço de relativa” é ainda presente, pois estruturalmente não há como descartar que se trata de subordinadas adjetivas dos DPs relevantes: em (12a-d), o DP adjacente à subjuntiva pode ser interpretado como o objeto relativizado da predicação encaixada; em (12e) o DP adjacente pode ser interpretado como o sujeito relativizado da predicação encaixada.

Por outro lado, há construções a que se pode atribuir o grau máximo (dois) do traço de finalidade. As duas únicas ocorrências estão em (13):

¹¹³ Nem todas as sentenças em (12), porém, guardam um rigoroso sentido de finalidade, que é patente para, por exemplo, (12e), mas não inteiramente aceitável para (12d), como explicitado pelas paráfrases de ambas as construções, respectivamente, (i) e (ii):

(i) Uma viúva veio ao Bispo Paulino **a fim de que** ele fizesse algo para tirar seu filho do cativoiro

(ii) ? O senhor sabe alguma história deste santo homem **a fim de que** me possa contar?

A paráfrase em (ii) não se sustenta inteiramente em razão de que o fato de saber a história preexiste em relação ao pedido para contá-la, enquanto em (i), a vinda da mulher ao bispo Paulino ocorre exatamente com a finalidade expressa pela subjuntiva. Não se entrará, no entanto, em tais minúcias semânticas, que não constituem o objetivo deste trabalho.

- (13) (a) dsg.3.12.22 E eles₁ (...) poseron o corpo (...) en hũa nave **que** pro₁ **o levassen aa cidade de Popolonia** (...)
- (b) dsg.1.19.16 (...) [aquelel clerigo seu sobriõ]₁ guardava aqueles soldos en ouro **que,** **depós morte de seu tio,** pro₁ **gaanhasse o bispado per eles.**

Dado que, nos exemplos em (13), o DP adjacente à subjuntiva (sublinhado, nos exemplos) não pode funcionar, neste contexto específico, como elemento relativizado (nem *hũa nave* em (13a), nem *ouro* em (13b) podem figurar como sujeito nem objeto da provável relativa subjuntiva), o sentido de finalidade é o único possível. Do exposto acima, as construções em (13), pelo sentido único possível de finalidade que exibem, não constituem orações adjetivas verdadeiras.

Os fatos acima permitem chegar às seguintes constatações:

- (i) Há estruturas no *corpus* linearmente similares a adjetivas, mas que não permitem leituras adjetivais, oferecendo a interpretação única de finalidade;
- (ii) O português arcaico, segundo os dados do *corpus* analisado, possui duas estratégias para expressar a noção de finalidade: além das subjuntivas, dispõe paralelamente da seqüência *para + infinitivo flexionado*¹¹⁴.
- (iii) A possibilidade de expressão da idéia de finalidade pelo modo conjuntivo não sobreviveu no PB contemporâneo, que só dispõe da seqüência *para + infinitiva* para carrear tal noção;
- (iv) a construção *para + infinitiva* no PB contemporâneo generalizou-se, não guardando mais, exclusivamente, um sentido final, como na construção consecutiva em (14):

- (14) Você não é forte o bastante para lutar comigo¹¹⁵

¹¹⁴ Matos e Silva (1984, p. 716) reporta a ocorrência destes verbos subjuntivos com valor final, embora “não documentados”. Observa ainda que são “mais freqüentes [...] enunciados subordinados finais expressos pelo verbo na forma do infinito precedido de *pera*.”

¹¹⁵ Além de dados sincrônicos como o em (14), muitos dados do *corpus* analisado oferecem a possibilidade de paráfrase por construções *para + infinitiva* em PB contemporâneo, o que reforça a constatação (iv): onde o falante moderno optaria por uma construção com *para + infinitivo*, percebe-se, no *corpus*, uma tendência ao uso de subjuntivas para determinadas classes de verbos.

A proximidade estrutural entre relativas e finais (ambas expressas pela seqüência *que* + *S_{subjuntiva}* no *corpus*) descrita acima, geradora potencial de ambigüidade, teria dado gênese a uma reanálise que fez o sistema abandonar a seqüência *que* + *S_{subjuntiva}* como estratégia para veicular a noção de finalidade, e a seqüência *pera* + *infinitivo*, que já existia como possibilidade, candidata-se a se tornar a opção dominante para carrear a noção de finalidade.

Assoma como hipótese, deste modo, que as completivas dos atuais verbos de Controle de objeto direto e indireto tenham mudado o padrão de complementação em direção às atuais completivas infinitivas por motivos semelhantes de similitude semântica. Construções com o verbo *traballar-se*, que permite seqüências com *de* e *pera+infinitivo* e *que+subjuntivo*, por exemplo, geram ambigüidade entre uma leitura de complementação e de finalidade, visto que há construções com este verbo que sugerem uma interpretação intransitiva equivalente a “preparar-se”, mas ocorre freqüentemente com sentido de maquinação mental ou planejamento, razoavelmente equivalente a “planejar”, “maquinar”, portanto, com uma leitura transitiva. A oscilação da preposição regente da infinitiva contribui ainda mais para esta ambigüidade (cf. 15a-b)¹¹⁶:

- (15) (a) dsg.3.15.22 (...) homens e molheres filhos d’ algo e vilãos (...) cada hũ₁ se trabalhava pera [PRO₁ **levar** o santo homen pera sa casa.]
- (b) E pois aquel prelado vio que non podia matar o corpo do meestre **trabalhou-se de** *matar as almas dos seus discipulos.*
- (c) dsg.3.10.6 E porque (...) os homêes da terra recebiam gran dano, **trabalharon-se que** *fezessem ir o rio (...) per outros logares en que non fezesse dano.*

O verbo *castigar* ocorre no *corpus* com um sentido aparentemente declarativo (a julgar pelo sentido da frase), da mesma forma apresentando uma oração subjuntiva com uma construção ambígua entre uma leitura completiva e outra, final:

- (16) dsg.3.27.5 E porque entendeu que [hũ lombardo]₁ se trabalhava de lhi furtar sas abelhas, **castigô-o₁** primeiramente per sa palavra *que pro₁ se partisse de seu dano* e ele non-no quis fazer.

¹¹⁶ O verbo *traballar-se* + *preposição* ocorre uma vez, no *corpus*, com infinitivo flexionado: (i) dsg.2.9.2 (...) trabalhando-se [os frades]₁ de [pro₁ **fazerem** cela en que morassen naquel logar de que deitaron o idolo (...)]

O exemplo em (17) mostra uma construção relativa “sem antecedente” que proporciona, além da leitura de relativa, a mesma ambigüidade entre uma interpretação de completiva e outra, ainda que residual, de finalidade:

- (17) dsg.1.18.13 E aquel mal aventurado jogar pois lhi₁ **deron** *que pro₁ comesse* e que bevesse (...)

Por fim, um dado do *corpus* apresenta uma seqüência *que + S_{subjuntiva}* com características híbridas entre as que se observam em um dos padrões atuais de subjuntivas finais, o qual se constrói com *para + que S_{subjuntiva}* (cuja paráfrase seria “puderam fazer hortas de verduras para que os padres comessem”) e a antiga forma de subjuntiva com valor final que se vem discutindo nesta seção:

- (18) dsg.1.13.10 E porque aquel moesteiro estava en cima dũ monte muito alto, non parecia nen hũ campo chãõ en que podessen fazer horta de verças *pera os frades* **que comessem**, tirado huum mui pequenõ logar que aparecia na costa do monte (...)

Os fatos de ambigüidade acima podem ser considerados como disparadores de uma reanálise que provavelmente terá contribuído para generalizar o padrão atual das completivas de Controle, as quais no *corpus* apresentam a possibilidade única de complementação subjuntiva, em que o sujeito nulo apresenta propriedades de co-referência obrigatória.

5.4 O INFINITIVO FLEXIONADO E A SUPERAÇÃO DO PI

Antes de 1200, segundo Carolina Michaëlis¹¹⁷, surge o infinitivo flexionado¹¹⁸. O I português passa a apresentar desde então uma matriz de traços complementar à do I latino: – T+Agr. PRO torna-se portanto incompatível com o infinitivo flexionado português, como se discutiu no início desta seção. Reinstaura-se portanto outro PI, sob uma configuração simétrica à do PI latino.

¹¹⁷ *Apud* Maurer Júnior (1968, p. 2).

¹¹⁸ Maurer Júnior (1968), após descartar, através de exaustiva e convincente argumentação empírica, a hipótese de o infinitivo flexionado ter advindo do imperfeito do subjuntivo latino, aceita como hipótese mais provável que aquele idiotismo do português seja uma continuação do próprio infinitivo latino, que terá assimilado analogicamente as terminações do futuro do subjuntivo.

Da mesma forma que o latim, o português teve de disponibilizar estratégias similares de superação do PI, em sua nova configuração.

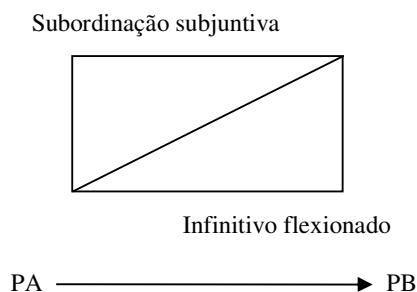
Uma estratégia de superação do PI nesta nova feição consiste no alastramento do infinitivo flexionado em direção a contextos em que antes só ocorria o infinitivo não-flexionado. Maurer Jr. revela que, inicialmente, o infinitivo flexionado apresentava possibilidades mais restritas:

“(…) o emprego da forma flexionada [do infinitivo] é relativamente tardio. (...) a construção com o infinito – mesmo o invariável – é excepcional na Idade Média, preferindo-se a construção com o modo finito. Entretanto, ainda quando se encontra aquele, temos decidida predileção pela forma impessoal. Tal acontece, sobretudo, com os textos mais antigos.” (MAURER Jr., 1968, p. 93)

Uma vez criada a forma idiomática do infinitivo português, porém, ela “acabou por invadir construções nas quais, de acordo com os hábitos românicos gerais, o infinitivo impessoal era corrente” (MAURER Jr, 1969, p. 92), entre as quais os complementos nominais e adjetivais, complemento de verbo auxiliar e infinitivo gerundivo.

Paralelamente, a subordinação subjuntiva perde terreno para o uso do infinitivo como complemento dos verbos que hoje se constroem com infinitivas de Co-referência (com infinitivo flexionado) e Controle de objeto direto (como *obrigar*, *persuadir*) e indireto (*dizer*, etc.). Estes verbos, que só admitem no *corpus* completivas subjuntivas, “admitem hoje a construção pessoal ou impessoal do infinito”, dizendo-se indiferentemente: *Autorizei os meninos a entrar (em)*, *Ensinou os filhos a amar (em) a Pátria* (MAURER Jr., 1968, p. 61)¹¹⁹. Este aumento gradativo do uso do infinitivo flexionado constitui pois um movimento que se supõe compensatório, como esquematizado em (19):

(19)



¹¹⁹ Maurer Jr. (1968, p. 61) refere-se aos verbos *obrigar*, *convidar*, *concoitar*, *constranger*, *autorizar*, *destinar*, *levar*, *animar*, *incitar*, *impedir*, *proibir*, *estimular*, *coagir*, *forçar*, *defender* (arcaico), *dispensar*, (a)*costumar*, *outorgar* (arcaico), *ensinar* e outros, que “admitem um infinito preposicionado ligado ao objeto direto ou ao sujeito. Trata-se de verbos que admitem construções de Controle e de não-Controle.

Na esteira da “invasão” do infinitivo flexionado a novos ambientes, pode-se constatar que, bem mais tarde, em fase recente da língua, esta forma idiomática passa a ocorrer também em completivas que, canonicamente, são agrupadas entre as de *Marcação Excepcional de Caso*, um dos “últimos redutos” em que não penetrara ainda. O uso medieval confirma ocorrência rara da forma flexionada do infinito como complemento predicativo do objeto direto dos verbos *fazer, deixar, mandar, ver, ouvir, sentir* e outros, e “só modernamente a construção pessoal se torna corrente, mas apenas quando o infinito está posposto a um objeto indireto nominal.” (MAURER Jr., 1968, p. 93)¹²⁰.

Sumarizando, os fatos acima nos permitem traçar alguns paralelismos entre a hipótese do *Problema da Incompatibilidade* no latim, nas linhas em que o concebem Cecchetti e Oniga (2001), e o *Problema da Incompatibilidade* análogo, no português, dentro das seguintes premissas:

- (i) os traços de I do infinitivo flexionado português –T+Agr são incompatíveis com PRO;
- (ii) o português, tal como o latim, lança mão de estratégias para “driblar” este *Problema de Incompatibilidade*;
- (iii) a ambigüidade gerada entre relativas e adverbiais finais expressas pela seqüência *que + S_{subjuntiva}* no *corpus*, geradora potencial de ambigüidade, teria dado gênese a uma reanálise que fez o sistema abandonar a seqüência *que + S_{subjuntiva}* como estratégia para veicular a noção de finalidade, e a seqüência *para + infinitivo*, que já existia como possibilidade, passa a ser a opção dominante para carrear a noção de finalidade. Da mesma forma, hipotetiza-se, as completivas dos atuais verbos de Controle de objeto direto e indireto deixaram de selecionar exclusivamente completivas subjuntivas, passando a selecionar completivas infinitivas, tanto de controle quanto de não-controle, como o padrão atual, por motivos análogos de similitude semântica entre completivas subjuntivas e adverbiais finais.
- (iv) o alastramento progressivo do infinitivo flexionado no português, em direção a contextos em que inicialmente só a forma invariável era admitida (inclusive completivas de verbos de

¹²⁰ Adverte-se aqui para o fato de que, se em Camões, no século XVI, essa construção se torna um pouco mais freqüente, não se deve esquecer que ela se encontra em situações favorecedoras da flexão, por exemplo, quando o infinito tem por complemento um pronome reflexivo, ou quando há certa “distância” entre ele e o nome a que está ligado (MAURER Jr., 1969).

Controle objeto), pode ser compreendido como uma “estratégia” de superação do *Problema da Incompatibilidade* do português¹²¹.

¹²¹ Resta investigar se é também possível que a inserção do *se* sujeito de infinitivas como em *É difícil se achar lugar aqui* (NUNES, 1991) e a reanálise generalizada que tem substituído construções impessoais por construções de alçamento equivalentes (cf. nota 95 do capítulo 4), cf. Martins e Nunes (2004) possam ser entendidas como outras estratégias para superação do PI.

6 CONCLUSÃO

Os dados analisados mostram que, quanto ao fenômeno do Controle, o *corpus* apresenta verbos (volitivos, psicológicos e reflexivos como *partir-se*) que selecionam completivas infinitivas de Controle Sujeito, sendo que o verbo *prometer* se constrói, no *corpus*, tanto com completivas de Controle quanto com completivas subjuntivas em que o sujeito nulo co-refere com o sujeito do verbo principal.

Quanto ao Controle objeto, tanto direto quanto indireto, o *corpus* sugere que, exceção feita a poucos casos, em configurações específicas de completivas nominais, subjetivas, relativas e adverbiais, o português trecentista não dispunha de completivas de Controle de objeto direto nem indireto (selecionada por verbos como *obrigar* e *dizer*, por exemplo), figurando em lugar destas a subordinação subjuntiva em que o sujeito nulo é co-referencial ao objeto.

As infinitivas de Marcação Excepcional de Caso apresentam um comportamento notavelmente constante no que se refere ao mecanismo de atribuição casual ao sujeito da oração encaixada; não há registros de infinitivo flexionado nestas construções, mesmo em situações em que o sujeito é uma expressão referencial no plural, do que se conclui ser o sujeito destas infinitivas, de maneira invariável, marcado com Caso pelo predicado matriz, nos dados do *corpus*.

Em relação às construções com verbos de alçamento, os modais revelaram-se os mais numerosos, sendo que a preposição regente da infinitiva oscila para cada verbo.

O exame das construções conjuntivas veio a confirmar, por fim, que os verbos de Controle Objeto da língua atual optam, invariavelmente, no *corpus*, por completivas subjuntivas.

Levantou-se a hipótese, baseada em uma visão de língua como um sistema altamente interconectado (CECCHETTO e ONIGA, 2001), de que o tipo de complementação subjuntiva

que ocorre, no *corpus*, em estruturas equivalentes às atuais construções de Controle objeto, constitui um reflexo do Problema da Incompatibilidade latino; devido a uma reanálise provocada pela proximidade semântica em alguns casos de completivas de Controle e adverbiais finais na língua arcaica, o novo padrão de complementação infinitiva passou a aumentar de frequência. O aparecimento do infinitivo flexionado fizera ressurgir, sob forma simétrica à do latim, o Problema da Incompatibilidade; o recrudescimento tardio do infinitivo flexionado, no português atual, inclusive em direção às completivas de Controle, novamente incompatíveis com PRO devido à possibilidade de flexão do infinitivo em construções de Controle objeto, provoca então em um movimento “de vácuo” no sentido de ocupar os espaços esvaziados pelas completivas subjuntivas, entre outros espaços sintáticos, a fim de superar o *Problema da Incompatibilidade*.

REFERÊNCIAS

ALI, Manoel Said. (1931) **Gramática histórica da Língua portuguesa**. 2ed. São Paulo: Melhoramentos. Em duas partes com paginação irregular.

BELFÁDEL, Arturo Aly. (1907) **Grammatica Magiara**. [S.l.:s.n.]

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês. (2003) Orações relativas e construções aparentadas. In: **Gramática da Língua portuguesa**. 6ed. Lisboa: Caminho. Cap. 16, 653-694.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. (2003) Aspectos sintáticos da gramática do português. In: **Gramática da Língua portuguesa**. 6ed. Lisboa: Caminho. Cap. 20, 795-867.

CASTILHO, Antonio Feliciano de. (1849) **A felicidade pela agricultura**. Rio de Janeiro: Dois Mundos editora.

CECCHETTO, Carlo; ONIGA, Renato. (2001) **Consequences of the analysis of Latin infinitival Clauses for the Theory of Case and Control**. Disponível em: http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/latin.doc. Acesso em: 12 jun. 2004.

CEGALLA, Domingos Paschoal. (1980) **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 21ed. São Paulo: Nacional.

CHOMSKY, Noam. (1980) On Binding. **Linguistic Inquiry**, n. 11, p. 1-46.

_____. (1981) **Lectures on government and binding: The Pisa Lectures**. Dordrecht: Foris Publications.

_____. (1982) **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding**. Cambridge: MIT Press.

_____. (1986a) **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use**. New York: Praeger.

_____. (1986b) **Barriers**. Cambridge: MIT Press.

_____. (1993) A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (ed.). **The view from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge: MIT Press.

_____. (1995). **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press.

CHOMSKY, Noam; LASNIK, H. (1993) The theory of principles and parameters. In: JACOBS, J.; STECHOW, Arnim von; STERNFELD, Wolfgang; VENNEMANN, Theo (ed.). **Syntax: An International Handbook of Contemporary Research**. Berlin and New York: Walter de Gruyter.

DINIS, Júlio. (1871) **Os fidalgos da casa mourisca**. Porto: Livraria Civilização Editora.

- DUARTE, Inês. (2003) Subordinação completiva: as orações completivas. In: **Gramática da Língua Portuguesa**. 6ed. Lisboa: Caminho. Cap. 15, 593-651.
- GAMILSCHEG, Ernst. (1913) Studien zur Vorgeschichte einer romanischen Tempuslehre. In: **Sitzungsberichte der Kais.** Akademik der Wissenschaften in Wien. Philosophisch-Historische Klasse, v. 172, p. 1-305.
- GARCÍA DE DIEGO, Vicente. (1946) **Manual de dialectología española**. Madri: Instituto de Cultura Hispánica.
- GÓIS, Carlos. (1951) **Sintaxe de concordância**. 10ed. Rio de Janeiro: Gráfica Sauer.
- HAEGEMAN, Liliane. (1994). **Introduction to Government and Binding Theory**. 2ed. Cambridge: Blackwell Publishers Inc..
- HORNSTEIN, Norbert. (2001) **On control**. Disponível em <http://www.ling.umd.edu/hornstein/>. Acesso em: 16 nov. 2004.
- HUANG, J. (1989) Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. In: JAEGGLI; SAFIR (ed.). **The null subjects Parameter**. [S.l: s.n], p. 185-214.
- MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo (2004). **Raising Issues in Brazilian and European Portuguese**. Capítulo de livro não publicado.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (1983) **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1971). **A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 4 v. Edição crítica. Mimeografado.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1984). **Estruturas Trecentistas**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1993). **Diálogos de São Gregório**. In: *Dicionário da Literatura Medieval galega e portuguesa*. Giulio Lanciani e Giuseppe Lavani. Lisboa: Caminho.
- MAURER Jr., Theodore. (1968) **O infinitivo flexionado português**. São Paulo: Companhia editora nacional.
- McCLOSKEY, J.. (1986) Inflection and conjunction in modern Irish. **Natural Language and Linguistic Theory**, 4:2, p. 245-282.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. (2004). **Novo manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular.
- NUNES, Jairo M. (1991) *Se* passivador e *se* indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. **Caderno de estudos lingüísticos**. Campinas, n. 20, 33-58, jan/jun.

OLIVEIRA, Fátima. (2003) Modalidade e modo. In: **Gramática da Língua Portuguesa**. 6ed. Lisboa: Caminho. Cap. 9, 243-272.

ORTEGA-SANTOS, Iván. (2003) **Los sujetos lexicos de infinitivo em español: concordancia abstracta y el principio de la proyeccion extendida**. Tese (*Master os arts with a major in Spanish*). Universidade do Arizona.

POGGIO, Rosauta. (1991) **Estudo sincrônico-diacrônico das orações infinitivas em latim e em português**. 200f. Dissertação (mestrado em lingüística). Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia.

RADFORD, Andrew. (1997) **Syntactic theory and the structure of english**. Cambridge: Cambridge University Press.

RAPOSO, Eduardo Paiva. (1992) **Teoria da gramática: a faculdade da Linguagem**. 2ed. Lisboa: Caminho.

_____. (1987). Case Theory and Infl-to-Comp: the Inflected Infinitive in European Portuguese. **Linguistic Inquiry**, n. 19(1), p. 85-110.

RIBEIRO, Ilza Maria de Oliveira. (1988) **O papel do traço [+acordo] em construções com o infinitivo flexionado**. 181f. Dissertação (mestrado em lingüística teórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. (1989) **Acordo anafórico ou pro degenerado**. Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL. Recife. P. 882-890.

_____. (1995) **A Sintaxe da Ordem no PB: o efeito V2**. Tese (doutorado em Lingüística teórica). Unicamp, Campinas.

ROHLFS, Gerhard [entre 1949 e 1954] **Historische Grammatik der italianischen Sprache**. Berna: A. Francke.

SAVJ-LOPEZ, Paolo. (1900) Studi d' Antico Napolitano. **Zeitschrift für romanische Philologie**, v. 24, p. 501-507.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. (1917) O imperfeito do Conjuntivo e o Infinitivo Pessoal no português. **Boletim de segunda classe da Academia das Ciências de Lisboa**, v. 12, n. 3, p. 289-292 e 312-331.